

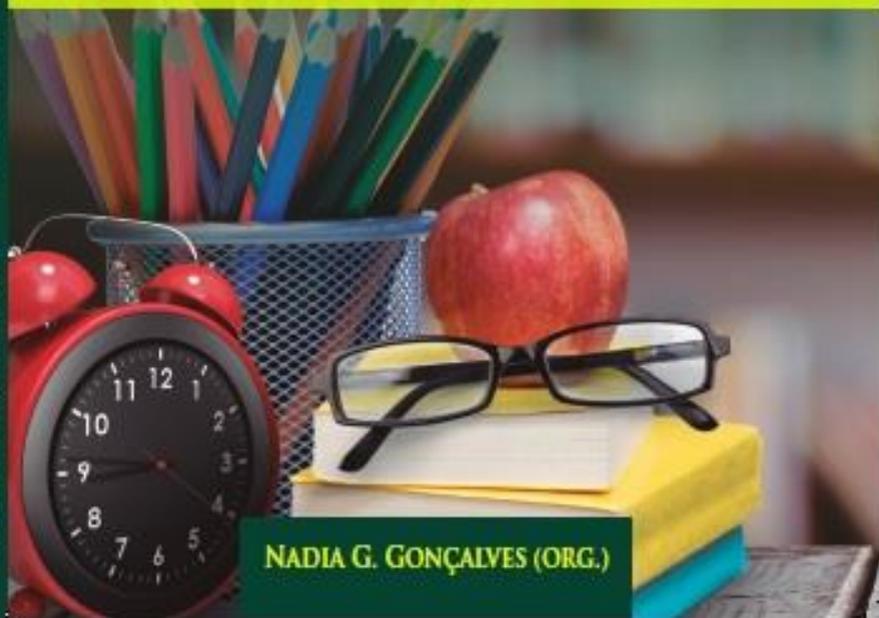
HISTÓRIAS & MEMÓRIAS sobre Educação

NADIA G. GONÇALVES (ORG.)

HISTÓRIAS & MEMÓRIAS

sobre Educação

TRAJETÓRIA E ATIVIDADES DE UM PROJETO DE EXTENSÃO



NADIA G. GONÇALVES (ORG.)

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS
SOBRE EDUCAÇÃO:
trajetória e atividades de um
projeto de extensão

Nadia G. Gonçalves (org.)

1ª Edição
Setor de Educação - UFPR

Curitiba, PR, 2016

Catálogo na Fonte: Universidade Federal do Paraná.
Biblioteca de Ciências Humanas.

Histórias e memórias sobre educação: trajetória e atividades de um projeto de extensão / Organização: Nadia G. Gonçalves.
- Curitiba: UFPR – Setor de Educação, 2016.

188 p.

ISBN 978-85-8465-014-9

1. Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação. 2. Extensão Universitária – projetos. 3. Universidade Federal do Paraná – Setor de Educação – História. I. Gonçalves,

Nadia Gaiofatto.

CDD 20.ed. 370.98162

Sirlei do Rocio Gdulla CRB-9ª/985

Equipe atual do projeto

Histórias e Memórias sobre Educação

Outubro/2016

- ❖ Nadia Gaiofatto Gonçalves (Coordenadora - DTPEN)
- ❖ Cleusa Valério Gabardo (Vice-coordenadora - DTFE)

- ❖ Bruno Ercole (Graduando – História)
- ❖ Carina Abreu Soares (Graduada – Ciências Sociais)
- ❖ Danielle Manika Koeb (Graduanda – Pedagogia)
- ❖ Letícia Moreira Almeida (Graduanda – Pedagogia, Bolsista Fundação Araucária)
- ❖ Marcus Vinicius Leite (Graduando – História, Bolsista Extensão)
- ❖ Mariah Caratin de Araújo (Graduanda – Pedagogia)
- ❖ Monalisa Mota (Graduanda – Pedagogia, Bolsista Extensão)
- ❖ Priscila Moschetta (Graduanda – Pedagogia, Bolsista Extensão)
- ❖ Solange Rodrigues de Oliveira (Graduanda – Pedagogia)

Capa

Luciana Laroça

Logomarca do projeto

Giovani de Andrade Sartori

Diagramação

Bruno Ercole

SUMÁRIO

PARTE I – Reflexões sobre o projeto

Apresentação – <i>Nadia G. Gonçalves</i>	8
Capítulo I – Histórias e memórias sobre educação: um projeto de extensão e muitas possibilidades... – <i>Nadia G. Gonçalves</i>	12
Capítulo II – Histórias vivas e histórias vividas, contadas por seus protagonistas – <i>Cleusa Valério Gabardo</i>	43
Capítulo III – Preservando memórias: A importância da história oral de professores e funcionários aposentados do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná – <i>Carina Abreu Soares e Priscila Moschetta</i>	61
Capítulo IV – Histórias, memórias, educação e historiografia: a teoria na prática – <i>Bruno Ercole</i>	81
Capítulo V – A organização do arquivo histórico: o acervo do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná - <i>Samanta Gomes de Souza e Rayza Adriely Ferreira</i>	96
Capítulo VI – Horizontes e experiências provenientes da ação no projeto de extensão "Histórias e Memórias sobre Educação" no arquivo permanente do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná - <i>Monalisa Mota</i>	111
Capítulo VII – Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná: 10 anos de uma construção coletiva – <i>Ana</i>	122

<i>Lygia Czap e Luzinete Pereira da Silva</i>	
Capítulo VIII – A Biblioteca além da biblioteca: registros da história através dos livros do CEP – <i>Danielle Manika Koeb e Solange Rodrigues de Oliveira</i>	131
Capítulo IX – O projeto de pesquisa do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Formação e Práticas Educativas (NUHFOPE) e a parceria com o Projeto de Extensão Histórias e Memórias Sobre Educação – <i>Liane Maria Bertucci e Leziany Silveira Daniel</i>	143

PARTE II – Documentos relacionados ao projeto

1. Passo a passo das atividades no arquivo	159
2. Procedimentos relativos a documentos do Setor de Educação	161
3. Manual de transcrição das entrevistas	171
4. Roteiro de filmagem	173
5. Termo de cessão	178
6. Carta para os depoimentos de professores em entrevista para o projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação	179
7. Roteiro para os depoimentos de professores em entrevista para o projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação	181

Apresentação

O Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação foi registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 2014. Porém, várias de suas ações tiveram início antes dessa formalização, como os artigos que o compõem evidenciam.

Este livro tem por objetivo registrar, publicizar e difundir as ações e experiências envolvidas neste Projeto, a partir da percepção de membros da equipe – estudantes (bolsistas, estagiários e voluntários), docentes e também colaboradores externos. Busca-se evidenciar a riqueza formativa, nos âmbitos acadêmico, cidadão e social, e a importância desta iniciativa para chamar a atenção, preservar e registrar elementos relativos a memórias e histórias sobre educação, em especial, mas não somente, a educação formal, escolar.

Está dividido em duas partes, a primeira, em que os participantes do projeto tecem suas reflexões acerca de diversas dimensões e atividades; e a segunda, na qual são compartilhados os procedimentos metodológicos desenvolvidos ao longo do projeto, também com o propósito de contribuir mais concretamente com outras iniciativas relacionadas à temática.

Aproveito a oportunidade para agradecer a todos e a cada um que de alguma forma colaborou para essa trajetória, muitos não nomeados diretamente mas que com certeza fazem parte dessa história e de seus resultados.

Aos leitores, espero que os textos que vêm a seguir inspirem outras iniciativas similares, ou ao menos, a maior sensibilidade e preocupação com estas memórias e histórias que muitas vezes são descartadas, o que contribui para o silenciamento de uma voz, de uma vida, de uma experiência, que em conjunto com tantas outras, contribuíram para a construção de nosso passado e para a configuração do presente.

Nadia G. Gonçalves

Outubro/2016.

PARTE I

REFLEXÕES SOBRE O PROJETO

CAPÍTULO I

Histórias e memórias sobre educação: um projeto de extensão e muitas possibilidades...

Nadia G. Gonçalves¹

O objetivo deste capítulo é apresentar de forma panorâmica as proposições e atividades envolvidas no Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação, que foi registrado na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 2014. Porém, muitas ações tiveram início anterior a esse ano de formalização.

O Projeto envolve a História da Educação, associada à dimensão formativa relacionada ao registro e à preservação de fontes sobre a educação, em formatos diversos, sejam depoimentos, livros e periódicos, documentos escritos diversos, e cultura material escolar. Assim, o eixo comum de todas as atividades do Projeto é a preocupação com essas fontes e acervos, tanto na dimensão de preservação, quanto de uso educativo.

¹ Professora do Departamento de Teoria e Prática de Ensino – Setor de Educação UFPR e coordenadora do Projeto. Contato: nadiagg@ufpr.br

Este capítulo está então organizado de forma a apresentar a) o tema e os objetivos do projeto; b) as ações com o encaminhamento e fundamentação metodológicos; c) a caracterização dos princípios extensionistas, em relação às atividades desenvolvidas.

O Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação

O debate acerca da importância de fontes, na área da História da Educação, e os esforços para o desenvolvimento de projetos para levantamento e catalogação das mesmas, seja como acervos documentais, arquivos escolares, registros de depoimentos, fotografias, bibliografias, entre outros, têm sido um movimento importante, em especial a partir dos anos de 1990, no Brasil.

Devido a razões administrativas, limitações quanto a infraestrutura física e de recursos humanos, entre outros, diversos tipos de documentos cuja guarda não tem amparo legal nas escolas, têm sido sistematicamente destruídos ou maltratados, dispersos ou perdidos. De certa forma, infelizmente, esta também é a realidade de acervos documentais de grande parte das instituições de ensino superior, como a própria UFPR, que vem discutindo essa temática nos últimos anos, com a contratação dos primeiros arquivistas, preocupação reforçada pela Lei de Acesso à Informação e por iniciativas fomentadas pelo Edital 100 Anos UFPR.

O projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação, no âmbito destas preocupações, tem por objetivo geral promover ações educativas, formativas, de pesquisa e de constituição e preservação de acervos e fontes relacionados à História da Educação, em especial do Paraná.

Como desdobramento deste objetivo central, outros mais específicos foram propostos:

- organizar e promover: a) eventos e cursos de Extensão, disciplinas optativas e disciplinas de pós-graduação, grupo de estudo, voltados para a preservação, cuidados e organização de acervos documentais e históricos escolares; b) pesquisas relacionadas à História da Educação; c) utilização de fontes e espaços históricos para o ensino de História; entre outros;

- constituir um acervo audiovisual de depoimentos sobre histórias e memórias relacionadas à Educação;

- organizar, higienizar e preservar o acervo documental histórico do Setor de Educação;

- constituir e disponibilizar acervo documental sobre História da Educação, junto ao Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação - CDPHE (Setor de Educação/UFPR);

- desenvolver materiais acadêmicos, didáticos e educativos relacionados às temáticas do Projeto, que possam ser utilizados e distribuídos em ações educativas e formativas, a fim de potencializar os resultados e a multiplicação das informações junto às instituições de origem dos participantes;

- auxiliar no desenvolvimento de projetos de organização e preservação de arquivos e acervos relacionados à Educação, como arquivos escolares;

- reunir e disponibilizar para consulta e divulgar a produção acadêmica relacionada à História e Historiografia da Educação;

- estimular a valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural e da memória em relação às instituições escolares;

- reunir, organizar e divulgar fontes e pesquisas referentes à História da Educação do Estado do Paraná, como acervos e arquivos escolares e depoimentos, sob a guarda do CDPHE.

Muitos destes objetivos estão sendo desenvolvidos, como será abordado neste e em outros capítulos do livro.

O projeto na prática: referenciais, encaminhamentos, resultados

As diretrizes estabelecidas no livro “Pedagogia da Autonomia” (2007), de Paulo Freire, constituem pressupostos metodológicos deste Projeto. Este autor aborda uma pedagogia ética, que tem como base o respeito à dignidade e à autonomia do estudante (no caso, estendida a todos os participantes do Projeto), e uma atitude, nas ações desenvolvidas, que deve estimular, promover e subsidiar os participantes para que se percebam como agentes sociais, por meio do conhecimento. Ao mesmo tempo, Freire evidencia que a relação entre os

educadores e educandos deve ser dialógica, construída sob o pressuposto que todos têm o que aprender, uns com os outros, o que ocorre desde que haja o reconhecimento e a abertura para este aprendizado. Neste sentido, não é propósito das atividades previstas neste Projeto “transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção” (FREIRE, 2007, p.22).

As bases da pedagogia da autonomia articulam-se com o conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu: “trata-se de disposições adquiridas pela experiência, logo, variáveis segundo o lugar e o momento” (2004, p.21). Ou seja, é o conjunto de crenças, valores e conhecimentos, que cada agente social possui, construído ao longo de sua vivência, e que o predispõe a determinadas atitudes e práticas, relacionadas ao seu lugar social. Para Bourdieu, os espaços sociais em que o agente viveu, os valores e saberes que permearam estes espaços, foram por ele reconhecidos, selecionados, articulados, consciente ou inconscientemente, configurando quem ele é, de acordo com “sua” própria percepção. No caso dos envolvidos no Projeto, assume-se o pressuposto de que cada um tem uma trajetória, memórias, conhecimentos, enfim, um *habitus* que ao mesmo tempo em que é constituído socialmente, também é reforçado ou reelaborado por oportunidades de interação e vivência com outras pessoas, espaços e instituições.

A partir desses pressupostos, as atividades do Projeto, que são interrelacionadas, têm encaminhamentos específicos, a saber:

I - Constituição de acervo audiovisual de depoimentos sobre histórias e memórias relacionadas à Educação².

Foram elaborados roteiros básicos, para orientar e garantir a presença de algumas informações comuns, com foco na história da educação. É condição para o registro do depoimento, a assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido do mesmo, para uso em fins acadêmicos, educativos, didáticos e culturais. Os depoentes têm acesso ao documento antes, para que possam definir se aceitam as condições nele colocadas. Esta condição deve-se ao fato dos objetivos do acervo, que necessariamente deverá ser aberto a acesso ao público, e a uso por parte de pesquisadores, bem como da própria equipe do Projeto. A filmagem em geral é realizada na UFPR, na sala de videoconferência do Setor de Educação.

A perspectiva teórico-metodológica tem por base os pressupostos da História Oral, como narrativas de vida (BOSI, 1994; THOMPSON, 1972; POLLACK, 1992). É solicitado que os entrevistados tragam documentos (fotografias, cadernos, livros, etc) que queiram doar, ou que possam emprestar para serem digitalizados e incorporados ao acervo digital do CDPHE, ficando relacionados ao registro do depoimento, como complementos. Neste sentido, esta atividade é bastante articulada à seguinte.

II - Constituição e disponibilização de acervo documental sobre História da Educação, junto ao Centro de

² Esta atividade é abordada nos capítulos de Cleusa Valério Gabardo, vice-coordenadora deste Projeto de Extensão; de Carina Abreu Soares e Priscila Moschetta; e de Bruno Ercole.

Documentação e Pesquisa em História da Educação – CDPHE (Setor de Educação/UFPR).

Está relacionado aos documentos que acompanharão os depoimentos, porém não se limita a eles. Neste caso, há (está em construção) um acervo físico e um digital. O primeiro é composto de documentos históricos doados ao acervo, que são higienizados, catalogados e que compõem um índice a ser disponibilizado no site do CDPHE. O segundo, seguindo a mesma lógica do acervo físico, corresponde a documentos históricos cujos proprietários permitem a digitalização para que fiquem disponíveis para consulta e uso acadêmico. Para os cuidados técnicos relacionados aos documentos, observam-se as indicações de Bellotto (1994), Faria Filho (2000) e Zaia (2004).

As relações dos acervos físico e digital serão disponibilizadas no site do CDPHE (em construção): <http://www.educacao.ufpr.br/portal/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/>

Neste tópico, pode ser destacada a parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Formação e das Práticas Educativas, o NUHFOPE³, por meio do projeto de pesquisa intitulado Fontes para a História da Formação e das Práticas Educativas: levantamento em bibliotecas da UFPR, cujo resultado também será disponibilizado no site do CDPHE.

Na medida em que estas informações estiverem disponíveis, espera-se que possa iniciar a procura por estes documentos, para fins de ensino e pesquisa.

³ Esta atividade é abordada no capítulo de Liane Maria Bertucci e Leziany Silveira Daniel.

III – Organização, higienização e preservação do acervo documental histórico do Setor de Educação⁴

Com orientações da área de arquivística, e sob as recomendações técnicas relacionadas à higienização, organização e catalogação de documentos, o acervo documental histórico do Setor de Educação está sendo objeto dessas ações, visando à sua preservação e à divulgação dos documentos ali disponíveis.



Figura 1 – Bolsista com materiais de proteção, realizando higienização de documentos – Arquivo histórico do Setor de Educação (2015).

Neste primeiro momento, o que está sendo efetivado é a higienização e inventário do material, para depois ser feita sua organização.

⁴ Esta atividade é abordada nos capítulos de Bruno Ercole; de Samanta Gomes de Souza e Rayza Adriely Ferreira; e de Monalisa Mota.



Figura 2 – Arquivo do Setor de Educação (2014).



Figura 3 – Parte das caixas com documentos do Setor de Educação, já higienizados (setembro/2016) sala 114

A listagem já é disponível para interessados, tanto em dimensão administrativa quanto acadêmica, sendo que até o momento (outubro/2016) foram higienizadas mais de 500 caixas de documentos⁵.

Em 2014 foi composta uma Comissão de Avaliação Documental do Setor de Educação – professoras Gizele de Souza (DEPLAE), Leziany Silveira Daniel (DTPEN) e Liane Maria Bertucci (DTFE) e a servidora técnica Leonice R. O. Franco, conforme Portaria 41/14-ED com participação da Coordenação deste Projeto de Extensão – que tem desenvolvido ações de avaliação de parte desta documentação, e estabeleceu diretrizes para procedimentos relativos a documentos no Setor de Educação⁶, aprovados pelo Conselho Setorial do Setor de Educação em 17 de dezembro de 2015.

Para a elaboração destas orientações, houve o apoio técnico da Comissão Permanente de Avaliação de Documentos (CPAD) da UFPR⁷, que também esteve presente em uma reunião de orientação aos servidores técnicos do Setor, realizada na Semana de Planejamento em fevereiro de 2016, e em outra, mais recente, em setembro de 2016.

IV – Ações educativas/formativas, de pesquisa e assessoria, relacionadas ao patrimônio histórico escolar (acervos)

⁵ As Direções do Setor de Educação sempre apoiaram e apoiam as ações deste projeto, seja com recursos materiais e quando possível, também humanos, em especial quanto ao Arquivo Histórico do Setor, por isso, um agradecimento especial deve ficar aqui registrado.

⁶ Disponíveis na segunda parte deste livro.

⁷ Contato: cpad@ufpr.br

Pretendia-se desenvolver ações educativas e de apoio (visitas, orientações, análise de acervo) quanto a acervos escolares específicos, em especial, com a parceria da área da gestão do Patrimônio Histórico Escolar da Rede Estadual de Educação Pública do Paraná – SUDE. Porém na prática o que está sendo realizado neste âmbito é a parceria com o Colégio Estadual do Paraná (CEP), desde 2006 quando os diálogos e ações foram lá iniciados⁸.

Em um primeiro momento o objetivo da parceria com o CEP era de organização de seus documentos, e posteriormente a ideia avançou para a criação de um Centro de Memória, com a criação da Comissão de Implantação do Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná (CMCEP), composta por servidores indicados pela direção do Colégio, por representantes da Secretaria de Estado da Educação, por professores da Universidade Federal do Paraná e por representantes da comunidade externa. Esta comissão foi sendo alterada ao longo do tempo de sua existência 2006-2010 – e fica extinta após o CMCEP ter sido aprovado pelo Conselho Escolar como parte do organograma do Colégio, junto de seu Regimento Interno (reunião do Conselho Escolar de 01 de junho de 2010).

Neste sentido, cabe lembrar que este processo de implantação contou com o significativo e determinante apoio da então diretora do CEP, professora Maria Madselva Ferreira Feiges que apoiou o projeto seja com recursos materiais, humanos, políticos (em relação ao Conselho Escolar e ao

⁸ Abordada nos capítulos de Ana Lygia Czap e Luzinete Pereira da Silva; de Danielle Manika Koeb e Solange Rodrigues de Oliveira; e de Bruno Ercole.

regimento), bem como espaciais, com a cessão do espaço da antiga casa do zelador, para sediar o Centro de Memória.

Vale a pena registrar os participantes⁹, com base nas atas da Comissão, conforme consta no Quadro 1. Como não há informações de saídas de membros, apenas os nomes vão sendo alterados nas representações, optou-se por indicar o período em que os membros participaram das reuniões, bem como o número de reuniões em que participaram, no período em que são mencionados. A Comissão existiu de 02 de agosto de 2006 a 15 de junho de 2010, tendo sido realizadas 29 reuniões no total.

Quadro 1 – Membros da Comissão de Implantação do Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná (2006-2010) – presenças nas reuniões da Comissão

Membro	Representação	Período	Presença
Nadia Gaiofatto Gonçalves	UFPR	02/08/2006 a 15/10/2010	24
Liane Maria Bertucci	UFPR	02/08/2006 a 15/10/2010	09
Elza Maria de Carvalho Fachini	CEP	02/08/2006 a 27/03/2007	02
Márcia Maria Aguiar	CEP	02/08/2006 a 08/05/2008	09

⁹ A professora Serlei Maria Fischer Ranzi foi fundamental nos primeiros contatos com o Colégio para o desenvolvimento do projeto, porém não fez parte da Comissão devido aos encargos administrativos na UFPR. A lista da equipe do projeto, então registrado somente como pesquisa – com financiamento parcial da Fundação Araucária – de 2006 a 2010, está disponível em <http://www.educacao.ufpr.br/portal/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/projetos-de-pesquisa-vinculados-ao-cdphe/>

Edílson Aparecido Chaves	CEP	02/08/2006 a 11/10/16	02
Denílson Roberto Schena	CEP	02/08/2006	01
Rosa Tusekii Ueno	CEP	02/08/2006 a 29/05/2007	05
Rosa do Carmo Loureço Gianotto	CEP	02/08/2006 a 29/05/2007	04
Josane A. França Buschmann	CEP	02/08/2006 a 06/08/2008	11
Simone Luiza Baranhuk	CEP	27/03/2007 a 26/09/2007	05
Laureci Schmitz Rauth	CEP	24/04/2007	01
Mariana Rocha Zacharias	CEP	08/05/2008 a 15/10/2010	19
Dulcirene Montanha Moletta	CEP	08/05/2008 a 28/05/2009	05
Ariadne C. S. Della Giacoma	CEP	08/05/2008 a 06/08/2008	02
Lauro Goldback	CEP	06/08/2008 a 14/08/2008	02
Gilberto Martins Dagostim	CEP	17/10/2008 a 11/05/2009	06
Itamar Suckow	CEP	17/10/2008 a 11/05/2009	03
Paula Cristina Pacheco Cornehl	CEP	06/10/2009 a 14/12/2009	03
Éder Fernando dos Santos	CEP	06/10/2009 a 26/04/2010	03
Ana Lygia Czap	CEP	27/10/2009 a 15/10/2010	05
Fátima B. Godinho de Castro	CEP	27/10/2009 a 14/12/2009	02
Égide Maria Nascimento	Comunidade	02/08/2006 a	23

Petterle	externa/CEP	15/10/2010	
Ernani Costa Straube	Comunidade externa	28/02/2008 a 15/10/2010	10
Sandro Cavalieri Savóia	SEED	02/08/2006	01
Eduel Domingues Bandeira	SEED	11/10/2006 a 29/05/2007	03
Marcelo Fronza	SEED	11/10/2006 a 29/05/2007	02
Paulo César Medeiros	SEED	02/06/2008 a 15/10/2010	14
Maria Helena Pupo Silveira	SEED	02/06/2008 a 15/10/2010	13
Maria de L. Mazza de Farias	SEED	02/06/2008 a 06/08/2008	02
Ronel Corsi	SEED	13/04/2009 a 11/05/2009	02
Cristiane Regina Zimmermann	SEED	26/02/2010 a 26/04/2010	02
Márcia Eliza Doré	Arquivo Público do PR	02/07/2009	01

Fonte: Atas da CI-CMCEP (2006 a 2010).

A parceria continua até o momento, envolvendo ações de organização e preservação da cultura material escolar e ações educativas. Desta ação já foram originados produtos acadêmicos, como os artigos de Gonçalves (2008 e 2012) e de Ranzi e Gonçalves (2010).

Iniciada em 2016, está em andamento uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, cuja principal ação foi uma pesquisa diagnóstica nas Escolas e Centros Municipais de Educação Infantil quanto ao acervo documental e

de cultura material escolar. Os encaminhamentos pós-diagnóstico estão em discussão. Destaca-se que este diálogo teve início a partir da defesa de dissertação de mestrado de Colere (2015), que teve a questão dos arquivos escolares desta Secretaria como objeto.

Outra parceria iniciada em 2016 é com a equipe do Museu da Escola Paranaense, com uma atividade relacionada à educação patrimonial, a ser realizada com estudantes de duas turmas do Curso de Pedagogia, no Museu Paranaense, no mês de outubro deste ano. Também está em desenvolvimento uma proposta de curso de extensão sobre o mesmo tema, para o mês de fevereiro de 2017.

As principais orientações para as ações III e IV estão em Mogarro (2005), São Paulo (2003), Vidal e Zaia (2001) e Zaia (2004).

V - Promoção de eventos e cursos de extensão, disciplinas optativas e disciplinas de pós-graduação, grupo de estudo, relacionados às temáticas do projeto

Neste caso, a proposta é ofertar eventos e cursos sobre, por exemplo, preservação, cuidados e organização de acervos documentais escolares; pesquisas e publicações relacionadas à História da Educação; utilização de fontes e espaços históricos para o ensino de História; entre outros. Em cada um dos casos, os conteúdos, carga horária, metodologia, referenciais e avaliação são explicitados quando do registro das atividades, porém destacam-se as proposições de Carretero (1997), Gonçalves (2010 e 2012), Monteiro (2003), Bourdieu (2004) e Perrenoud (2001).

Busca-se em especial que as disciplinas de graduação (Pedagogia e História) voltadas à História da Educação e ao Ensino de História, bem como outras, da Linha de História e Historiografia da Educação (PPGE-UFPR) possam ser beneficiadas quanto a seus conteúdos e abordagens, por meio do conjunto de ações do Projeto.

Sobre essa ação, as atividades desenvolvidas até o momento foram:

- Disciplina optativa Tópicos Especiais em História da Educação V (ET129), com duas turmas em oferta de férias, concentradas, no mês de julho de 2014, com os seguintes objetivos: apresentar fundamentos sobre fontes históricas, com ênfase para a História da Educação; discutir tipos e usos de fontes históricas e acervos escolares; e refletir sobre possibilidades de usos de fontes históricas relacionadas à História da Educação, para o ensino de História. Entre as duas turmas, houve 94 estudantes de Pedagogia que a cursaram.

- Disciplina optativa A História fora da sala de aula (EM145), com uma turma, concentrada em oferta de férias, em fevereiro de 2016, com os seguintes objetivos: discutir possibilidades metodológicas para o ensino de História, a partir de espaços externos à sala de aula (espaço urbano, museus, entre outros); e discutir possibilidades e limites de usos de fontes históricas no ensino de História, a partir dos espaços e acervos visitados: Colégio Estadual do Paraná (em parceria com o CMCEP), Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR, Museu Paranaense, Museu do Holocausto, Projeto Monumento em Movimento (visita guiada da Praça Tiradentes ao Museu

Paranaense), e Museu do Expedicionário. Houve 45 estudantes de Pedagogia que a cursaram.

- Curso de Extensão intitulado Temas, objetos e fontes em História da Educação, realizado de 09 de abril a 09 de julho de 2016, com 97 inscritos e 50 concluintes. Este curso envolveu docentes (na maioria, da Linha de História e Historiografia da Educação do PPGE-UFPR) e mestres e doutores por eles orientados, com o objetivo de apresentar e discutir possibilidades de temas, objetos e fontes para pesquisas em História da Educação. Quanto aos participantes, foram graduandos dos cursos de Pedagogia e História da UFPR, docentes da rede pública de ensino, mestrandos, e professores participantes do Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE).

- Oficina sobre as atividades do projeto, desenvolvida pela própria equipe, com a participação de Ana Lygia Czap (CEP), e ofertada na XXVIII Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão do Setor de Educação, no dia 31 de maio de 2016, com 2h30 de duração.

VI - Desenvolvimento de produtos acadêmicos, didáticos e educativos

Um dos propósitos do projeto é produzir materiais acadêmicos, didáticos e educativos, tanto para a formação continuada de graduandos, pós-graduandos e profissionais do campo educacional (da UFPR, docentes e técnicos; da escola pública, docentes, pedagogos e técnicos), como materiais de suporte e divulgação das atividades e propostas do Projeto; e desenvolver materiais didáticos que possam ser utilizados por

docentes da educação básica, para o ensino de História, em especial, relacionados ao uso de documentos históricos e à história local.

Neste sentido, este talvez seja um dos objetivos em que o projeto ainda precisa avançar mais, e este livro é um dos passos nessa direção, na medida em que ele tem uma finalidade didática quanto às ações e ao seu potencial formativo. A produção de materiais didáticos ainda está por ser realizada, em especial quanto ao seu potencial para o ensino de História.

Os objetivos V e VI visam a contribuir para a reflexão a respeito da função da escola e do ensino de História na escola, no mundo contemporâneo, e dos dilemas que envolvem esses temas (CITRON, 1990), trazidos para a especificidade local; e de problematização e discussão sobre o uso de fontes primárias no ensino de História (TRAVERIA, 2005), tanto por sugerirem caminhos viáveis para essa prática pedagógica, quanto por contribuírem para a superação de dilemas colocados para a escola e para o ensino de História na atualidade, mencionados acima (CARRETERO, 1997; GONÇALVES, 2010 e 2012).

Além disso, de acordo com Philippe Perrenoud, quando discute o *habitus* na formação e ação docente, dois dos dez "mecanismos suscetíveis de favorecer a tomada de consciência e as transformações do *habitus*" (p.174) são: 1) a prática reflexiva; e 2) a mudança nas representações e nas práticas. Nesse sentido, as discussões e reflexões desenvolvidas podem contribuir positivamente para a (re)constituição do *habitus* e para a tomada de consciência e transformação da prática docente dos participantes, bem como, da percepção e das práticas

relacionadas aos acervos históricos escolares e à memória sobre Educação.

Perpassando todas as ações do Projeto, estão os princípios de uma avaliação processual, contínua, formativa e participativa, realizada periodicamente, nas reuniões da equipe, ou de partes dela, conforme as pessoas envolvidas em cada atividade, incluindo os participantes/colaboradores externos.

Quanto a produtos acadêmicos relacionados ao projeto (direta ou indiretamente), além dos artigos já mencionados sobre as atividades derivadas da parceria com o Colégio Estadual do Paraná (GONÇALVES, 2008 e 2012 e RANZI e GONÇALVES, 2010) podem ser destacados:

- trabalho de conclusão de curso de Pedagogia, intitulado “História e Memória do Colégio Estadual do Paraná: uma ação educativa com alunos do 6º ano”, de Cynthia Paula Pereira e Rayza Adrielli Ferreira (2015)

- dissertação de mestrado do PPGE – UFPR, intitulada “O arquivo está morto? Legislação e memórias de arquivar em Escolas Municipais de Curitiba (1963-1993)”, de Sibeli Colere (2015);

- livro intitulado “Setor de Educação e Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (1938-2014): histórias, memórias e desafios contemporâneos”, que foi organizado por Carlos Eduardo Vieira e Nadia Gaiofatto Gonçalves (2016), e contou com alguns artigos que já utilizaram acervo documental do arquivo do Setor para sua produção. Foi lançado pela Editora UFPR.

O presente livro também é um produto que visa tanto a registrar a experiência e os caminhos do Projeto, mas em especial a percepção e as reflexões de seus participantes, docentes e discentes da UFPR e da parceria com o Colégio Estadual do Paraná.

Ainda, cabe ressaltar o orgulho da equipe ao ver seu trabalho tão valorizado pela banca da 8ª Semana Integrada de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE) e do 15º Encontro de Extensão e Cultura (ENEC), realizado em outubro/2016, com a premiação da apresentação do projeto.

O Projeto e os princípios extensionistas

Em relação aos princípios extensionistas, estão articulados, porém de forma mais didática, pode-se perceber que o Projeto os contempla da seguinte forma:

I - Indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão: este princípio permeia as atividades propostas na medida em que há diversos agentes envolvidos (discentes, docentes, servidores e comunidade externa) na construção e desenvolvimento das ações, processo que busca-se sistematizar para reflexão e análise, gerando e aperfeiçoando conhecimentos de distintas áreas acerca da temática do projeto. As atividades propostas envolvem ações formativas (ensino de graduação, de pós-graduação, eventos, cursos) para públicos diversos, além de contribuir para a revisão de abordagens e conteúdos de disciplinas ofertadas na UFPR; associadas à produção de conhecimento (pesquisas, desenvolvimento de materiais

didáticos, educativos e acadêmicos), podendo ainda contribuir para outras pesquisas por meio dos acervos produzidos, organizados e catalogados, que serão disponibilizados para acesso público; e se relaciona com a comunidade externa à UFPR em diversos âmbitos, como com o Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná, e com a Secretaria Municipal de Educação de Curitiba.

II - Interdisciplinaridade: a proposta abrange diálogos interdisciplinares, envolvendo servidores (docentes e técnicos), de diversas áreas, promovendo ações que poderão enriquecer tanto as aprendizagens e ações planejadas pela equipe, quanto a formação inicial e continuada da própria equipe e dos demais participantes, no estabelecimento de diálogos e construção de conhecimento. São envolvidos, neste momento, docentes dos seguintes Departamentos: Teoria e Prática de Ensino; Teoria e Fundamentos da Educação; Planejamento e Administração Escolar, além da colaboração de servidoras que compõem a CPAD. Até o momento, houve nas ações do projeto, graduandos dos cursos de História (de licenciatura/bacharelado e de bacharelado), da Pedagogia e das Ciências Sociais, além de mestres, doutores e mestrandos e doutorandos da Linha de História e Historiografia da Educação.

III - Interação dialógica: os pressupostos metodológicos (inclusive de avaliação) estabelecem que, embora haja uma proposição e planejamento iniciais, a proposta de desenvolvimento das ações é construída coletivamente com a participação ativa dos envolvidos, a fim de buscar-se identificar

e contemplar demandas e expectativas do público alvo, dos parceiros e da própria equipe.

IV - Impacto e transformação: de acordo com o previsto nos objetivos e metodologia, entende-se que a integração de diversos participantes nas distintas ações previstas fomenta impacto e transformação a todos os envolvidos. Por exemplo:

- à equipe UFPR, oportunidade de repensar-se como profissionais, aperfeiçoar sua metodologia de ação, incrementar e colaborar para a construção e consolidação de políticas públicas relativas ao patrimônio histórico escolar e arquivos escolares, e refletir e aperfeiçoar o currículo dos cursos de graduação e disciplinas da pós-graduação;

- para os discentes da UFPR, oportunidade de maior sensibilização quanto aos documentos históricos, aos depoimentos e valorização das memórias e experiências, na compreensão de que toda pessoa é agente histórico e que isso se aplica claramente à ação nos espaços escolares, podendo, além de compreender a perspectiva de outras áreas de conhecimento envolvidas nas ações, vislumbrar possibilidades de atuação profissional e de campos de pesquisa;

- para os depoentes, a oportunidade de compartilhar documentos (registros), memórias e saberes, contribuindo para a melhoria de sua autoestima e para o fortalecimento de sua dignidade e cidadania;

- para o Setor de Educação da UFPR, a possibilidade de organização e higienização de seu acervo documental histórico, o que permite impacto institucional positivo, como também acadêmico, como o desenvolvimento de pesquisas futuras; e de

valorização e registro das memórias relacionadas à sua trajetória histórica; e

- para as escolas, a Secretaria Municipal de Educação e a equipe do Museu da Escola Paranaense, a oportunidade de diálogo com o meio acadêmico em ações formativas e institucionais, como de proposição e consolidação de políticas públicas.

V - Impacto na formação dos estudantes: embora esta dimensão esteja presente nos princípios acima mencionados, destaca-se de forma complementar a eles, a possibilidade de que as ações educativas, a constituição e organização dos acervos e de depoimentos sobre educação, e a possibilidade de repensar-se as disciplinas, vêm beneficiando estudantes para além daqueles bolsistas e voluntários diretamente envolvidos nas ações do projeto, além da comunidade externa à UFPR.

Considerações finais

Este projeto de extensão teve início com várias ações propostas, e muitas outras, como desdobramentos ou novas frentes, foram sendo agregadas. Os princípios extensionistas estão articulados em seu desenvolvimento, porém não com o mesmo peso em todas as ações, sendo que sempre há o que aperfeiçoar.

No decorrer de suas ações, mesmo antes de formalizado – e portanto, desde 2006 – foram muitos os estudantes de graduação e pós-graduação, bolsistas e voluntários, servidores técnicos e docentes da Universidade que colaboraram direta e

indiretamente para que existisse e se desenvolvesse, e a todos, mesmo que não mencionados individual e nominalmente, deve ser registrado um profundo agradecimento por compartilharem dessa trajetória. Em especial aos docentes da Linha de História e Historiografia da Educação, mais diretamente relacionados à temática; à professora Cleusa Valério Gabardo, que mesmo aposentada aceitou permanecer como vice-coordenadora; e aqueles que esporadicamente contribuem, a partir de demandas específicas. Aos estudantes, o agradecimento pela dedicação, comprometimento e seriedade com que abraçaram e abraçam as atividades do projeto, com suas críticas, sua energia, seus conhecimentos e colaboração.

Também deve-se registrar a gratidão ao apoio da UFPR na forma das Bolsas 100 Anos UFPR e Bolsas Extensão, e do Fundo de Desenvolvimento Acadêmico; das Direções do Setor com recursos materiais, espaço e estagiários; dos servidores técnicos que compreendem e auxiliam na medida de suas funções, colaborando para seu bom funcionamento; das pessoas externas à UFPR com quem são estabelecidos diálogos e que se dispõem a compartilhar essas atividades, com seus desafios, demandas e conquistas.

Percebe-se nesta trajetória que há muitas demandas e possibilidades para ações que estabeleçam o diálogo entre conhecimentos produzidos na Universidade, com a comunidade externa, sejam pessoas ou instituições, em um compartilhamento de saberes e no sentido de demandas que por vezes não são percebidas ou enunciadas, até que o diálogo comece a ser construído.

Fazer extensão é tão trabalhoso quanto gratificante. Ainda falta muito para que o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão seja efetivado em toda a formação e nas práticas acadêmicas, mas uma vez que se começa a perceber essa possibilidade, não há volta. Este é um processo que vai ganhando densidade, consolidando diálogos e contribuindo para o desenvolvimento de novos conhecimentos, ao mesmo tempo em que se aponta necessários avanços no processo formativo, profissional, acadêmico, ético e cidadão de todos os envolvidos nestes diálogos.

Referências

BELLOTTO, Heloísa L. Patrimônio cultural, arquivo e Universidade. *Boletim do Centro de Memória - Unicamp*. Campinas, v. 6, n.11, p.11-18, jan-jun/1994.

BELLOTTO, Heloísa L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

BELLOTTO, Heloísa L. *Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 2002.

BOSI, Icléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

CARRETERO, Mario. *Construir e ensinar as Ciências Sociais e a História*. Trad. Beatriz A. Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CITRON, Suzanne. *Ensinar a História hoje – a memória perdida e reencontrada*. Trad. Guida M.A.de Carvalho e Luís Vidigal. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

COLERE, Sibebe. *O arquivo está morto? Legislação e memórias de arquivar em Escolas Municipais de Curitiba (1963-1993)*. Dissertação de Mestrado em Educação. PPGGE-UFPR. Curitiba, 2015. Disponível em <http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/40971>.

FARIA FILHO, Luciano M. (org.) *Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação*. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Pta, SP: Universidade São Francisco, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

GONÇALVES, Nadia G. e GONÇALVES, Sandro A. *Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2010.

GONÇALVES, Nadia G. Produção de material didático para o ensino de História: uma experiência de formação. *Revista Diálogo Educacional* (PUCPR. Impresso), v. 11, p. 933-949, 2011.

GONÇALVES, Nadia G. O arquivo escolar, a Universidade e a Escola: diálogos possíveis. *Cadernos de Educação* (UFPel), v. 31, p. 71-84, 2008.

GONÇALVES, Nadia G. Documentos de arquivos históricos escolares: possibilidades para o ensino de história. In: MOLINA, Ana H. et alli (Org.). *Ensino de História e Educação: olhares convergentes*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2012, v. 1, p. 11-36.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: _____. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 525-541.

MAGALHÃES, Justino. Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas. In: SOUSA, Cynthia P. e CATANI, Denice B. (orgs.) *Práticas educativas, culturas escolares, profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998, p.51-69.

MAGALHÃES, Justino. Contributo para a História das Instituições Educativas – entre a memória e o arquivo. In: FERNANDES, Rogério e MAGALHÃES, Justino (orgs.) *Para a História do Ensino Liceal em Portugal: Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895)*. Braga, Portugal: Universidade do Minho, 1999, p.63-77.

MAGNANI, Maria A.C. O *Memorial da Educação Paulista*. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0304.pdf>> Acesso em 18/10/2013.

MOGARRO, Maria J. Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas. Preservar a informação, construir a memória. *Pro-Posições*, v.16, n.1 (46), p.103-116, jan/abr-2005.

MONTEIRO, Ana M.F.C. A história ensinada: algumas configurações do saber escolar. *História & Ensino*, Londrina, v.9, p.37-62, out/2003.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, vol.10, p.7-28, dez/1993;

PALMA, Lucia. *Educação permanente e qualidade de vida*. Passo Fundo, UPF, 2000.

PERRENOUD, Philippe. O trabalho sobre o habitus na formação de professores: análise das práticas e tomadas de

consciência. In: PAQUAY, Léopold et alli (orgs). *Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?* 2ª ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001, p.161-184.

POLLACK, Michael, Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos* - Teoria e História, Rio de Janeiro, vol 2 nº 3. 1989. p. 3.15.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos* - Teoria e História, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? *Educar em Revista*, Curitiba, UFPR, nr.18, p.13-28, 2001.

PEREIRA, Cynthia P. e FERREIRA, Rayza A. *História e Memória do Colégio Estadual do Paraná: uma ação educativa com alunos do 6º ano*. Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia – UFPR. Curitiba, 2015.

RANZI, Serlei M. F. Fontes orais, História e saber escolar. *Educar*, Curitiba, n.18, p.29-42, 2001.

RANZI, Serlei. M. F. ; GONÇALVES, Nadia G. As fontes da escola e a pesquisa em História da Educação: contribuições do acervo do Colégio Estadual do Paraná para o campo das disciplinas escolares. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 37, p. 1-16, 2010.

ROUSSEAU, Jean-Yves, COUTURE, Carol. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Portugal: Nova Enciclopédia, 1998.

ROUSSO, Henry. O arquivo ou o indício de uma falta. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.9, nr.17, p.85-91, 1996.

SÃO PAULO (ESTADO). CENTRO DE REFERÊNCIA MÁRIO COVAS. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/> Acesso em 18/10/2013.

SÃO PAULO (ESTADO). SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. *Manual de trabalho em arquivos escolares*. Elaboração de Teresa M. M. Baeza. São Paulo: CRE Mário Covas, IMESP, 2003. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/dhe/manual_de_trabalho_em_arquivos_escolares.pdf Acesso em 18/10/2013.

SCHELLENBERG, Theodore Roosevelt. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. Tradução de Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

SILVA, Zélia L. (org.) *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp: Fapesp, 1999.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

TRAVERIA, Gemma T. *Enseñar a pensar historicamente: los archivos y las fuentes documentales em la enseñanza de la historia*. Barcelona: I.C.E. Universitat Barcelona/ Horsori Editorial, 2005.

VIDAL, Diana G. Cultura e prática escolares: uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa F. e VALDEMARIN, Vera T. (orgs.) *A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa*. Campinas, SP: autores Associados, 2005. Apoio: Unesp/FCLAr, p.3-30.

VIDAL, Diana G. e ZAIA, Iomar B. De arquivo morto a permanente: o arquivo escolar e a construção da cidadania. In:

MORAES, Carmem S. V. e ALVES, Júlia F. (orgs.) *Contribuição à pesquisa do ensino técnico no Estado de São Paulo: inventário de fontes documentais*. São Paulo: Centro Paula Souza, 2001(?), p.33-42.

VIEIRA, Carlos E. e GONÇALVES, Nadia G. (orgs.) *Setor de Educação e Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (1938-2014): histórias, memórias e desafios contemporâneos*. Curitiba: Ed.UFPR, 2016.

ZAIA, Iomar B. *O acervo escolar: organização e cuidados básicos*. São Paulo: Faculdade de Educação – USP, 2004.

CAPÍTULO II

Histórias vivas e histórias vividas, sobre educação, contadas por seus protagonistas

Cleusa Valério Gabardo¹⁰

A constituição de um acervo audiovisual de depoimentos sobre histórias e memórias da Educação faz parte das ações previstas no projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação, cujo objetivo é promover ações educativas, de pesquisa e de constituição e preservação de acervos e fontes relacionados à história da educação no Brasil, em especial do Paraná. O convite a professores aposentados para prestarem depoimentos, conforme consta na proposta, promove a valorização de vivências e experiências de pessoas idosas que dedicaram sua vida profissional à educação, mediante o reconhecimento destas memórias, pelo registro e possibilidade de compartilhamento com participantes de outros projetos dessa natureza. O registro da participação desses professores poderá se constituir fonte importante para inúmeras finalidades, entre as

10 Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Doutora em Educação pela Universidade de Salamanca-ES.

quais: pesquisas sobre História da Educação para TCCs, dissertações e teses; possibilidade de enriquecer e aprofundar conteúdos discutidos em aulas, na própria UFPR (nas disciplinas de História da Educação e de Metodologia do Ensino de História, Seminários e Disciplinas de Pós-Graduação, entre outras); o desenvolvimento de materiais acadêmicos, didáticos e educativos acerca de memórias, assim como para o ensino de história em nível fundamental e médio.

A participação de alunas e alunos bolsistas e voluntários tem sido de fundamental importância para a realização das entrevistas e posterior transcrição para texto escrito. Porém, acima de tudo, tem se constituído parte de um aprendizado interdisciplinar e articulado com experiências práticas, que se coaduna com o pensamento de Paulo Freire (2007), quando defende a pedagogia da autonomia cuja base é o respeito à dignidade e à autonomia do estudante. Esse autor evidencia que a relação entre os educadores e educandos (no caso, equipe e demais participantes) deve ser dialógica, construída sob o pressuposto que todos têm o que aprender uns com os outros, o que ocorre desde que haja o reconhecimento e a abertura para esse aprendizado. Em consonância com essa linha de raciocínio, acredita-se que

O ser humano que somos hoje e que foi construído historicamente, é fruto não só da evolução da ciência enquanto resultado de investigações e sistematizações de conhecimentos acumulados, mas também, da experiência que acumulou a partir do seu envolvimento com esse e com outros tipos de conhecimentos, no âmbito das relações sociais e com a natureza (GABARDO, 2010, p.64).

Enfatiza-se também a afirmação constante na proposta inicial desse projeto, de que as bases da pedagogia da autonomia articulam-se com o conceito de *habitus*, de Pierre Bourdieu (2004, p.21): “trata-se de disposições adquiridas pela experiência, logo, variáveis segundo o lugar e o momento”, que se traduzem pelo conjunto de crenças, valores e conhecimentos que cada agente social¹¹ possui, construído ao longo de sua vivência, e que o predispõe a determinadas atitudes e práticas, relacionadas ao seu lugar social.

Tanto alunos como professores e demais profissionais que atuam em instituições de ensino, são agentes sociais que têm em comum, embora diferenciada, a vivência de experiências e aprendizados decorrentes de suas funções e interações em ambientes escolares. Entende-se que depoimentos de pessoas - no caso, professores que participaram dessa dinâmica, constituem uma rica fonte de pesquisa que oferece elementos importantes para o conhecimento e compreensão de diferentes momentos da história da educação e de instituições de ensino. Na medida em que as experiências e vivências são relatadas, é

11Segundo Gonçalves e Gonçalves (2011): “Cada elemento do campo é um agente, e os agentes de um determinado campo partilham um conjunto de interesses e capital comuns, mais fortes do que os antagonismos que possam ter, ao mesmo tempo em que se trava uma luta concorrencial decorrente de relações de poder internas ao campo. Todos os campos caracterizam-se por possuírem características próprias, com dinâmicas, regras e capitais específicos e por um polo dominante e outro dominado, com possíveis gradações intermediárias e conflitos constantes, definidos de acordo com seus valores internos.”

possível identificar novos elementos para a compreensão dos contextos e valores que as permeiam, assim como as relações estabelecidas nos diferentes espaços sociais e instituições em que viveram esses agentes sociais.

Na abordagem e no uso de fontes orais para o registro da história, o historiador deve permanecer atento aos componentes subjetivos de seu papel de intérprete esforçando-se, por outro lado, para manter rigor e objetividade nesse trabalho.

(...) é contestada a concepção que considera a abordagem das fontes e o seu uso historiográfico de uma forma absolutamente objetiva, subestimando os componentes subjetivos do trabalho historiográfico. Todavia, contemporaneamente, também é contestada a concepção que enfatiza demasiadamente o papel subjetivo do intérprete na abordagem e no uso das fontes. Se do primeiro risco estamos, hoje, mais advertidos, quanto ao segundo, permanecem presentes os riscos de estabelecermos correlações enganosas entre as fontes e as interpretações ou entre as interpretações e os problemas contemporâneos, as ideologias e os interesses políticos ou teóricos imediatos (RAGAZZINI, 2001, p 3).

Para o desenvolvimento dessa ação programada pelo projeto, que utilizaria fontes orais para o registro da história, seria necessário ter a compreensão de que todo pesquisador deve ter uma atenção especial na interpretação das abordagens e no uso das fontes orais.

A expectativa com a realização dessa ação proposta por meio do projeto de extensão é de que os registros dos depoimentos e o acesso aos mesmos por alunos e pesquisadores, despertem motivação para a busca de elementos que os auxiliem na discussão e compreensão a respeito das histórias de cada

pessoa entrevistada, dos entrelaçamentos entre estas e a história da instituição UFPR e de como esta se insere na história da educação paranaense e brasileira. Cada entrevistado(a) se constituiu e se constitui um agente social que participou dessa dinâmica.

Procedimentos para a execução da ação

Elaborou-se um roteiro para as entrevistas¹², a fim de que fosse mantida uma estrutura básica comum em todos os depoimentos, buscando evitar na organização dos itens/blocos de questões, a indução a interpretações direcionadas e ao excesso de subjetividade.

No roteiro para as entrevistas, além de dados iniciais, de identificação e profissional, os itens e questões foram distribuídos entre quatro blocos, referentes a atividades que o depoente desenvolveu, voltadas ao ensino, à pesquisa, à extensão e à gestão, enfatizando ao entrevistado que o principal foco dos depoimentos deveria ser a sua história profissional, sua inserção, interação e envolvimento nos diferentes contextos de cada época, incluindo as dificuldades e as condições favoráveis que encontrou durante esse percurso. E, ao final, a solicitação de que o depoente encerrasse externando sua percepção a respeito de '... sua trajetória acadêmica, quanto a questões como: - movimento em direção a mudanças na qualidade do ensino, em cada período ou época relatados; -

12 Para tomar conhecimento do roteiro completo, ver a segunda parte deste livro.

relação com os contextos mundial, nacional e a universidade, quanto a influências que considera mais marcantes e de que forma essas influências se colocavam na sua trajetória acadêmica; - relação entre o movimento de professores, as políticas educacionais e as mudanças ocorridas na UFPR, que interferiram na sua trajetória acadêmica; - curiosidades que gostaria de destacar no cotidiano do Setor.’

Os participantes recebem com antecedência o material escrito que contém breve explicação a respeito da dinâmica prevista para o desenrolar da entrevista e depoimento, e todos os itens e questões a serem abordados. Dessa forma, podem se organizar previamente com dados e informações que lhes facilitem situar os diferentes momentos no tempo e espaço, assim como expor sua percepção em relação aos contextos e inter-relações com os acontecimentos relatados.

Optou-se como critério básico de escolha e convite para as entrevistas, que fossem professores aposentados pela UFPR e com idade avançada, preferencialmente os que tenham desempenhado a função de direção do Setor de Educação; e, todos os que se disponibilizassem a prestar seu depoimento, desde que fossem aposentados. Encontrar professores com essas características e que se dispusessem a participar do projeto foi mais difícil do que se imaginou, seja pela dificuldade de localização de seus telefones e endereços (alguns mudaram de endereço após a aposentadoria), seja por outro motivo que inviabilizava sua participação.

Percepções e interpretações: a voz dos protagonistas

A percepção inicial da entrevistadora e algumas situações e/ou características peculiares e significativas, descritas ou analisadas pelos professores entrevistados em seus depoimentos, serão destacadas neste item, com o intuito de passar uma ideia dessa parte do projeto de extensão em desenvolvimento, além de procurar despertar o interesse dos leitores para o conhecimento dos depoimentos na íntegra (tão logo os mesmos forem disponibilizados à comunidade acadêmica), como uma possibilidade de fonte de informação e pesquisa em história da educação, a partir do olhar e testemunho dessas pessoas.

Foram entrevistadas até o momento seis pessoas – um professor e cinco professoras. Entre esse grupo, cinco foram professores do Setor de Educação da UFPR e somente um(a) não fez parte do corpo docente desta instituição, porém estava sempre presente em eventos, como convidado(o) e palestrante, por ter sido diretor(a) de uma das instituições de ensino mais conceituadas da rede pública paranaense, que formava professores em nível médio, tendo se destacado pelos seus feitos nessa função e em tantas outras que desempenhou.

Todos os depoentes falaram de sua vida profissional com grande entusiasmo e orgulho, enfatizando o quanto foi gratificante e importante terem aproveitado oportunidades de inserções nas diferentes áreas de atuação da universidade: tanto internamente, no âmbito da formação humana e profissional de alunos, professores e funcionários técnico-administrativos, por terem viabilizado novas oportunidades, contribuições e

mudanças, sob diferentes aspectos – acadêmico-profissional, de caráter teórico-prático, estrutural e na gestão da universidade, quanto para além do espaço abrangido pelos 'muros' da academia, especialmente por meio de programas de extensão universitária ou pela participação, a convite ou em parceria, em cargos de gestão, de pesquisa, como palestrantes ou ministrando cursos.

A idade das pessoas entrevistadas variou entre sessenta e seis e noventa e dois anos e, entre elas, três permanecem desenvolvendo atividades profissionais: uma, na UFPR, atuando como professor(a) e pesquisador(a) em programa de pós-graduação (doutorado), em outro Setor (cuja idade era 82 anos, à época da entrevista); uma, com idade próxima aos setenta anos, também atuante em programa de pós-graduação, em outra Universidade, em Curitiba; e a terceira, com 92 anos, atua como gestora em instituição de caráter sócio cultural. Destas, a primeira (82) e a terceira (92) são membros da Academia Paranaense de Letras. Vale enfatizar que apenas uma das pessoas entrevistadas teve alguma dificuldade para lembrar de fatos relevantes de sua história profissional, por se encontrar, à época, com a saúde debilitada. As demais, se reportavam aos fatos com facilidade e riqueza de detalhes, tanto aos mais antigos quanto aos mais recentes. Ou seja, 83% dos professores entrevistados se mantêm ativos, em atividades formais ou não, tendo se reportado aos respectivos interesses e expectativas futuras. A disponibilidade desses professores para o trabalho e/ou para outras atividades que exigem esforço mental e/ou físico despertou a atenção da entrevistadora durante os

depoimentos, por lembrar que grande parte dos professores mais jovens, na atualidade, apresenta sérios indícios de comprometimento da saúde física e mental, em especial com problemas relacionados às relações sociais e laborais no contexto interno das instituições de ensino (sobrecarga de trabalho, pressão contínua, entre outras, que provocam o surgimento de doenças), fato que tem sido destacado por estudiosos da área de saúde e divulgados por entidades representativas de professores (tais como a Associação do Professores da UFPR-APUFPR e a Associação de Professores do Estado do Paraná-ASPP), entre outros meios de comunicação e informação.

Os cinco professores depoentes que se aposentaram pela UFPR chegaram até o último ou penúltimo patamar da *carreira*: dois como Catedráticos e três como Assistentes¹³, sendo que para o professor atingir este nível bastava ter a titulação de mestre. O que nos lembra o quão recentes são, em nosso país, os cursos de pós-graduação *stricto sensu* e a exigência desse nível de formação a professores universitários. O ambiente onde ocorreram os depoimentos, na sala de videoconferências do Setor de Educação, foi preparado para receber os professores com o máximo de conforto e isolamento possíveis, a fim de que se sentissem à vontade para falar a respeito da própria história de forma descontraída. Em contato anterior com as entrevistadoras, haviam tomado conhecimento a respeito do

¹³ O nível de Professor Assistente era imediatamente anterior ao correspondente à titulação máxima, de professor Titular, pois à época inexistia o nível de professor Associado.

projeto, da temática a ser abordada e do roteiro, também enviado por e-mail; foram informados de que durante o relato as questões poderiam ser abordadas de forma articulada e não necessariamente separadas sequencialmente, com absoluto rigor, entre os quatro blocos definidos – ensino, pesquisa, extensão e gestão. Nessas circunstâncias, o papel das professoras entrevistadoras foi de garantir que os itens básicos do roteiro fossem abordados e, se necessário, reencaminhar o colóquio para evitar dispersões que descaracterizassem a natureza e objetivo dessa ação prevista no Projeto.

Foram selecionados, a seguir, alguns trechos das falas dos professores entrevistados, que exemplificam a variedade do conteúdo e de questões abordadas durante os depoimentos, e de quanto foram enriquecedores no sentido de estimular novas pesquisas referentes à história e às histórias da educação brasileira e paranaense. Os temas e/ou questões levantados foram destacados em *itálico* no início de cada parágrafo, independentemente do bloco de questões aos quais se referem.

Os cinco professores depoentes que se aposentaram pela UFPR chegaram até o último ou penúltimo patamar da *carreira*: dois como Catedráticos e três como Assistentes (à época, titulação que antecedia à titulação máxima, de professor Titular, pois inexistia o nível de professor Associado). Esse fato nos lembra o quanto é recente, em nosso país, a exigência desse nível de formação a professores universitários, , assim como a legislação que regulamenta a criação de cursos de pós-

graduação¹⁴

O (a) depoente “A” (2014) comenta, em referência à *formação dos professores das Faculdades de Filosofia*:

(...). Todos eram formados em ciências liberais: advogados, médicos, engenheiros. E se deram muito bem. Aqui, na Faculdade de Filosofia, tiveram vários deles que chegaram adiantados, não só eu os conheci, mas muita gente os conheceu. É igual ao Homero Braga, que foi quem ocupou a cátedra de Fundamentos da Educação, Biologia Educacional, era cátedra. A Faculdade de Filosofia tinha cinquenta e seis cátedras. Era a faculdade que tinha mais cátedras dentro da universidade. A cátedra era o fundamento da universidade brasileira, é o modelo copiado do Dom Pedro II, na escola secundária lá do Rio de Janeiro. Mas, eram todas cátedras de ensino primário e secundário. Depois, as universidades foram surgindo e o modelo era aquele. A cátedra, portanto, era o fundamento da universidade anterior.

Para analisar comparativamente essa realidade com a atual, há que se levar em consideração os diferentes fatores intervenientes em cada momento e ao longo de suas caminhadas, assim como as mudanças contextuais ocorridas -

¹⁴ Santos e Azevedo (2009, p. 535), comentam que, em 1965, a pós-graduação passa a existir no Brasil, institucionalmente, quando da aprovação do parecer n. 977, em 3 de dezembro de 1965, pela Câmara de Ensino Superior-CES do Conselho Federal de Educação-CFE. E, tendo como referência Velloso (2002), lembram que nessa época – década de 60, havia no Brasil 38 cursos, dos quais 1 de doutorado e 27 de mestrado. No mesmo artigo (p. 535), as autoras informam que, em 2008, havia no Brasil 3.859 cursos de pós-graduação reconhecidos pela CAPES, dos quais 2.322 eram de mestrado acadêmico, 1.312 de doutorado; e 225, de mestrado profissionalizante (Fonte: MEC/CAPES. Última atualização: 15 de maio de 2008).

em relação aos fatores de caráter sócio-cultural, político, econômico e institucional; à legislação e às políticas educacionais vigentes, entre outros.

Da mesma forma, quanto às diferenças em relação ao *início de carreira* dos professores entrevistados. Dois depoentes comentaram que tinham experiência em outros níveis de ensino antes de ingressar no magistério superior, diferentemente de como ocorre, em geral, na atualidade, onde cada vez mais os recém graduados que aspiram seguir a carreira acadêmica, procuram se preparar para ingressar em curso de mestrado e, na sequência, de doutorado, uma vez que os concursos públicos para o magistério no ensino superior exigem esse nível de formação.

O depoente “D” (2015), relembra que começou a carreira como professor[a] primário[a]¹⁵

Iniciei a minha carreira como professor[a] em 1º de julho de 1958. Vejam, tem meio século aí e mais um pouco, (...)Eu ainda era normalista – estudava no Colégio Sagrado Coração de Jesus – e fui nomeado[o] como professor[a] substituto[a] padrão C na Casa Escolar da Vila Pimpão. A Casa Escolar da Vila Pimpão era uma casa de madeira, tinha cinco salas de aula, uma cantina, o gabinete da diretora, os banheiros e um pátio em forma de “U”. Essa Casa Escolar da Vila Pimpão é atualmente a Escola Municipal Papa João XXIII. Na verdade, o bairro onde a Casa Escolar estava situada se chamava Vila Leão. Era um bairro onde [havia] várias fábricas de lâminas de madeira porque, naquela época, o Paraná ainda trabalhava com muita madeira, e era um bairro operário. Eu morava naquele

15 Lembrando que o ensino primário abrangia um ano de pré-escola e quatro (ou cinco, conforme a época) seguintes, equivalendo às primeiras séries do atual ensino fundamental.

bairro. Meu avô materno, que era imigrante alemão, comprou terrenos nesse bairro. Mas, como [havia] muitos imigrantes lá, tenho como hipótese que era uma zona de Curitiba cedida para imigração porque [muitos] moradores [eram] de várias nacionalidades, tanto descendentes quanto imigrantes. Tinha alemães, italianos, árabes, sírios, poloneses... E nós morávamos ali. Eu ia a pé para a Casa Escolar. Aquela escola transformouse logo em Grupo Escolar da Vila Leão. Em 1965, a Prefeitura assumiu, e nós não sabíamos que a escola era da Prefeitura.

[Entrevistadora: - Antes era Estadual?]

Na verdade, era uma casa escolar, mas o prédio era da Prefeitura e os professores eram cedidos pelo Governo. E quando foi assumido pela Prefeitura, eu ainda estava lá. Nós nos surpreendemos porque não sabíamos disso. E foi transformado em Centro Experimental João XXIII.

Esse caminho, na carreira de professores das licenciaturas, era comum até meados da segunda metade do século passado: ter experiência como docentes no ensino fundamental e médio antes de ingressarem no magistério superior, valorizava os currículos, tal como relata o (a) Depoente “C” a respeito do *início de carreira* e de sua *formação quando ingressou na UFPR*:

(..) Em 1978, [ingressei] como professor[a] visitante porque eu já tinha Mestrado em Educação. Então, havia uma carência porque o professor Roaldo – ele era da disciplina de Didática no Departamento de Métodos e Técnicas da Educação – foi convidado a ser diretor do Centro de Treinamento de Professores do Paraná (CETEPAR). E por indicação do professor Marcos Klüppel, que sabia que eu estava chegando da França com o mestrado, eles me convidaram e eu aceitei. Tremendo nas bases, mas eu aceitei. Substituir o professor Roaldo, logo de cara, não foi tarefa fácil. Eu tinha trabalhado só no Ensino Fundamental, na Escola Estadual de Demonstração e Experimentação Pedagógica João Turin e

também foi uma experiência muito boa porque era uma escola de experimentação e os professores tinham muita liberdade para inovar.

Por outro lado, o (a) depoente “B” (2015) comenta a respeito de sua experiência no exercício da docência em Curso Normal - de nível secundário, com formador(a) de professores para as primeiras séries do ensino fundamental (fase I):

(...) eu tive uma sorte muito grande porque fui professor(a) dos grandes nomes do Paraná. (...) E, vindo para Curitiba, fiz concurso de professor de Didática e fui [docente] dos cursos de aperfeiçoamento do professor que o Instituto de Educação tinha, que era atualização para professores de primeira, segunda e quinta séries, que era o grande problema da união entre o ensino de segundo grau.

A respeito da *criação da Faculdade de Educação* na UFPR – afirma o Depoente “E”:

(...) e foi muito difícil a criação da Faculdade de Educação. (...) Foi muito difícil porque eu já era professor[a] catedrático[a] naquele tempo, mas os professores catedráticos de outras áreas, por exemplo, os que eram catedráticos do curso de História e Geografia, ou na área de Letras, eles não entendiam porque tinha que ser fundada a Faculdade de Educação. Eles achavam que era suficiente que as disciplinas didáticas entrassem nos cursos como são hoje, mas eu bati o pé.

Outra questão, abordada pelo Depoente “C” (2014) refere-se à *formação do pedagogo* e das reformulações curriculares, durante o período em que foi docente no curso de pedagogia:

(...) A dinâmica da produção de conhecimento e a ampliação do mercado de trabalho do pedagogo supõem uma constante atualização do currículo, para atender à demanda de profissionais ...

(...) vou fazer uma análise dos pontos que a gente levantava naquela época. O currículo do curso de Pedagogia era fragmentado, enfatizava a teoria e os fundamentos. Os estágios eram distintos, ou seja, a Prática de Ensino ou Prática Docente (sob a responsabilidade do DTPEN, naquela época ainda era DMTE) era desvinculada do Estágio de Supervisão ou Orientação Educacional (sob a responsabilidade do DEPLAE). Costumava-se denominá-los nos corredores de “Estágio e Estagião” porque o estágio do DTPEN ou DMTE era de 120 horas. Já o estágio de supervisão e orientação de 240 horas e era no 4º ano. Então, as alunas chamavam no 3º ano de “estágio” e no 4º ano de “estagião”.

(...) Havia uma grande opção de disciplinas optativas no currículo, mas na prática a grade horária não possibilitava tal oferta, pois o horário era fechado: das 13h30min às 17h30min para o período diurno e das 18h30min às 22h30min para o período noturno. Então, havia uma relação imensa de excelentes disciplinas optativas, mas não havia espaço.

Finalizando esses breves 'retratos' a respeito das histórias relatadas destaca-se uma referência a respeito da *formação do professor licenciado*, do depoente “F” (2016), cuja fala ainda não foi transcrita, enfatizando a importância da adoção da inter e transdisciplinaridade entre as áreas de estudo nos cursos de licenciatura, assim como em programas de pós-graduação, com base em sua experiência no programa de pós-graduação onde ainda atua e cujos resultados têm sido animadores, segundo sua análise. Defende essa dinâmica de trabalho por considerar que só assim professores e alunos (tanto no ensino fundamental e

médio, quanto em cursos de formação de professores) poderão entender e vivenciar a construção do conhecimento de forma articulada e interdependente, considerando que cada área específica contribui para outras, assim como a contribuição de diversas áreas do conhecimento se fazem necessárias para a construção de uma.

Reafirma-se aqui a intenção de continuidade dessa ação pelo projeto Memórias e Histórias..., esperando que o estudo e análise de conteúdo dos depoimentos, como complemento ou como objeto específico de pesquisas, possam iniciar tão logo cresça o acervo de material a ser disponibilizado à comunidade educacional científica, como decorrência da realização de novas entrevistas/depoimentos.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

GABARDO, Cleusa Valério. A História da Educação ou A Educação na História? Concepções e metodologia de investigação em história da educação. In RAMOS, Elizabeth C. e FRANKLIN, Karen (orgs.). *Fundamentos da Educação: os diversos olhares do educar*. Curitiba: Juruá, 2010, p.51-66.

GONÇALVES, Nadia G. e GONÇALVES, Sandro A. *Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução*. 2a ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? *Educar em Revista*. Curitiba: UFPR, 2001, n.18, p.13-28.

SANTOS, Ana Lúcia F. dos, e AZEVEDO, Janete Maria L. de. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 42, set./dez. 2009.

CAPÍTULO III

Preservando memórias: A importância da história oral de professores e funcionários aposentados do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

Carina Abreu Soares¹⁶

Priscila Moschetta¹⁷

Da filmagem ao aprendizado

“O tempo passa e nem tudo fica, a obra inteira de uma vida¹⁸”.

A memória é uma fonte inesgotável de fatos e acontecimentos, e ninguém melhor que o próprio indivíduo para contar suas histórias. Mesmo que suas memórias sejam compartilhadas e recontadas por seus próximos (cônjuges,

¹⁶ Bacharela em Ciências Sociais na área de Antropologia pela Universidade Federal do Paraná. Foi Bolsista de Extensão do Projeto.

¹⁷ Graduada do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná. É Bolsista de Extensão do Projeto.

¹⁸ Trecho da música “Dança do Tempo” da banda de Rock Gaúcha Nenhum de Nós, composta por Thedy Corrêa, presente no álbum Extraño da Banda Gaúcha.

filhos, parentes, amigos), toda a riqueza de detalhes e experiências pertence às recordações daquele sujeito que vivenciou os momentos, seus sabores e dissabores. Com isso, é de suma importância que o próprio conte suas histórias pessoais, fatos relacionados à sua vivência pessoal, profissional ou demais segmentos de sua vida que estejam em foco para que sua trajetória venha a ser registrada.

Dentro do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), por meio do Projeto de Extensão “Histórias e Memórias sobre Educação”, segue-se trabalhando há quase dois anos com o método de coleta de depoimentos através do uso da história oral, ou seja, através de entrevistas realizadas com professores e funcionários aposentados do Setor de Educação¹⁹ por meio de filmagem. Essas pessoas têm suas histórias vinculadas ao surgimento do Setor, incluindo suas vivências pessoais, profissionais e de formação acadêmica.

A coleta de depoimentos ocorre em ambiente específico, na sala de vídeoconferência da Reitoria da UFPR, localizada no 2º andar do prédio Dom Pedro I²⁰, e esse espaço está vinculado ao Setor de Educação. A opção por esse ambiente acontece por ser a sala com possibilidade de controle de ruídos e iluminação,

¹⁹ Conforme mencionado no capítulo II desse material, excepcionalmente, um dos depoentes não faz parte do corpo docente da UFPR. Entretanto, essa pessoa estava sempre presente nos eventos e atividades da instituição, e é um dos nomes ilustres da educação paranaense, por isso, seu depoimento foi considerado como de grande relevância para esse Projeto.

²⁰ O prédio Dom Pedro I está situado na Rua General Carneiro, nº 460, Curitiba/PR.

porém, as filmagens podem acontecer em outros locais, considerando a necessidade de cada entrevistado. Com isso, havendo a necessidade da filmagem ser realizada fora do ambiente universitário, na casa ou outro local escolhido pelos interlocutores, os bolsistas do Projeto adaptam-se a outros ambientes para que esse momento seja o mais confortável e agradável possível ao depoente. As filmagens duram entre 1h a 2h30m e são agendadas com pelo menos uma semana de antecedência. Atualmente, o acervo audiovisual possui seis depoimentos registrados. Todos os entrevistados assinam um documento de cessão de imagem, autorizando a divulgação do material.

A importância de seus relatos está na contribuição que dão ao elucidar o surgimento do Setor e seus departamentos, as disciplinas inseridas, as propostas de ensino criadas desde o seu surgimento, e as modificações realizadas no formato do ensino dentro do ambiente universitário, assim como para a educação posteriormente disponibilizada à comunidade, nas escolas e institutos de ensino a partir da formação recebida pelos discentes dentro do ambiente acadêmico reformulado.

A função da história oral, de acordo com o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), que foi responsável pela criação de seu Programa de História Oral, é funcionar como um método de trabalho para guiar o pesquisador.

A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições,

modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. (CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC), 2016).

A história oral permite conhecer o desenvolvimento educacional dentro de um recorte de época, e através da fala desses interlocutores que participaram ativamente de um momento histórico tem-se acesso aos fatos e curiosidades que somente eles conheceram, e que somente eles podem fornecer os detalhes, inclusive através de seus olhares, gestos e expressões faciais, que muitas vezes, são tomados pelas lembranças dessa época.

Ainda de acordo com o site da Fundação Getúlio Vargas em dados fornecidos pelo CPDOC:

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. Além disso, fazem parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros. (Idem.).

Dos seis depoentes, cinco são professores aposentados da UFPR, que além da docência, estiveram envolvidos em outras

funções, como diretores e diretoras de Setor. Seus depoimentos enquadram-se exatamente no formato proposto pelo CPDOC, pois se tratam de relatos compostos por traços biográficos. As entrevistas são realizadas pelas professoras Nadia Gaiofatto Gonçalves e Cleusa Valério Gabardo, coordenadora e vice-coordenadora, respectivamente, do Projeto de Extensão “Histórias e Memórias sobre Educação”. Esses depoimentos trazem não somente os relatos do histórico profissional-acadêmico dessas pessoas, mas também se encontram com seus históricos pessoais, pois ambos se cruzam.

Em muitos dos relatos são acessadas histórias que envolvem família, memórias de infância, desenvolvimento, seguindo para formação acadêmica, casamento, chegada dos filhos, fixação na carreira, desenvolvimento pessoal e profissional que não são possíveis separar. Algumas dessas pessoas presenteiam o Projeto com recordações físicas, como homenagens recebidas, fotografias, documentos e, até mesmo, livros biográficos.

O Projeto preza pelas relações humanas, e estabelece um vínculo com essas pessoas, pois além de permitir que contem a respeito de suas experiências, lhes proporciona a dimensão de sua importância e o quão indispensáveis são suas trajetórias para a composição da memória universitária. Por isso, é de suma importância que seus relatos sejam contados e disponibilizados para o público universitário, como professores, alunos e pesquisadores, assim como para o público em geral.

O ato de contar suas histórias reaviva suas experiências, com isso os recoloca em seu lugar de reconhecimento,

principalmente no caso daqueles que se aposentaram e não exercem mais a profissão, pois ao se afastar do ambiente de trabalho alguns se veem fora do seu lugar, uma vez que já não atuam em suas áreas e tomam posições novas em suas vidas, assumindo lugares diferenciados do habitual, como por exemplo, suas atividades passam a enquadrar-se dentro do ambiente das relações familiares, os levando, muitas vezes, a assumir novas tarefas que os coloca do lado de fora da academia. Quando chamados para contar suas histórias, retornam ao lugar anterior à aposentadoria e experimentado por toda a vida, e considerando as experiências que são vivenciadas nas entrevistas, sentem-se ativos, importantes e principalmente, sentem sua energia vital revigorada, reencontrando suas identidades.

Em decorrência, o ato de lembrar insere-se nas possibilidades múltiplas de elaboração das representações e de reafirmação das identidades construídas na dinâmica da história. Portanto, a memória passa a se constituir como fundamento da identidade, referindo-se aos comportamentos e mentalidades coletivas, uma vez que o lembrar individual – especialmente aquele orientado por uma perspectiva histórica – relaciona-se à inserção social e histórica de cada depoente (NEVES, 2000, p. 109).

Foi perceptível em alguns momentos, conforme seguiam as entrevistas, que a memória de alguns dos interlocutores já não permanecia intacta como os demais, e com isso, os bolsistas e a entrevistadora depararam-se de fato com a necessidade de preservar uma parte dessas memórias, pois as lembranças

estavam prestes a se perder, e muito, infelizmente, já haviam se perdido.

Na antiga Grécia, a memória tinha uma função considerada prioritária: conferir imortalidade ao ser humano, integrá-lo ao tempo através da história, fazendo do passado o suporte do presente. Em decorrência, a memória era considerada como possibilidade de atualização do passado. Além disso, tinha a função de registrar o presente, evitando-se que o esquecimento se impusesse no futuro. (NEVES, 2000, p. 110).

As memórias e os feitos realizados por alguém são imortalizados quando registrados, além disso, os conectam dentro do espaço de tempo, permitindo que haja conexão entre passado e presente. Mesmo que existam lacunas nas lembranças, a possibilidade da entrevista guiada permite que muitas recordações sejam acessadas.

Para evitar a exposição e manter a integridade dessa pessoa entrevistada, opta-se por não citar seu nome, mas foi um dos casos que permitiu-se perceber os riscos de uma grande história profissional e de vida se perder. Mesmo considerando que familiares acessem parte dessas memórias, era de fundamental importância que o relato fosse feito por quem viveu os momentos.

Nesse caso específico, a primeira tentativa de entrevista fora do ambiente familiar – na sala de entrevistas dentro da UFPR –, teve-se muita dificuldade em acessar as memórias. Mesmo em presença da filha, houve um bloqueio das lembranças, e foi acessado muito pouco do que era esperado. Contudo, após alguns meses, com apoio de uma pessoa próxima,

uma ex-aluna – atualmente professora do Setor de Educação da UFPR – que vivenciou parte da trajetória profissional dessa pessoa, tentou-se novamente uma entrevista.

Ao invés de retirar a pessoa de seu ambiente familiar, que lhe trazia segurança, uma bolsista, a entrevistadora e a ex-aluna foram até o local com os equipamentos de filmagem. Então, confortável em seu ambiente e tendo essa ex-aluna como intermediadora da conversa, encontrou-se a possibilidade de realizar uma entrevista produtiva. Dessa forma, recuperou-se um material muito rico dessa trajetória, com inúmeras lembranças que aos poucos se perderiam com o avançar dos problemas de saúde que essa pessoa enfrenta, assim como as dificuldades colocadas pela idade.

Durante o processo, os bolsistas aprenderam a lidar com pessoas e situações, alguns exigiram e outros irão exigir um pouco mais dos envolvidos no processo, e é necessário que os integrantes do Projeto se adaptem aos entrevistados, proporcionando a eles o máximo conforto para que acessem a essas memórias, e encontrem-se à vontade para que de fato o processo possa ocorrer da forma mais natural possível.

Alguns, mesmo com o avançar da idade mantêm intactas suas recordações, lembrando-se de datas específicas, momentos importantes, inclusive, elaboram roteiros para que possam trazer de forma fiel seus relatos. Outros, infelizmente, já não possuem a mesma habilidade de memória. Com isso, pesquisadores e pesquisadoras, precisam enquadrar-se ao que essas pessoas necessitam, e ao máximo, fazer com que elas mesmas contem suas histórias, sem interferências externas que possam vir a

modificar relatos, pois é considerado de grande importância que esses dados sejam acessados através de suas memórias, e observando gestos corporais ou entonação de voz, acessar o que mais se aproxima de um relato fiel dessas histórias de vida.

Futuramente, esses depoimentos poderão vir a se transformar em um documentário e também em um livro de memórias, contando essas ricas histórias que, pouco a pouco, passam pelo processo de transcrição, afinal, pretende-se que o tempo passe e que a obra inteira de tantas vidas venha a ser preservada.

Do discurso oral ao registro escrito: o processo de transcrição

De acordo com Burke (1992), por muito tempo o discurso dos “grandes homens”, ou seja, de políticos, filósofos e autoridades religiosas, e os documentos oficiais que eram valorizados pela história. Atualmente, grande parte dos historiadores está em busca da escuta de pessoas comuns sobre suas experiências de vida e também procura outros tipos de registros, que vão além dos oficiais, para utilizá-los como fontes para o conhecimento do passado. A transcrição de depoimentos constitui-se como um tipo de registro escrito e é exemplo de uma nova fonte utilizada pela história.

Devido a essa valorização de outras fontes históricas, além do registro dos depoimentos dos professores e funcionários do Setor de Educação da UFPR em arquivo audiovisual, outra

ação que integra o Projeto de Extensão “Histórias e Memórias sobre Educação” consiste na transcrição desses depoimentos.

O processo de transcrição é realizado pelos próprios bolsistas do Projeto e tem como objetivo a constituição de um acervo documental escrito de depoimentos que, futuramente, será disponibilizado ao público e poderá servir como fonte para TCCs, dissertações e teses sobre História da Educação; para atividades, cursos de extensão e aulas aplicadas na educação básica e nos cursos de graduação e pós-graduação da UFPR; para o desenvolvimento de materiais didáticos e, sobretudo, para o entendimento dos estudantes acerca do cenário educacional em diferentes períodos do século XX.

A transcrição da entrevista é um trabalho árduo que necessita de bastante concentração na sua execução e, muitas vezes, reavaliações sobre o conteúdo descrito. Não é difícil de executar a transcrição, mas é um trabalho bem cansativo e desgastante (TOLOI; MANZINI, 2013, p. 3306).

O tempo despendido para transcrever uma entrevista é muito superior ao tempo gasto para gravá-la. Como é necessário pausar e retroceder a gravação inúmeras vezes para se entender o que é dito, em alguns casos, o tempo de transcrição tende a ser cinco vezes maior do que o tempo de gravação.

Preferencialmente, a transcrição é feita por um bolsista que tenha participado da gravação do depoimento, considerando que essa participação gera uma maior familiaridade com o depoente e os temas abordados durante a entrevista, facilitando assim o processo de transcrição. Duarte (2004) considera

importante que a transcrição ocorra logo após o término da gravação, tendo em vista que isso facilita a recordação dos episódios que ocorreram durante o depoimento. Contudo, existiram acontecimentos, como por exemplo, a greve nas universidades federais, a troca de bolsistas e a redução do período de vigência das bolsas de extensão que afetaram as ações desenvolvidas no Projeto, impedindo assim que as transcrições ocorressem imediatamente após a conclusão das gravações.

No processo de transcrição, primeiramente, o bolsista seleciona o(s) arquivo(s) do depoimento que irá transcrever. Então, abre-os seguindo a ordem cronológica da entrevista utilizando, preferencialmente, o programa *VLC Media Player*. Para facilitar o processo de escuta das falas, são utilizados fones de ouvido e/ou caixas de som auxiliares. Devido a problemas com o computador disponível para uso do CDPHE, os bolsistas têm utilizado seus computadores pessoais para a realização das transcrições.

Algumas normas de formatação (tipo de fonte, espaçamento, etc.) foram adotadas visando à padronização dos documentos de transcrição de depoimentos. Essas normas encontram-se presentes em um manual do Projeto de Extensão “Histórias e Memórias sobre Educação”, que foi elaborado com o intuito de guiar os novos bolsistas que vierem a integrar o Projeto e forem encarregados de realizar a atividade de transcrição. O *Microsoft Word* é o processador de texto utilizado para a edição e formatação dos documentos de transcrição de depoimentos.

Ao longo da gravação dos depoimentos, podem ocorrer situações em que aparece na fala do entrevistador e/ou entrevistado o uso de gírias, modismos, abreviações de palavras, erros gramaticais, etc. No entanto, no momento de transcrever, essas ocorrências são corrigidas com base na norma culta padrão, evitando assim expor esses sujeitos a situações vexatórias.

Além disso, em alguns casos, o diálogo dos interlocutores apresenta redundância. Para Bourdieu (1999 apud BONI; QUARESMA, 2005, p. 78) deve-se “aliviar o texto de certas frases confusas, de redundâncias verbais ou tiques de linguagem (né, bom, pois é, etc)”.

Existem inúmeros autores que apresentam técnicas e normas para a realização dos processos de transcrição de depoimentos. Neste Projeto, alguns cuidados técnicos que foram tomados para as transcrições baseiam-se na metodologia de Preti (1999):

Quadro 1 – Exemplos de cuidados técnicos a serem tomados nas transcrições de depoimentos.

OCORRÊNCIA²¹	COMENTÁRIO
(nesse momento, o professor 1 ²² mostra o seu documento de identidade funcional).	Os comentários descritivos do transcritor devem aparecer em letras minúsculas e dentro de parênteses.

²¹ As ocorrências compreendem trechos dos depoimentos de professores aposentados e fazem parte do acervo documental escrito do Projeto de Extensão “Histórias e Memórias sobre Educação”.

²² Ao serem citados trechos de transcrição de entrevistas, os nomes dos depoentes foram substituídos por números.

	No exemplo ao lado, o transcritor relata uma ação do depoente. Esse relato foi registrado em letras minúsculas e dentro de parênteses.
Professora Cleusa ²³ : Então, vou ler. “No que diz respeito ao Setor de Educação, em especial ao DTPEN, professora 2, sem querer desdizer a poesia, seguramente estaremos sempre cheios de si, em qualquer tanto que venhamos a ser” . Que bonito! É para guardar com carinho. (...)	As citações literais ou leituras de textos devem aparecer entre aspas. No exemplo ao lado, o trecho destacado em negrito compreende a leitura de um texto, portanto, encontra-se entre aspas.
Professora 3: (...) Fomos criadas como gêmeas, usando roupa igual porque eram só dois anos de diferença. (...)	Os números devem aparecer por extenso. No trecho ao lado da transcrição de um depoimento, nota-se que a regra foi seguida e o número destacado em negrito está escrito por extenso.
Professora 3: (...) Então, eu não sou advogada, mas fui convidada para fazer parte da OAB , na parte didática. (...)	Nomes próprios e siglas devem apresentar as iniciais em letras maiúsculas. No exemplo ao lado, a sigla destacada em negrito está escrita em letras maiúsculas. Vale destacar que quando uma sigla for citada pela primeira vez, é interessante colocar dentro de parênteses o seu significado.
Professora 4: (...) Eu disse: “Não	As hipóteses do que se ouviu

²³ Cleusa Valério Gabardo.

<p>levem. Coloquem todos os quadros em um canto da Sala Homero de Barros, mas não levem isso para outro lugar”. Eles deixaram e eu nunca mais vi esses quadros. Numa outra vez que entrei na Sala (Homero de Barros), vi que estavam todos pregados na parede. (...)</p>	<p>devem aparecer entre parênteses. No trecho ao lado, como trata-se de uma hipótese de que a locutora esteja falando do mesmo lugar que havia citado anteriormente, o nome desse local foi colocado entre parênteses.</p>
---	--

FONTE: Elaborada/modificada com base em Preti (1999).

Durante a transcrição de depoimentos, existe outro cuidado técnico importante a ser tomado:

Uma transcrição de entrevista não é só aquele ato mecânico de passar para o papel o discurso gravado do informante pois, de alguma forma (...) tem que apresentar os silêncios, os gestos, os risos, a entonação de voz do informante durante a entrevista. Esses “sentimentos” que não passam pela fita do gravador são muito importantes na hora da análise, eles mostram muita coisa do informante (BOURDIEU, 1999 apud BONI; QUARESMA, 2005, p. 78).

Para ilustrar a citação anterior, será utilizado outro trecho da transcrição do depoimento de uma professora aposentada do Setor de Educação da UFPR:

(a professora se emociona e não consegue mais terminar de ler a mensagem).

O exemplo acima trata-se do comentário do transcritor acerca do estado de espírito da depoente. Esse tipo de comentário é de suma importância, pois apresenta situações e

informações relevantes que não estão presentes no discurso oral do depoente. Cabe salientar que no referido exemplo, o comentário do descritor aparece em letras minúsculas e dentro de parênteses conforme a metodologia de Preti (1999) para a transcrição de depoimentos.

Ao término do processo, o bolsista realiza a revisão final para verificar se não existem erros de ortografia, gramática e pontuação no documento de transcrição do depoimento.

Em seguida, o bolsista realiza uma nova exibição da gravação do depoimento com o intuito de comparar os discursos do arquivo audiovisual com os do documento de transcrição, conferindo assim se não houve a supressão de trechos relevantes, distorções, entre outros.

Então, o documento de transcrição do depoimento é enviado por e-mail para a coordenadora e vice-coordenadora do Projeto de Extensão, que realizam as correções que julgam necessárias.

Na sequência, o documento de transcrição é encaminhado para o depoente conferi-lo. Se por ventura o depoente acreditar que houve a modificação do sentido de seu discurso, esse fato deve ser comunicado aos bolsistas para que realizem as devidas correções. O depoente também tem total liberdade para cortar ou acrescentar novas falas, corrigir distorções e complementar informações.

Após a aprovação do depoente, o documento de transcrição é arquivado em dispositivos de armazenamento (pen drive, cartão de memória, HD externo portátil...) e também no computador do CDPHE, vindo a compor o acervo documental

escrito do Projeto de Extensão “Histórias e Memórias sobre Educação”. Posteriormente, esses materiais de transcrição de depoimentos serão disponibilizados para a consulta do público em geral.

A atividade de transcrição de depoimentos permite que os bolsistas conheçam pessoas que tiveram importantes contribuições para a UFPR como um todo e, mais especificamente, para o Setor de Educação, possibilita o aprofundamento de conhecimentos acerca da História da UFPR, do Setor de Educação e do curso de Pedagogia, da História da Educação do Paraná e do Brasil em diferentes períodos e o ulterior uso desses saberes em atividades e discussões que são realizadas no âmbito acadêmico. Para comprovar a afirmação de que esses depoimentos apresentam informações importantes de serem difundidas em relação à História da Educação, serão elencados abaixo trechos do discurso de um professor aposentado sobre a formação docente na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (atualmente denominado Setor de Ciências Humanas da UFPR):

Professor 1: (...) Fiz o concurso de História e Filosofia da Educação, pois havia se aposentado um professor do Espírito Santo, que era veterinário.

Professora Cleusa: Nossa! Ele estava dando aula de História da Educação?

Professor 1: Sim. (...) É o tipo clássico da formação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. (...). (MOSCHETTA, 2016a, p. 19)²⁴.

²⁴ MOSCHETTA, P. *Entrevista com o professor 1 (05/11/2014)*. Curitiba, 2016a. Transcrição de entrevista não publicada.

Outros trechos de depoimento interessantes de serem exibidos dizem respeito ao relato de uma professora aposentada sobre um projeto de alfabetização que foi desenvolvido por sua colega, que era docente do curso de Pedagogia:

Professora 2: (...) Cito como exemplo o “Projeto de Alfabetização de Adultos”, coordenado pela professora Elinor Eschholz Ribeiro, que atendia as serventes analfabetas que prestavam serviços à UFPR (...). Os professores do DMTE e algumas alunas trabalharam nisso. (...) As serventes eram terceirizadas e prestavam serviços. Então, a empresa deu uma hora e meia, e elas também deram uma hora e meia do seu tempo por dia para aprenderem a ler e escrever. Foi muito bonito esse trabalho e funcionou durante muitos anos (...). (MOSCHETTA, 2016b, p. 26-27)²⁵.

Mais do que a preservação das memórias acerca da História da Educação, a realização das transcrições oportuniza uma melhora na autoestima dos professores aposentados que se sentem valorizados ao se depararem com o registro escrito de suas vivências e histórias de vida, e também oferece aos sujeitos que forem acessar os documentos de transcrição uma melhor compreensão do passado e de suas influências para a constituição do presente.

Referências

²⁵ MOSCHETTA, P. *Entrevista com a professora 2 (03/12/2014)*. Curitiba, 2016b. Transcrição de entrevista não publicada.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*. V. 2, n. 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/18027/16976>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

BURKE, P. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 7-37.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). *O que é História Oral*. Não paginado. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em Revista*. Curitiba: Editora UFPR, 2004, n. 24, p. 213-225. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/article/viewFile/2216/1859>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

NEVES, L. de A. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. *História Oral*. V. 3, 2000, p. 109-116. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=25>>. Acesso em: 04 jul. 2016.

PRETI, D. (org). *O discurso oral culto*. 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

SOARES, C. A. *Entrevista do professor Ângelo Virginio Visintin*. 2014. 1 fotografia, color.

TOLOI, G. G.; MANZINI, E. J. Etapas da estruturação de um roteiro de entrevista e considerações encontradas durante a coleta dos dados. *VIII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial*. Londrina, 05 a 07 de novembro de 2013, p. 3299-3306. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/congressomultidisciplinar/pages/arquivos/anais/2013/AT14-2013/AT14-008.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

CAPÍTULO IV

Histórias, memórias, educação e historiografia: a teoria na prática

*Bruno Ercole*²⁶

“... o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça”
(BLOCH, 2002: 54).

Neste capítulo falo da minha experiência como membro do projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação. Do ponto de vista de um estudante de graduação em História, pretendo fazer uso de autores contemporâneos para demonstrar a maneira através da qual o trabalho de extensão ligado aos arquivos, e às fontes orais está em consonância com os preceitos relacionados à memória e sua preservação, uma das áreas de atuação do historiador. Desta forma, com o uso destes conceitos, pretendo alinhar a teoria da História à prática do trabalho no projeto, tendo como fio condutor a minha própria experiência como estudante e estagiário de Extensão.

²⁶ Discente do curso de História – Bacharelado e Licenciatura – da UFPR e Estagiário do Setor de Educação da UFPR atuando no projeto do Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação.

Um estudante de história no arquivo do setor de Educação da UFPR

Arquivo morto, permanente, ou mesmo depósito do que *se tem que guardar*. Essas são algumas das formas pelas quais as pessoas se referem aos arquivos, que muitas vezes estão tão cheios de documentos que nem mesmo se sabe por onde começar a busca por determinado material. Embora eles possam parecer um depósito de papéis aparentemente de valor apenas burocrático, para os historiadores – sejam eles ainda estudantes ou mesmo profissionais de carreiras já consolidadas – os arquivos representam uma mina de ouro, podendo originar incontáveis trabalhos dos mais diversos interesses. Isso fica explicado nas palavras de Bacellar (2005):

Pesquisar em arquivos é o destino de muitos dos jovens profissionais que ingressam nos cursos de pós-graduação em História, ou mesmo daqueles que ainda dão seus primeiros passos em projetos de iniciação científica. Surpreende como os calouros de graduação, em seus primeiros dias de aula, já buscam, ávidos, informações sobre o pesquisar em arquivos. Bons professores de História no ensino médio, e uma literatura de best-sellers históricos têm promovido uma espécie de encantamento de alguns jovens pela aura do cientista a escarafunchar papéis velhos, em busca de novidades, como se fosse uma espécie de “Indiana Jones” dos arquivos (2005, p.23).

Tratando especificamente do caso de Curitiba, temos alguns lugares privilegiados de guarda e conservação de documentos, como a Casa da Memória da cidade, o Arquivo

Público do estado, além dos locais onde estão disponíveis informações acerca da educação, seja ela a oferecida nos colégios, ou então na Universidade. O Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná, ao qual me dedicarei mais à frente neste capítulo, e o Arquivo do Setor de Educação são alguns destes locais.

Ir ao arquivo de Educação da UFPR é uma atividade bastante interessante. Como já disse, trabalho com os documentos com o olhar curioso de um estudante de História, e não raro encontro os nomes de salas da Universidade e de grandes personalidades das Ciências Humanas assinados em papéis de décadas atrás.

É assim que, por entre as páginas de livros de registros, nos deparamos com nomes como Homero de Barros e Brasil Pinheiro Machado – este último, historiador cuja obra conheci pouco antes deste fortuito encontro no arquivo. Quando se conhece a trajetória acadêmica destas pessoas, é fácil se esquecer que eles exerceram, muitas vezes, também outras funções, administrativas por exemplo, e que sua atenção para os assuntos burocráticos da Universidade foi tão requerida quando o seu cuidado para as pesquisas acadêmicas e aulas a serem ministradas.

Outro ponto que é relevante para comentar sobre o arquivo é a possibilidade do contato com materiais que ainda não se encontram digitalizados e, que assim, acabam sendo verdadeiras surpresas. Novamente, como aluno de história, conheço um pouco das discussões acerca dos conceitos atuais utilizados na área, como o cuidado que se deve ter ao aplicar o

termo civilização. No entanto, ao me deparar com livros que continham relações de disciplinas a serem ofertadas, encontrei a cadeira de História da Civilização. É fascinante perceber como o próprio curso se transformou e se adaptou às novas discussões na área, pois, atualmente, tal disciplina não se encontra mais no currículo do curso de História.

O que está guardado no arquivo? Há um sem número de documentos que a equipe tem incluído em nosso levantamento, desde materiais que devem ser guardados com o caráter permanente até aqueles que não possuem a necessidade de se arquivar. E como se faz essa classificação? Novamente, recorreremos às palavras de Bacellar (2005), quando o autor nos fala que:

Uma das grandes preocupações da arquivística contemporânea reside justamente na eliminação desse excesso de papéis, característica da produção documental desde a segunda metade do século XX. Ao deixar o arquivo corrente e ser transferido para o chamado arquivo intermediário, o documento deve passar por uma avaliação, para que se saiba a sua destinação após decorridos os prazos legais para a sua conservação nesta fase. Comissões especialmente reunidas para este fim, compostas por administradores, juristas, historiadores e arquivistas teriam, assim, a obrigação de relacionar quais documentos são de guarda permanente, com a preservação de séries completas, e quais merecem preservação por amostragem, ou mesmo eventual eliminação integral (2005, p.47).

Mas para que os documentos presentes no setor de Educação da UFPR estão sendo inventariados e higienizados? Como se faz isso? Bem, se tratando de documentação que foi

produzida por uma entidade de caráter público como é o caso da UFPR, eles estão incluídos na lei de acesso à informação. Desta maneira, precisamos saber o que está guardado no arquivo para que tudo fique acessível ao pesquisador, e que estes documentos obtenham a proteção adequada para que não se percam por má conservação, como não é raro de ser observado no meio historiográfico.

Arquivo e História estão ligados. Conforme comenta Bacellar (2005),

A relação entre os historiadores e as fontes documentais, mais especificamente as que se encontram em arquivos, não foi sempre a mesma, como se mostram importantes e divulgados trabalhos de Historiografia. Dos que viam nos documentos fontes de verdade, testemunhos neutros do passado, aos que analisam seus discursos, reconhecem seus vieses, desconstruem seu conteúdo, contextualizam suas visões, muito se passou... (2005, p.25).

Com as palavras do autor, sou levado a refletir sobre o tema que é abordado logo de início nos cursos de História: o que é documento? Os escritos oficiais que hoje estão preservados nos arquivos já foram a única fonte relevante para a pesquisa historiográfica. Embora não devamos diminuir a sua importância, como fica claro com o trabalho que está sendo realizado, deve-se ter em mente que a História hoje utiliza fontes bastante diversificadas e nem sempre completas.

Na profissão de historiador o trabalho é apenas com fragmentos. O conhecimento histórico se constrói com base naquilo que as pessoas do passado deixaram e que chegou até

nós, o que é apenas uma ínfima parte de tudo o que já foi produzido pelos homens e mulheres que viveram antes de nós. Embora, ao entrar num arquivo eu tenha a impressão de que há ali um mundo de informações – e, de certa forma, não estou errado –, ainda assim deve ter consciência de que a realidade foi muito mais complexa do que um registro oficial deixa transparecer. O historiador precisa encontrar outras formas de preencher essas lacunas que o tempo deixou, uma tarefa que pode ser, muitas vezes, impossível, mas que é a atividade a qual o historiador se propõe. É com isso que apresento o segundo subitem deste capítulo, no qual trato das entrevistas conduzidas com o uso da história oral.

Entrevistas com professores aposentados e a História oral

Uma das propostas do projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação consiste na entrevista e registro das memórias de professores que contribuíram para a educação no estado do Paraná. Suas recordações são uma valiosa documentação histórica que se enquadra no que foi classificado como história oral.

Conforme comentei neste capítulo, a História não mais se atém aos documentos oficiais de forma exclusiva, então se encontra espaço para outras formas de narrativa dos acontecimentos históricos. As entrevistas são uma forma singular de fonte, a imagem das pessoas que vivenciaram e protagonizaram os acontecimentos e a maneira pela qual os mesmos se lembram destes feitos. A sensação de participar das

entrevistas com estes professores que são convidados a rememorar pontos importantes de suas trajetórias é de puro interesse, uma vez que posso ter acesso a informações e detalhes de fatos que, ainda que registrados de maneira oficial, não apresentam essa riqueza na narrativa.

Um ponto crucial ao considerarmos essas narrativas é a questão da memória. Sobre o tema, segundo Le Goff (2013):

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (2013, p.387).

O que concluímos com a citação acima? A memória não é como um livro, que se abre na mesma página e se encontra sempre a mesma informação, inalterada – não estou aqui falando da interpretação sobre o texto, mas da informação conforme dada em uma obra. Não. A memória é alvo vivo, que se adapta aos contextos de transmissão. Quando questionados sobre determinado assunto, os professores nas entrevistas podem se lembrar de acontecimentos, que talvez narrem de uma maneira distinta em outra ocasião. Por que a memória é dinâmica.

Essas mesmas noções acerca da memória podem ser encontradas nos escritos do historiador Lowenthal (2011). De acordo com ele, para que a nossa memória tenha sentido, é necessário esquecermos, e isso fica exemplificado quando o autor afirma que, caso não o fizéssemos, precisaríamos de uma vida para nos lembrar de uma vida. Esquecer é inevitável, pois

não guardamos muitas informações sobre a maior parte do que acontece em nosso dia-a-dia, sobre coisas rotineiras: a memória faz simplificações. Assim, temos lembranças sobre como é tomar um café-da-manhã, ainda que não guardemos na memória cada vez que tenhamos nos sentado à mesa para isso.

O método da história oral sofreu críticas devido a essa característica, conforme comenta Alberti (2005), quando afirma que

No início, grande parte das críticas que o método sofreu dizia respeito justamente às ‘distorções’ da memória, ao fato de não se poder confiar no relato do entrevistado, carregado de subjetividade. Hoje considera-se que a análise dessas ‘distorções’ pode levar à melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo. É de acordo com o que se pensa que ocorreu no passado que se tomarão determinadas decisões no presente (por exemplo, as escolhas feitas no momento de uma eleição) (2005, p.166).

Preciso ter em mente essas informações quando participo das entrevistas com os professores. O que eles trarão não são dados como os que são encontrados nos arquivos – tarefa para a qual, de fato, temos os próprios arquivos em si – mas sim uma experiência que é valiosa para se entender a educação, devido ao caráter pessoal da memória, comentado por Lowenthal (2011). É o olhar deles sobre seu próprio passado, o que em si já é responsável por uma seleção e interpretação histórica, e mais uma prova de que o passado em si, tal como aconteceu, é algo inalcançável, mesmo para o historiador mais experiente.

Todas essas questões são possibilitadas pela história oral, e é hora de abordar a sua proposta de maneira mais direta. Para

Alberti (2005), “A história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (2005, p.155).

Em grande medida, é isso que observo nas entrevistas. Embora o campo historiográfico seja um ambiente que está em constante reinterpretação, já temos informações construídas acerca da educação. No entanto, ao considerar as falas dos professores que já foram entrevistados, percebo que, ainda que eles façam parte dessa história da educação, suas narrativas pessoais que encontramos em cada frase são igualmente importantes para o estudo da educação, e seu acesso é possibilitado pela metodologia da história oral.

Marc Bloch, historiador francês, disse, nos anos 1940, que a História é a ciência dos homens no tempo. Como homens contemporâneos, temos acesso aos agentes dessa história recente, que aqui possui como foco a educação. Dessa forma, acredito que dar voz a esses personagens é uma das grandes vantagens que a história oral possibilita ao pesquisador, se comparada a outras metodologias.

Movendo meu olhar outra vez aos arquivos, continuarei a tratar dos professores e de memórias e histórias sobre a educação. No terceiro e último subitem deste capítulo, trato do trabalho referente aos materiais presentes no Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná.

O Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná e os arquivos da educação

Um dos mais antigos colégios do Brasil e o primeiro do Paraná, o antigo Liceu e agora Colégio Estadual do Paraná tem uma história que nos remete a meados do século XIX. A trajetória deste histórico estabelecimento de ensino exige, por si só, muito mais do que um capítulo de livro, então tratarei aqui apenas da tarefa que desenvolvo no Centro de Memória, setor onde está sendo realizado o trabalho com os documentos antigos da instituição.

Dentre as inúmeras fotos, pastas de alunos, plantas do colégio, destaco aqui os livros dos quais estou promovendo a digitalização. Os mais antigos deles abarcam o período de meados dos anos 1800, e não posso deixar de notar o excelente estado de conservação destes materiais, uma vez que estou falando de registros que contam com quase duzentos anos de existência. A consciência histórica não era a mesma há dois séculos, no entanto, temos esses materiais para demonstrar que algumas pessoas se preocuparam sim com a sua conservação.

E o próximo passo será dado por nós. Embora preservados, como comentei, os documentos são ainda registros frágeis, passíveis de serem danificados mesmo que não intencionalmente. É para preservar esses registros e poder trabalhar com os originais o mínimo possível que o Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná – CMCEP – promove a digitalização dos livros. Assim, conforme haja a necessidade, os pesquisadores poderão acessar cópias digitais destes materiais, o

que ajudará na preservação destas inestimáveis fontes da histórica da educação.

Quando olho atentamente para o conteúdo destes documentos, sou provocado a pensar em meus próprios anos escolares e na maneira pela qual os estabelecimentos de ensino mudaram durante os séculos – e também percebo algumas continuidades. Exemplo disso é a expulsão da sala de alguns alunos feita por um professor de Francês devido ao comportamento destes em sua aula. Ela está registrada nas Actas da Congregação da Escola Normal e Gymnasio Paranaense ano de 1896. O registro original segue abaixo:

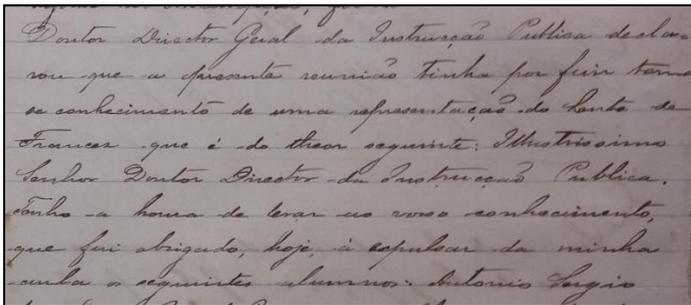
A snippet of a handwritten document in cursive script. The text is written on lined paper and includes the following visible words and phrases: "Doutor Director Geral da Instrução Publica de lora", "sou que a presente reunião tenha por fim termo", "se conhecimento de uma representação do Srto de", "Francês que é do teor seguinte: Ilustrissimo", "Senhor Doutor Director da Instrução Publica.", "Tenha a honra de ter em seu conhecimento", "que fui obrigado, hoje, a expulsar da minha", "aula o seguinte alumno: Antonio Sergio".

Figura 1 - Actas da Congregação da Escola Normal e Gymnasio Paranaense ano de 1896 – Acervo CMCEP



Figura 2 – Actas da Congregação da Escola Normal e Gymnasio Paranaense ano de 1896 – Acervo CMCEP

Com relação à leitura destes documentos, Bacellar (2005) comenta que “As primeiras tentativas de leitura de um documento de arquivo deixarão claro que o pesquisador precisa se moldar a uma ortografia e a uma gramática diferenciadas” (2005, p.55). Para o pesquisador, encontrar uma boa caligrafia nos nossos documentos é uma questão de sorte – como é o caso dos materiais do Colégio estadual do Paraná, que não exigem um grande esforço para a leitura.

Sei que a educação pública não foi sempre acessível como observamos hoje. E é novamente nas páginas de registro dos colégios que percebo como ela funcionou no passado. Via de regra, encontrarei nos registros muitos nomes de ruas de Curitiba como pertencentes a alunos matriculados na instituição.

O Colégio Estadual do Paraná é em si um registro histórico de diversas épocas, mas principalmente de como a educação no Paraná foi, aos poucos, se transformando, deixando seu caráter elitista – pelo menos, em teoria – e ganhando mais espaço. E com o trabalho nessas milhares de páginas, muito ainda existe para se descobrir com relação às Histórias e Memórias Sobre Educação no arquivo do Colégio Estadual do Paraná.

Algumas considerações

Não proponho aqui uma conclusão, porque este não é um trabalho finalizado. De fato, está ainda muito longe de o ser e, acredito que, assim como a História, o trabalho com fontes documentais será sempre passível de novas interpretações.

Contudo, algumas palavras finais são importantes para arrematarmos os conceitos que foram trabalhados ao longo do capítulo.

A História muda, é reinterpretada e faz uso de novas fontes que antes eram deixadas de lado. A metodologia da História oral é uma delas, ponto crucial para entendermos como trabalhar com esse registro das experiências que os professores carregam na memória. Memória, outro conceito que deve ser cuidadosamente utilizado, uma vez que ela se adapta ao contexto do presente.

Mas os arquivos ainda estão lá. Há séculos eles estão lá e são de grande importância para os historiadores, principalmente quando estes buscam documentos oficiais. É do ofício do historiador ir aos arquivos e fazer com que aqueles documentos que lá estão silenciosos falem de si, ainda que nem sempre suas palavras sejam aquelas que o pesquisador planejou ouvir.

Em um curso de graduação de História, tenho as noções de todas essas coisas, no entanto, como busquei neste texto, devo enfatizar a importância da experiência deste ofício, conforme foi aqui demonstrado. É a teoria na prática.

Referências

ALBERTI, Verena. Fontes orais: Histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). *Fontes Históricas*. 2ª ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (organizadora). *Fontes Históricas*. 2ª ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p. 23-80.

LE GOFF. Jacques. *História e Memória*. Tradução LEITÃO, Bernardo... (et all). 7ª edição revisada, Campinas: Editora Unicamp, 2013.

LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. 15ª impressão, Nova Iorque: Cambridge University Press, 2011.

CAPÍTULO V

A organização do arquivo histórico: o acervo do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

*Samanta Gomes de Souza*²⁷

*Rayza Adriely Ferreira*²⁸

O presente relato apresenta uma das atividades desenvolvidas no projeto de extensão *Histórias e memórias sobre educação*, realizado na Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Levando-se em conta a necessidade de organizar e preservar diferentes fontes históricas, constituindo acervos para a pesquisa na área de História da Educação, o projeto apresenta diversas ações que contribuem para a realização deste objetivo amplo de preservação de documentos.

Considerando o contexto específico do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, uma das medidas que pode ser entendida como fundamental de acordo com a intencionalidade do projeto em questão, é a organização do arquivo histórico do Setor. As condições materiais do arquivo

²⁷ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, e-mail: samantags@yahoo.com.br. Foi bolsista de Extensão do Projeto.

²⁸ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná, e-mail: rayzadriely@yahoo.com.br. Foi bolsista de Extensão do Projeto.

demonstram as concepções sobre sua função para a universidade, revelando a urgência de ressignificar a visão de toda a comunidade a respeito das possibilidades deste espaço. Portanto, a preservação dos documentos produzidos pelo Setor de Educação como fontes para o estudo de sua própria história, bem como peças fundamentais para a História da Educação de modo geral, consolidou-se como uma das atividades iniciadas pelo projeto de extensão Histórias e memórias sobre educação. Esta iniciativa vem ao encontro do que propõe Ragazzini (2001), na defesa de que sem uma efetiva prática de cuidados com a documentação, não há avanços nas possibilidades de pesquisa em História da Educação:

[...] é de grande importância o desenvolvimento de uma consciência e de uma prática documentária de individualização, catalogação e conservação dos documentos. As novas identidades da História da Educação foram muito discutidas, assim como as possibilidades de uma aproximação inovadora com a história da escola, contudo, enquanto permanecemos sem uma prática de documentação adequada, permaneceremos no âmbito das discussões acadêmicas ou do pioneirismo. Uma historiografia mais sofisticada requer uma inovação no uso das fontes e isto não será possível sem uma **nova prática de pesquisa, uma nova prática arquivista e uma nova sensibilidade documentária.** (RAGAZZINI, 2001, p.26, grifo nosso).

Deste modo, várias medidas foram planejadas e desenvolvidas com o objetivo de estabelecer-se nova configuração ao arquivo histórico do Setor de Educação, não só no sentido material, mas também no tocante ao entendimento da comunidade universitária a respeito de seu significado.

Adentrando a tímida porta nº 101...

O arquivo histórico do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná está localizado em uma sala ao lado de um dos anfiteatros da universidade, mais precisamente no prédio D. Pedro I. Esse anfiteatro é frequentado por muitos alunos, professores e por pessoas da comunidade em geral. No entanto, o fato de sua entrada estar localizada em uma área de circulação privilegiada não impede que este espaço passe despercebido por muitos, que sequer imaginam a riqueza de documentos, fontes e informações que ele contém, que contam a história não só do Setor da Educação, mas também que fazem parte da História da Educação do Estado do Paraná.

Assim, podemos concordar com Mogarro (2005) quando afirma sobre a importância de um local específico e adequado do arquivo nas instituições escolares e da conservação de seus documentos. O arquivo é responsável pela preservação da memória escolar e também por contar parte da história dos envolvidos nela, possibilitando que através de seu acervo não se perca a memória e a identidade da instituição, mesmo com o passar do tempo:

A importância do lugar do arquivo na instituição escolar tem acompanhado a afirmação desta instituição como um microcosmos com formas e modos específicos de organização e funcionamento. As escolas são estruturas complexas, universos específicos, onde se condensam muitas das características e contradições do sistema educativo. Simultaneamente, apresentam uma identidade própria,

carregada de historicidade, sendo possível construir, sistematizar e reescrever o itinerário de vida de uma instituição (e das pessoas a ela ligadas), na sua multidimensionalidade, assumindo o seu arquivo um papel fundamental na construção da memória escolar e da identidade histórica de uma escola (MOGARRO, 2005, p.79).

Tendo nossos primeiros contatos com o arquivo, percebemos a distância entre esta concepção de valorização histórica de documentos produzidos no cotidiano da Universidade Federal do Paraná e o seu significado para a comunidade acadêmica, uma vez que a maior parte das pessoas desconhecia, até então, sua existência.

Entre muitos professores e funcionários da Universidade, sujeitos para os quais a existência do arquivo não era totalmente uma novidade, a concepção vigente era a de “arquivo morto”, termo constantemente empregado e impregnado do que visualmente poderia ser notado por quem acessasse o espaço: um local para abrigar o que não será mais utilizado, mas que não pode ser descartado, devido a toda legislação que “protege” a documentação. Deste modo, confundem-se as funções de arquivo e depósito na rotina de alocar no arquivo tudo o que “já incomoda” nos demais espaços, mas precisa ser mantido na Universidade, mesmo que não se tenha clareza das razões de ser assim.

O adjetivo “morto” carrega uma ideia até mesmo pejorativa, quando contraposto ao entendimento histórico que nosso projeto vislumbrava introduzir por meio da organização do arquivo histórico do Setor de Educação. Assim, orientando nossas ações havia o desejo de transformação desta visão do

arquivo de local de guarda ou descarte, simplesmente, para local de acolhimento dos materiais que podem preservar nossa memória, contar a história da qual fazíamos parte como discentes, e ser fonte para pesquisa. Em corriqueiras situações ao longo do desenvolvimento do projeto esteve presente a nossa percepção da concepção de arquivo enquanto depósito: a escuta regular do termo “arquivo morto”, a presença já existente de objetos sem a finalidade de documentação, a intenção de guardar mais materiais que não são adequados, as declarações de que não há a possibilidade de outra forma de organização do arquivo, o sentimento de “alívio” ao deixar documentos no local, enfim, demonstrações de que aquele é um espaço para apenas guardar o que é indesejado, o que não tem utilidade, como um “quartinho de despejo” em nossas residências. Neste sentido, Gonçalves (2012) aponta a relação entre a concepção de “arquivo morto” e o tratamento geralmente dado aos documentos produzidos em contextos escolares:

Toda escola tem um “arquivo morto”. Essa designação já indica os cuidados e a atenção que normalmente lhe são prestados e o sentido que lhe é dado na instituição. Relegados ao esquecimento, aqueles documentos encaixotados, empoeirados, por vezes deteriorados, são evitados ao máximo por todos (GONÇALVES, 2012, p.11).

De acordo com esta postura de apenas utilizar-se o arquivo como depósito de documentos, a forma de organização dos materiais ali encontrados era, até então, bastante precária. Havia muitas caixas sem identificação de seu conteúdo, com

informações insuficientes ou que deixavam dúvidas sobre a procedência e as condições de produção da documentação. Havia também inúmeras pastas denominadas “para arquivo”, mas que não sendo alocadas em caixas, deixavam bem vulneráveis os documentos, expostos à ação da poeira e até mesmo insetos. Por fim, encontramos também inúmeros livros muito antigos, de registros diversos, principalmente atas, sem proteção alguma.

A disposição deste material na área do arquivo demonstra uma organização inicial em prateleiras de madeira, projetadas especificamente para aquele fim. É possível perceber numerações nas caixas de acordo com as suas procedências, e as posições nas estantes seguem a numeração. No entanto, “ao redor” das estantes, nos cantos, sobre e embaixo de uma mesa no centro da sala, sobre cadeiras, empilhadas, enfim, viam-se inúmeras caixas que traziam à tona o quanto a organização fugiu do controle inicial. Estas caixas não dispunham de uma numeração, e eram as que menos informavam sobre seu conteúdo. Mergulhadas neste cenário, ao iniciarmos nosso contato com o arquivo, envolvidas pela urgência de cuidados que pairava no ar, intensificada pelo valor histórico daqueles materiais, na rotina de nossa atuação nos encontramos, muitas vezes, tentando reconstruir a trajetória das pessoas que cuidaram deste espaço, imaginando o trabalho realizado, e como a organização “escapou” das mãos da Universidade. Assim, percebemos que a própria história do arquivo poderia constituir-se um tema para pesquisa.

Deste modo, por meio de nossa participação no projeto *Histórias e memórias sobre educação*, pudemos iniciar uma experiência de tentativa de organização deste espaço, com iniciativas ainda “tímidas”, muitas dúvidas e demandas, mas com forte intenção de que nossas ações possam efetivamente traduzir a importância dos documentos do Setor de Educação, que é reconhecida pelos professores que idealizaram o projeto e pelos alunos envolvidos. Alguns dos ganhos desta iniciativa são descritos por Gonçalves (2012):

O arquivo “morto” deixa então de ser relegado ao esquecimento, assume o status de arquivo “histórico escolar” e pode contribuir para o desenvolvimento de reflexões sobre o passado da instituição, da comunidade, das pessoas que passaram pela escola, das práticas que ali se desenvolveram, das relações estabelecidas com o entorno, ou mesmo para a reflexão acerca de temas históricos mais amplos, que extrapolam o âmbito escolar (GONÇALVES, 2012, p.12).

Nossa reponsabilidade torna-se ainda maior diante do fato de esta não ser a primeira iniciativa de um projeto de extensão no sentido de cuidar-se do arquivo. Outras tentativas já ocorreram anteriormente, mas não tiveram a duração necessária para que houvesse resultados significativos. Portanto, pretendemos utilizar estas atividades como referências em nossas ações, desejando que o projeto deixe marcas relevantes na história do arquivo histórico do Setor de Educação.

O trabalho no arquivo: das primeiras impressões à familiaridade com os documentos

O projeto *Histórias e memórias sobre educação* teve início entre os meses de maio e junho de 2014. As atividades específicas no arquivo histórico foram iniciadas com a participação de três das quatro alunas contempladas como bolsistas, sendo que a quarta participante envolveu-se com a tarefa de digitalização. Com o andamento do projeto, algumas voluntárias, também alunas da graduação, passaram a contribuir, com carga horária menor do que a das bolsistas, mas colaborando bastante para a realização das atividades.

Deparamo-nos com um acervo enorme de documentos contidos em centenas de caixas, pastas, fichários e livros. A primeira impressão que tivemos foi a de que seria um trabalho que levaria anos, devido ao cuidado, atenção necessária e a falta de pessoas para trabalhar no projeto. Os documentos necessitavam de uma higienização, seleção e organização adequada.

Diante deste cenário, nos envolvemos por certa ansiedade, no sentido de tentarmos dar conta de uma demanda por cuidados acumulada há anos. A partir do contato com os documentos e de um crescente conhecimento sobre as peculiaridades dos cuidados necessários para o trabalho, fomos percebendo a necessidade de um prazo bem mais longo do que aquele que desejávamos.

Um dos desafios para a realização do trabalho é o fato de ainda não haver uma sala própria para fazer a higienização dos documentos. Trabalhávamos em uma sala de aula ao lado do arquivo, somente quando essa sala não estava sendo usada por alguma turma, ou trabalhávamos em algumas mesas no corredor

da universidade. Inicialmente, interpretávamos este fato como um pouco incômodo, pois era a passagem de muitas pessoas ao longo do dia, muitas delas pedindo informações. Além disso, nos sentíamos ainda “tímidas” durante o desenvolvimento das atividades, uma vez que estas chamavam a atenção do público por ser algo “inusitado” na rotina universitária. Porém, gradativamente, percebemos que a curiosidade e interesse nas pessoas em querer saber o que estávamos fazendo eram positivos para a ampliação do conhecimento da própria comunidade universitária a respeito da valorização de seus documentos. Em vários sentidos estávamos ganhando visibilidade: literalmente, chamando a atenção do olhar atento de quem passava por nós, e contribuindo para a descoberta das possibilidades a partir da nova organização dos documentos. Eram comuns comentários em relação à própria existência daquele espaço, desconhecido por muitos o que havia por trás da discreta porta, sobre como consideram importante o que estávamos realizando, e revelando dúvidas a respeito dos objetivos do trabalho.

Ainda nesta fase inicial, havia entre nós também certo desconforto devido aos materiais necessários para as atividades. Por trataram-se de documentos antigos, trabalhávamos com equipamentos apropriados como óculos de proteção, jaleco, luva descartável, máscara e touca, para evitar contato com ácaros e outros tipos de contaminações prejudiciais a nossa saúde. Estes equipamentos aumentavam a curiosidade de quem transitava pelo local onde trabalhávamos.

O trabalho de higienização inicia-se pela seleção prévia das caixas do arquivo contendo os documentos a serem higienizados. Nesta tarefa há o auxílio constante das professoras coordenadoras do projeto, pois é necessário o conhecimento sobre a forma pela qual organizaram-se as caixas, além de certa familiaridade com o contexto de sua produção, para maior entendimento de seu conteúdo, ou seja, era indispensável o conhecimento para além do nosso, de acadêmicas da graduação, que não alcança o significado da maior parte dos documentos. Portanto, sentimos inúmeras vezes que o simples contato com os documentos ampliava nossa compreensão a respeito da complexidade do funcionamento da Universidade. Neste momento, caixas sem identificação e documentos não acondicionados em caixas se constituíram um desafio, já que exigem maior tempo para a compreensão de seu conteúdo.

Em seguida, começamos a retiradas de grampos e clips enferrujados, envelopes e plásticos empoeirados e deteriorados, para a higienização do documento com o uso do pincel ou escova própria para este fim. A respeito da higienização de documentos Zaia (2006) destaca o cuidado que se deve tomar para a realização dessa higienização dos documentos:

Todo documento em suporte de papel deverá ser higienizado na frente e no verso (com a exceção das fotografias), tomando-se o cuidado de privilegiar uma única direção. As pessoas que estiverem trabalhando no mesmo ambiente devem tomar distancia uma das outras ou sentar-se em pequenas mesas individuais. Esse cuidado é necessário para evitar que a sujeira extraída de um documento seja transferida a outro (ZAIA, 2006, p.64 e 65).

Após a realização de todos esses cuidados com a higienização, verificamos a duplicidade de documentos, descartando cópias, e organizamos por assunto, colocando em envelopes e caixas novas. Geralmente, seguimos a classificação por envelopes que havia na caixa original, apenas substituindo-os, porém, às vezes não há uma clara organização, sendo necessária nossa interpretação sobre o conteúdo.

Registram-se em planilhas a data da execução da tarefa, número e descrição original da caixa (quando há), documentos efetivamente encontrados naquela determinada caixa, observações necessárias, e bolsista ou voluntário responsável pela caixa. Após a realização destes procedimentos a caixa é encaminhada para outra sala, onde ficam os documentos já higienizados e devidamente ordenados em sequência, a nova caixa recebe também uma nova numeração, que por sua vez, é registrado em planilha conforme exemplificado na Figura 1.

Dessa maneira, com os documentos higienizados adequadamente, organizados em caixas limpas e registrados em planilha ficará mais prático e acessível a busca por determinado documento para futuras pesquisas.

Data	Nº CDPHE	Descrição original	Documentos (tipo), período	Responsável
27/07	27	Mestrado 01 - Matrículas 95 - Frequência 95 - Cadastro de dissertação - Relação de bolsistas - Editais: 1995, 1996, 1997 e 1998	- Dissertações 1995 (resumo) - Solicitações de oferta de disciplinas - Relação de alunos matriculados - Registro de frequências - Cadastro de dissertações - Editais de defesa de teses 1995, 1996, 1997 e 1998 - Certificação de histórico escolar - Ofícios, comunicados, relações, convocações - Declarações e documentos dos alunos - Relação de bolsistas e valores de bolsas - Ofícios e comunicados referentes ao programa de bolsas - Financiamento de pesquisa educacional INEP - Ofícios de solicitação (recebidos) - Horário 2º semestre 1988 (mestrado FEUSP) - Solicitações de transferência 1995	Rayza

Figura 1 – Planilha utilizada para inventário do acervo documental do Setor de Educação

Corroborando nosso entendimento de que a preocupação da Universidade com seus documentos ainda é uma aprendizagem para toda a comunidade acadêmica, fomos surpreendidas com a existência de materiais fora do espaço do arquivo. As professoras coordenadoras do projeto foram informadas que nos almoxarifados de dois andares do prédio D.Pedro I, junto a materiais de limpeza, havia muitas caixas similares às caixas que estávamos higienizando no arquivo, caixas essas com documentos diversos, pastas, materiais usados nas aulas, mapas, fotografias e outros. Algumas dessas caixas estavam bem úmidas, deterioradas com o tempo e com as precárias condições em que se encontravam. A maioria dessas caixas não tinha descrição nenhuma e a quantidade de

documentos era bem significativa. Inicialmente, o que fizemos em caráter emergencial, foi a retirada destas caixas daquele espaço, transportando-as para o arquivo, para posteriormente fazermos seleção, organização e higienização. Como a maioria dessas caixas não tinha descrição, foram identificadas pelo andar onde encontravam-se, para facilitar assim o trabalho futuro.

Considerações Finais

Desde o início do projeto de extensão: *Histórias e Memórias sobre Educação* da Universidade Federal do Paraná, já se passaram mais de dois anos. Já nos formamos e atualmente outras bolsistas realizam as atividades no arquivo histórico. Ainda há muitas caixas para serem higienizadas e organizadas em local apropriado, mas ao olharmos para trás e refletirmos sobre o início do projeto, quando parecia que não daríamos conta, que levaria anos para terminar, devido a atividade exigir um trabalho dedicado, minucioso e contínuo. Tivemos uma grande surpresa, ao perceber que até aqui foi possível realizar grandes conquistas para o arquivo histórico do Setor de Educação, como, ampliação do número de bolsistas, voluntários e mais recentemente poder contar com uma estagiária. Possibilitando assim, que alcançássemos a marca de mais de 500 caixas higienizadas e organizadas em espaço apropriado. O arquivo histórico tornou-se conhecido e cada vez mais valorizado na comunidade acadêmica. Em breve, seu acervo estará disponível para futuras pesquisas.

Com a participação de cada bolsista e voluntário neste projeto de extensão, pudemos contribuir com a sociedade através da organização e disponibilização deste acervo. Oportunizando assim, através das nossas práticas, a ampliação dos nossos conhecimentos, para uma mudança de concepção e de olhar sobre documentos históricos e sua relevância para a história do setor e de todos os seus envolvidos.

Referências

GONÇALVES, Nadia G. Documentos de arquivos históricos escolares: possibilidades para o ensino de História. In: MOLINA, Ana H. e outros (orgs). *Ensino de História e Educação: olhares convergentes*. Ponta Grossa: Ed.UEPG, 2012, p.11-36.

MOGARRO, Maria João. Arquivos e educação: a construção da memória educativa. *Revista Brasileira de História da Educação*, v. 5, n. 2 [10], p.75-99, (2005). Disponível em <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/169/177>>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? *Educar em Revista*. Curitiba, Editora da UFPR, n.18, 2001, p.13-28.

ZAIA, Iomar Barbosa. *O acervo escola: O manual de organização e cuidados básicos*. São Paulo, FEUSP, 2006.

CAPÍTULO VI

Horizontes e experiências provenientes da ação no projeto de extensão "Histórias e Memórias sobre Educação" no arquivo permanente do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

*Monalisa Mota*²⁹

Os primeiros passos no trajeto de descobertas que iniciou-se com o ingresso como bolsista no projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação, se apresentou como a possibilidade de atuação no campo da pesquisa documental de um modo articulador à reflexão sobre a História da Educação. No que tange a memória do Setor de Educação da Universidade Federal, e o espaço destinado a compreender todo o repertório histórico e documental dos sujeitos, ações e contingências que teceram o percurso de construção, formação e desenvolvimento do mesmo, a pesquisa exerce seu papel como eixo de ensino e fomenta a possibilidade de reflexões acerca do horizonte de registros documentais do arquivo permanente – um dos mais importantes espaços de atuação do projeto de extensão.

²⁹ Discente do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná; Bolsista de Extensão no projeto "Histórias e Memórias sobre Educação".

Integrar-se nas atividades de extensão, especificamente no arquivo permanente, incitou conhecer algumas noções de arquivologia, como o que se refere ao ciclo de vida dos documentos, bem como a diferenciação entre documentos administrativos e institucionais, noções estas que otimizam o trabalho após a higienização dos documentos, e posteriormente sua ordenação e arquivamento. Entender a importância das informações alocadas no arquivo permanente, e organizá-las de um modo que garanta ao público o acesso a estas informações, no cumprimento da Lei nº 12.527/2011, que regulamenta o acesso a informação a toda a qualquer pessoa, garantindo o recebimento de informações das entidades e órgãos públicos. Entende-se que medidas como a Lei de acesso à informação, não só garantem que a sociedade em geral passe a ter acesso aos mais variados tipos de informação, mas também referem-se a contribuição que tal garantia dê a quem necessite de acesso à dados, referências na elaboração de pesquisa científica e acadêmica. A organização desses documentos, o zelo em preservá-los como parte do patrimônio da Universidade de modo a ser utilizado como fonte de pesquisa por outros alunos é o compromisso que rege o trabalho dos bolsistas que fazem parte da sistematização dos elementos localizados no arquivo permanente.

Um fato importante assimilado durante a higienização e sistematização dos documentos do arquivo do setor, diz respeito a transformação sofrida pelo arquivo, a qual acompanha as constantes mudanças temporais que a comunidade acadêmica vive ao longo dos anos. Desde os registros mais antigos,

realizados pelos professores catedráticos da década de 1930, onde compilavam dados de suas aulas, conteúdos programáticos e frequência dos estudantes até ao modelo informatizado adotado pela Universidade nos dias atuais, vê-se o que Rodrigues disserta como a múltipla definição do termo arquivo, quando aponta que:

Ao longo da história, a conceituação de arquivo mudou em conformidade com as mudanças políticas e culturais que as sociedades ocidentais viveram; os arquivos são um reflexo da sociedade que o produz [sic] e o modo como interpretá-lo [sic] também acompanha as mudanças que ocorrem (RODRIGUES, 2006, p.104).

Tais informações contidas neste espaço de memória da instituição, e mais especificamente do Setor de Educação, permitem uma reflexão sobre a grande semelhança que ainda se faz presente no currículo do curso de Pedagogia, mesmo ao longo dos anos o curso tendo sofrido reformas, mudanças de habilitação e de corpo docente, os tradicionais traços das disciplinas como Didática, Fundamentos da Educação, e outras disciplinas estão intimamente ligados pela história curricular na graduação da formação de professores. Com o acesso aos livros de registros dos primeiros docentes do setor, nota-se a preocupação que cada professor tinha em pormenorizar os registros do que ensinava diariamente, e as fichas pormenorizadas dos alunos matriculados em cada cadeira. Rodrigues (2006, p.107) aponta esta característica como que podemos adjetivar com as *características intrínsecas* do próprio

arquivo, no que se refere a singularidade das informações contidas ali.

A rigorosidade na preservação dos elementos que compõem o arquivo é um fator que constitui a rotina de higienização e organização das informações. Inicialmente, os documentos com o qual tínhamos contato, possuíam muitas vezes apenas a ordem cronológica, ou em algumas pastas, apresentavam apenas ordem de assunto, sem especificação de qual departamento ou pessoa eram destinados ou pertenciam, por exemplo. Ao longo da abertura das caixas e pastas que armazenavam tais informações, surgiu a necessidade de pormenorizar cada uma delas por temas ou observações pertinentes que possam facilitar uma busca posterior. Camargo (2003, apud RODRIGUES, 2006, p.110) descreve este modo de arquivar informações como uma ameaça à conservação interrelacional dos mesmos:

Se os documentos estão providos de autonomia, isto é, retiram sua autenticidade das relações que mantêm as demais unidades que interagem o conjunto, dentro do princípio de consignação que o rege, qualquer intervenção no sentido de romper seu equilíbrio originário acaba por 'implodir' próprio arquivo.

Entender a interdependência dos elementos que compõem o arquivo além de otimizar o serviço de busca, pretende mantê-los de maneira que não se perca integralidade de sua estrutura; este é um dos maiores desafios no processo que compreende o trabalho com fundos documentais – descrever as informações sinteticamente, de modo que seja possível nominar uma determinada informação, transformando-a em um

instrumento de pesquisa. Esta ação, que diz respeito também a definição da informação a ser preservada em espaço arquivístico é uma ação intelectual, visto que os sujeitos responsáveis pelas ações de preservação do espaço do arquivo permanente, atuam no processo descritivo de transição textual na definição dos documentos, como defendem Roncaglio, Szvarça e Bojanoski (2004, p.2) no que tange a definição dos elementos de informação que compõem um arquivo:

Os documentos considerados documentos de arquivo, embora possam variar na forma como se apresentam, ou tecnicamente falando, no suporte em que a informação será registrada, apresentam algumas características que os diferem de outros documentos que podem conter informações de valor científico, histórico e cultural (...) é importante ressaltar a questão da organicidade dos documentos de arquivos porque isto significa que um documento não tem importância em si mesmo (embora possa conter informações valiosas), mas no conjunto de documentos do qual faz parte e que ajuda a explicar, demonstrar, comprovar, enfim, dar a conhecer a realidade que se busca compreender seja ela a vida de uma pessoa, as atividades de uma empresa pública ou privada.

A demanda de informações que compõem o arquivo permanente é abastecida pelos departamentos e outras unidades do Setor de Educação da UFPR. Muitos dos dados recebidos em pastas e caixas de arquivo são documentos como comprovantes, históricos escolares fichas de matrícula, atas de reuniões, entre outros documentos que constituem uma massiva seleção de importantes informações a serem mantidas no arquivo, de acordo com a classificação de posicionamento dos dados organizados. Além dos documentos que possuem valor

histórico, os documentos com informações acerca de processos administrativos, ofícios entre outros, são elementos que necessitam ser preservados, e como encontram-se em vasta produção, constantemente apresentam o desafio na organização e busca dos mesmos, reiterando a necessidade de descreve-los de modo pormenorizado no momento de sua higienização. Por algumas vezes, houve a necessidade de encontrar alguns documentos de caráter processual, e mesmo com o uso da consulta por descrição nominal das caixas que foram armazenadas, encontrou-se muita dificuldade em sua localização.

Atualmente, um dos grandes desafios do trabalho organizacional no arquivo permanente está justamente na organização da demanda dos documentos de primeiro e segundo ciclo, que de acordo com Roncaglio, Szvarça e Bojanoski (2004) dizem respeito respectivamente aos documentos com valor administrativo e probatório e/ou legal dos mesmos, pois a demanda de produção dos departamentos dos documentos pertencentes a estes ciclos são predominantemente maiores que os documentos já no ciclo permanente.

Um fator determinante que compõe o desafio da preservação dos documentos históricos e do trabalho no arquivo permanente, diz respeito à estrutura e o espaço destinado para as atividades e o armazenamento no campus onde está localizado o setor de Educação – ter um espaço amplo e seguro para o armazenamento dos documentos já higienizados e organizados, e materiais como caixas, estantes e pastas que garantam a preservação dos documentos é vital pra o bom funcionamento

do trabalho coletivo no arquivo permanente. Além disso, as chamadas rotinas de manuseio, como transporte, e a qualidade dos produtos utilizados no momento da higienização dos documentos são fatores que não passam despercebidos no momento de trabalho dos colaboradores envolvidos no projeto, Como orientam Roncaglio, Szvarça e Bojanoski (2004, p.10-11) estar atento a detalhes que reduzam o risco de perda de qualidade material dos documentos é uma das ações que compõem a gestão das informações arquivísticas.

Neste sentido é recomendável investir prioritariamente, independente da etapa de vida do ciclo em que o documento se encontra, em segurança (redução de riscos de acidentes como, por exemplo, incêndio e alagamento, prevenção de vandalismo ou roubos) e em melhorias das condições ambientais dos locais de guarda (redução dos índices de temperatura e umidade, da incidência da luz natural ou artificial, da presença de poluentes, e ainda, realizar o controle de infestação de pragas tais como insetos, fungos e roedores). (...) É recomendável ter sempre em mente que se as condições ideais são difíceis de serem alcançadas, deve-se, com os meios disponíveis fazer o possível para melhorar a situação existente e reduzir os fatores de risco.

A preocupação na acomodação dos documentos que já estão higienizados, demanda alguns cuidados específicos que envolvem, por exemplo, a logística entre a sala de arquivo e o espaço onde são acomodadas as caixas e envelopes de documentos e a atenção na organização por sequência numérica destes documentos. Uma vez que numerados, estes documentos são mais facilmente encontrados caso seja necessário consultá-los posteriormente. A atenção dedicada à acomodação dos livros e documentos mais antigos do Setor de Educação em um espaço

que os mesmos possam estar livres de riscos de exposição à deterioração tem feito com que seja discutida a possibilidade de remoção destes documentos ao novo campus do Setor de Educação, como um considerável ganho do projeto de extensão, visto que investir neste novo espaço destinado à função do arquivo permanente, nos apresenta um horizonte à continuidade do projeto de extensão, para os próximos anos, fomentando a possibilidade de muitos estudantes participarem das ações educativas no espaço do arquivo permanente viabilizando a pesquisa e o acesso à informação provenientes das ações do projeto Memórias e Histórias sobre Educação.

Compõem ainda o valor histórico do acervo proveniente do Setor de Educação, dezenas de registros ricos em informações a serem preservadas, nomeadas pelos icônicos docentes tais como Homero de Barros e Anísio Teixeira, das primeiras turmas dos cursos ofertados pelo Setor de Educação nas primeiras décadas do século XX. Com seus diários de classe e registros de aulas, repletos de informações sobre o que se ensinava na época, muito se pode refletir sobre o currículo dos cursos, suas constantes transformações e raízes metodológicas que são mantidas até os dias de hoje.

A preservação da memória do Setor de Educação também está em uma das outras vertentes do projeto de extensão, que consiste em buscar nas vivências de antigos funcionários do Setor por meio de entrevistas suas recordações e vivências enquanto docentes e servidores, seus relatos e experiências pessoais, por meio de entrevistas realizadas pelos professores e bolsistas de extensão. Rememorar o trabalho dos

sujeitos que ajudaram a construir a história do campus, ouvir o entusiasmo daqueles que por um longo período contribuíram na formação de centenas de alunos é um dos grandes privilégios ao longo da participação no Projeto, juntamente à oportunidade de expor as ações do projeto nos eventos de extensão universitária, por meio de palestras, exposições e eventos de ensino e pesquisa.

Conclui-se que as múltiplas ações do projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação, refletem em aprendizagens significativas ao longo da graduação, que resultam em um maior envolvimento na comunidade acadêmica, de maneira a contribuir não somente na formação profissional, mas no constante estímulo em nos fazer refletir sobre os horizontes que a pesquisa documental se abrem mediante às possibilidades às próximas gerações de sujeitos que construirão a história não somente de um dos importantes setores da Universidade, mas da própria Educação, como elemento formador de cidadãos humanos e históricos em um contexto em constantes mudanças e de produção histórica viva nos espaços acadêmicos.

Referências

BRASIL. LEI Nº 12.527, DE 18 DE NOVEMBRO DE 2011. *Regula o acesso a informações* previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras

providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112527.html>. Acesso em 14 de jul. 2016.

RODRIGUES, ANA M. L. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v 11, p. 102-117, 2006.

RONCAGLIO, Cynthia; SZVARÇA, Décio Roberto; BOJANOSKI, Silvana de Fátima. Arquivos, gestão de documentos e informação 10.5007/1518-2924.2004v9nesp2p1. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, Florianópolis, p. 1-13, jan. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9nesp2p1/5486>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

CAPÍTULO VII

Centro de Memória do Colégio Estadual do Paraná: 10 anos de uma construção coletiva

*Ana Lygia Czap*³⁰

*Luzinete Pereira da Silva*³¹

A preservação do patrimônio histórico das escolas públicas do estado do Paraná tem sido um assunto mais abordado na atualidade. Porém, a proposta pioneira teve início no ano de 2006 no Colégio Estadual do Paraná, com a criação de um projeto de pesquisa, cujo objetivo era analisar o tratamento dado, na trajetória histórica do Colégio Estadual do Paraná, ao arquivo escolar e ao Museu Guido Straube, quanto à relevância, conservação e uso. Com esse projeto verificou-se a necessidade de uma reorganização do acervo documental do Colégio Estadual do Paraná (CEPR).

Assim, foi composta uma comissão gestora com membros do colégio e a participação da Superintendência de Desenvolvimento Educacional/ Secretária de Estado da

³⁰ Licenciada em história pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG – Especialista em Educação Patrimonial – Centro de Memória – CEPR. Contato: analygia@cep.gov.br.

³¹ Licenciada em História pela Universidade Tuiuti do Paraná – UFPR. Especialista em Economia do Trabalho pela UFPR. Coordenadora do Centro de Memória do CEP. Contato: luzinetepsilva@yahoo.com.br

Educação (SUDE/SEED) através do projeto Museu da Escola e da Linha de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), através da professora Nadia Gaiofatto Gonçalves. Em 2009 mudou-se o foco do projeto para a criação do CENTRO DE MEMÓRIA do CEP (CMCEPR) que abrange o entendimento de todo o Colégio como espaço de memória.

Várias reuniões ocorreram, todas com registros das discussões e estudos realizados por esta comissão até que se estabeleceu um regimento interno e uma linha de trabalho. A partir da aprovação de tal regimento pelo Conselho Escolar do Colégio Estadual do Paraná, sendo este amplamente discutido pelos seus membros, institui-se então o Centro de Memória e se desfez a referida Comissão. Desde então muito se há trabalhado em prol da organização, catalogação, higienização do acervo, bem como outras ações voltadas a sua preservação e tornando-o acessível aos alunos e pesquisadores que a ele buscam.

Desde então o Colégio recebe apoio da UFPR, através do projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação, que sempre disponibiliza estagiários que desenvolvem trabalho junto ao Centro de Memória. Desta parceria já surgiram exposições, organização de uma biblioteca, digitalização de documentos, atividades pedagógicas, entre outras.

Hoje, o CMCEPR é um órgão complementar subordinado à Direção Geral dessa instituição, com pessoal técnico, pedagógico e administrativo próprio, que objetiva preservar e divulgar a memória e a história do CEP. Ainda em processo de organização, se constitui de acervos relacionados à memória e

história do colégio, promovendo sua restauração, organização, conservação e divulgação. O eixo temático central das atividades do CMCEPR é a história e memória do CEP desde sua criação em 1846, como “Licêo de Curitiba” até os dias atuais, como o ano de 2016 em que a instituição comemora seus 170 anos de existência.

Subsidia estudos e pesquisas voltados à memória e história institucional, ou outras relacionadas à História da Educação, por meio da disponibilização para consulta local de seu acervo, através da constituição de banco de dados do acervo para consulta. Também, organiza atividades ou eventos com finalidades pedagógicas ou culturais, bem como difundir a importância da preservação dos acervos escolares, da memória escolar e do patrimônio cultural escolar, aproximando o colégio da comunidade interna e externa.

Museu Professor Guido Straube

Pela Ordem de Serviço no. 4/1979, de 8 de maio de 1979, o diretor, Professor Osny Antonio Dacol, cria oficialmente o Museu, dando-lhe o nome de “Museu Professor Guido Straube”, em homenagem ao mestre que o iniciou.

No dia 2 de agosto de 1979 houve a inauguração desse pela então Secretária da Educação, Gilda Polli Rocha Loures, em nome do Governador José Richa, dando-lhe cunho oficial para esse empreendimento. Em 1985, o diretor, professor Eraldo Graeml, resolve estender o Museu ao Salão Nobre, abrigando também a pinacoteca e o setor Histórico do Estabelecimento

centenário, designando a professora Carmem Lucia Rigoni, para a coleta e recuperação do acervo e posterior instalação.

O Museu tem por finalidade preservar a memória do CEP, através da coleta de informações e elementos materiais sobre a Educação, no Estado. Também, oferecer suporte às atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas aos seus objetivos. O Museu seguirá um Plano Museológico e Regimento Interno próprios, que atendam as diretrizes gerais estabelecidas na instituição de ensino a qual está vinculado.

O Museu está hoje incluído no Catálogo de Museus do Estado do Paraná. Em seu acervo, possui material didático-pedagógico, mobiliário, símbolos, uniformes, troféus, medalhas, documentos, fotografias, taxidermia, entomologia, paleontologia e ictiologia. Existem ainda livros, documentos e objetos de uso pessoal do professor Guido Straube.

O acervo do Museu já possui um prévio registro e catalogação, uma vez que ele existe desde 1979. Porém, em um primeiro momento, será necessário separar o que é de responsabilidade do Museu (e.g. objetos e obras bibliográficas raras e antigas) e da Seção de Documentação (documentos escritos e bibliográficos para pesquisa). Tal trabalho deverá ocorrer antes que se inicie a incorporação de novos elementos ao acervo. Parte do mesmo já se encontra em sistema de catalogação de acervo museal (Pergamum) cuja liberação à instituição se dá por meio da Coordenadoria Estadual de Museus (Cosem) e pode ser acessada através do seguinte endereço eletrônico: <http://www.memoria.pr.gov.br/biblioteca/index.php>.

Abaixo algumas imagens ilustrativas do acervo do museu a ser catalogado.



Figura 1 – Itens do Museu Guido Straube (CEP)

Seção de Documentação

A Seção de Documentação Histórica do Centro de Memória do CEP abrigará todos os documentos considerados de relevância para pesquisa informal ou científica, bem como para a preservação da memória da Instituição e da Educação. Cabe a esta seção a conservação preventiva do acervo e a promoção de ações de divulgação e disponibilização do acervo documental. Os documentos do CEP, que vão para o Centro de Memória, são aqueles que não estão em uso corrente na instituição ou em temporalidade de guarda legal.

Os documentos que legalmente são considerados como da vida escolar do aluno permanecerão no âmbito da Secretaria-Arquivo Geral. Atendendo a Lei de acessibilidade, o Centro de Memória atende a pesquisas internas e externas à instituição, sempre com agendamento. Abaixo imagem dos livros já higienizados e em fase de digitalização e posterior catalogação em banco de dados para pesquisa.



Figura 2 – Acervo documental do CMCEP

Seção de Proteção do Patrimônio Histórico

A Seção de Proteção do Patrimônio Histórico do CEP será responsável pelo assessoramento das ações relativas à preservação da estrutura física da instituição. Tal seção visa à

preservação de todos os bens materiais e imateriais³² que, pelo seu valor, são considerados de interesse relevante para a conservação da identidade e da cultura de um povo.

No CEP temos um conjunto de atividades e modos de agir e viver de um grupo, onde se formam coletividades e que se pretende que estas tenham um sentimento de pertencimento ao colégio. Preservar é defender, proteger, resguardar, manter livre de corrupção, perigo ou dano, conservar, exercer o direito à cidadania. Cabe a esta seção o inventário dos espaços e objetos distribuídos pelo colégio, considerados importantes para a preservação histórica, bem como orientar a utilização dos mesmos.

As portas, os relógios, o mobiliário e as obras que compõem alguns espaços precisam ser reconhecidos e preservados por todos que dele fazem uso.

O CMCEPR é concebido pensando na diversidade de suportes e formatos que este pode ter, quais sejam: documentos impressos e manuscritos, materiais de áudio e vídeo, fotografias, objetos diversos (tridimensionais).

Além do arquivamento, tratamento e guarda adequados, o CMCEPR também terá um espaço interativo de exposição, bem como espaço para pesquisa, sobretudo na área de história da educação. Atualmente aguardamos a adequação do espaço físico que abrigará a ampliação de nossas ações, e a ampliação

³² Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) em <http://portal.iphan.gov.br>

das ações de parcerias, principalmente com a Universidade Federal do Paraná, que ao longo dos 10 anos de início desse projeto, caminha em conjunto com o Colégio.

CAPÍTULO VIII

A Biblioteca além da biblioteca: registros da história através dos livros do CEP

*Danielle Manika Koeb*³³

*Solange Rodrigues de Oliveira*³⁴

“Se ao lado de uma biblioteca houver um jardim, nada faltará.”

Cícero

As bibliotecas e os saberes

Bibliotecas existem a milhares de anos e estão presentes na vida dos homens com a finalidade de levar e perpetuar o conhecimento à humanidade. As bibliotecas guardam a memória de uma civilização seja na forma de livros, jornais, documentos históricos, fotografias.

Segundo o dicionário Aurélio (DICIONÁRIO AURÉLIO, 2016) o termo biblioteca significa: “1 Conjunto de livros, manuscritos, etc.; 2 Sala ou edifício onde está essa coleção; 3 biblioteca viva: pessoa erudita.”

³³ Discente do curso de Pedagogia da UFPR e bolsista do projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação.

³⁴ Discente do curso de Pedagogia da UFPR e bolsista do projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação.

Partindo da definição de biblioteca exposta no dicionário Aurélio vemos a amplitude do termo e a sua importância. A biblioteca está além de ser somente o edifício onde estão coleções de livros e passa a ser vista como um espaço onde se guardam coleções, manuscritos importantes.

A “biblioteca” do Colégio Estadual do Paraná

A história do Colégio Estadual do Paraná está intimamente ligada com a história da educação em Curitiba e a biblioteca desta Instituição remonta a criação do Ginásio Paranaense que data de 1846.

A primeira Biblioteca Pública da Província (atual Biblioteca Pública do Estado do Paraná) é criada em 1857 através da Lei n.º 27, de 7 de março, instalada no Liceu.

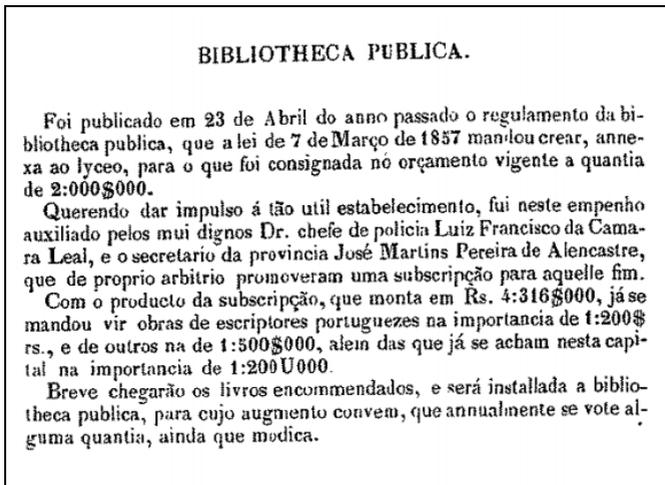


Figura 1 – Inauguração da primeira biblioteca pública.

FONTE – PARANÁ, Relatórios de Governo 1859, p. 17.

A história da biblioteca do Colégio Estadual do Paraná se inicia no século XIX, como nos mostram os registros nas atas da congregação. Nos oitocentos havia um rigoroso processo até que o livro fosse adquirido pelas escolas públicas. Esse processo era acompanhado pelo Conselho Diretor de Instrução e em conformidade com a Lei de 1854 que no seu Art. 3º Incumbe ao Inspector Geral no parágrafo 4º “Rever os compendios adoptados nas escolas publicas, corrigil-os ou fazel-os corrigir, e substituil-os, quando for necessario para assim ser liberado para as escolas públicas”. (BRASIL, 1854)

Desta forma,

Antes de aprovadas, as obras eram encaminhadas pelo Conselho a pessoas consideradas “idôneas”, isto é, que fossem de confiança das autoridades. Uma significativa parcela desses conselheiros era composta por professores públicos, aos quais cumpria fazer uma avaliação que aprovasse somente obras que estivessem de acordo com os interesses do poder vigente (TEIXEIRA, 2008, p.34).

Segundo as atas da Congregação do Ginásio Paranaense a biblioteca sempre teve grande importância mostrando a quantidade e procurando manter a qualidade dos livros ali existentes.

Tivemos acesso às atas da Congregação onde estão relatados alguns dados sobre a Biblioteca do Colégio, entre elas separamos algumas que pensamos ser relevantes:

Nas atas da congregação dos anos de 1900 a 1911, encontramos referência sobre o livro do professor Dario

Vellozo, “Lições de história” que estava passando pela comissão. A Ata do dia 10 de julho de 1905, assim descreve,

Terminando, a comissão é de parecer que o livro “Lições de História” do Sr Dario Veloso preenche perfeitamente, com vantagens para o ensino, o fim a que foi destinado e que deve continuar adoptado no curso da escola Normal, bem como no Gynnasio Paranaense (GYNNASIO PARANAENSE, 1905, p,38).

Em 5 de maio de 1910 relatam a discussão em torno da compra do livro “Leitura Manuscrita” de Camillo Lelles para resolver o problema no ensino das letras aos alunos.

Refere a ata que

os alunos de nossas escolas de há cincoenta annos aprendem a ler em cartas particulares que os professores pediam aos commerciantes e a outras pessoas, e as quais eram restituídas aos seus donos. Isso que elles faziam por necessidade, pela carência de livros e pela difficuldade de os conseguir (GYNNASIO PARANAENSE, 1910, p.82).

No dia 29 de março de 1943 a Biblioteca do Colégio Estadual do Paraná³⁵ é inaugurada solenemente no salão nobre do Colégio e conforme a ata, esta conta com 4.500 volumes distribuídos em 15 armários

³⁵ Em 1943, pelo Decreto n.º 11.232, de 6 de janeiro, o Presidente da República, muda a denominação para COLÉGIO ESTADUAL DO PARANÁ

Ata da Congregação em sessão
solene para a inauguração da
Biblioteca do estabelecimento.

Aos vinte e nove (29) dias do mês de
março, de mil novecentos e quarenta e três (1943),
efemeride do 250º aniversário da fundação
desta cidade, reunida a Congregação deste
Colégio, sob a presidência do Exmo. Sr. Inten-
dente Federal Manuel Ribas e com a presença
das autoridades civis, militares e eclesias-
ticas, que esta subscrevem, inspetores fe-
derais, alunos e numerosas pessoas grades,
no salão nobre do Colégio Estadual do Para-
ná, às 19h06 horas, foi aberta a sessão para o
fim especial da inauguração da biblioteca
composta de 4.500 (quatro mil e quinhentos) vo-
lumes distribuídos em 15 (quinze) armários.

Figura 2 – Ata da Congregação

FONTE: Colégio Estadual do Paraná, 1943

Embora possamos pensar que encontraremos todos os livros em uma biblioteca, Chartier nos lembra que “idealmente composta para abrigar uma ‘infinidade de boas, conhecidas e notáveis’ obras, a biblioteca deve, todavia, limitar suas ambições e fazer escolhas” (CHARTIER, 1998, p 69) e é o que verificamos nas atas, a escolha de livros que fariam parte deste acervo.

O trabalho realizado

O projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação, ofertado aos alunos de graduação da UFPR na área da História da Educação pensa nos arquivos escolares como fonte de pesquisa, possibilitando o trabalho que atualmente realizamos no centro de memória do CEP, que é a catalogação e higienização dos livros antigos que um dia já estiveram em voga desde o tempo da criação do Liceu de Curitiba em 1846.

A parceria entre Universidade Federal do Paraná e o Colégio Estadual Paraná desde 2006 traz benefícios para ambos. De um lado pela preservação dos livros desta “biblioteca esquecida” e por outro lado pelo aprendizado oferecido aos discentes que participam do projeto de extensão.

A biblioteca que nos referimos é uma outra biblioteca que até então estava esquecida dentro do Colégio Estadual do Paraná. Uma biblioteca que foi ao longo dos anos sendo descartada por quem ali passou. Livros que outrora foram utilizados ao extremo, de repente não serviam mais e foram sendo depositados em uma sala qualquer. Quando nos referimos a biblioteca como esquecida queremos mesmo enfatizar esse esquecimento como que um pensamento de que os livros já não nos servem mais. Felizmente o resgate foi realizado a tempo e possivelmente teremos um acervo protegido.

A história do Colégio se conta também através destes livros, que um dia foram utilizados e folheados por inúmeros alunos, e hoje estão esquecidos em uma pequena sala. Ao manuseá-los vemos que muitos livros foram escritos no século

Livros raros: o que classifica um livro raro?

Classificar um livro como sendo raro não é tarefa simples, como nos mostra Pinheiro

Um livro raro, sempre, terá valor considerável e meritório. E vale reiterar: há obras que são raras desde sua aparição, e há outras que o serão com o passar do tempo. Neste caso, a raridade é firmada em função de circunstâncias criadas ou provocadas; por exemplo: um livro proibido, em tese, não será mais raro a partir do momento em que sua proibição for suspensa: ou, um livro passará a ser raro no momento em que parte significativa da edição se perder ou tomar rumo ignorado, por acidente ou com intenção. É lícito, pois, concluir que um livro que é considerado uma raridade extraordinária, mais tarde, pode ser avaliado como obra muito comum; assim como um item sem qualquer significado pode alcançar, no futuro, valor excepcional (PINHEIRO, 2009, p.36).

Pinheiro (2009,p.33) também faz alguma consideração para se identificar a raridade de uma obra:

- 1 limite histórico;
- 2 aspectos bibliológicos;
- 3 valor cultural;
- 4 pesquisa bibliográfica;
- 5 características do exemplar.

Entendemos a partir das considerações de Pinheiro que nesta biblioteca em especial estão guardados livros raros para serem descobertos e utilizados hoje como fonte tornando-se um privilégio para os pesquisadores entrar em contato com livros dessa magnitude. O que torna uma obra literária rara pode ser

somente o fato de ser muito antiga, difícil de encontrar ou ainda ser manuscrita.

Encontramos dentro desta biblioteca do Colégio Estadual do Paraná alguns livros que possuem outras características que também determinam a raridade da obra, são segundo (RODRIGUES, 2006) “dedicatórias e correções de punho do próprio autor” são elementos que tornam a obra literária uma raridade.

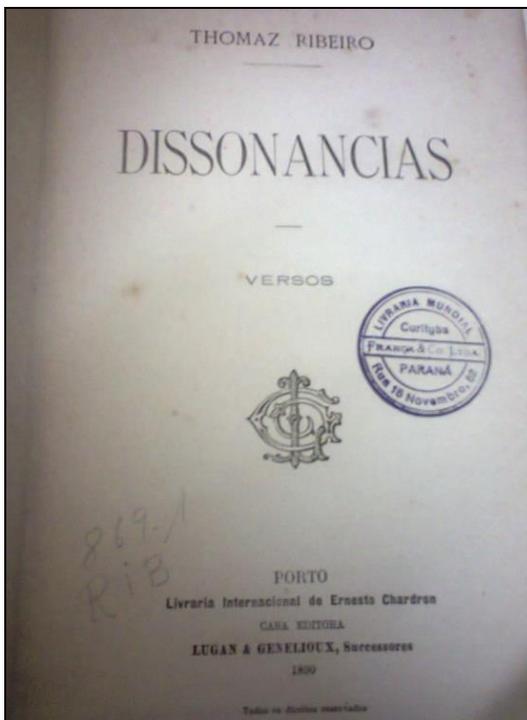


Figura: Dissonâncias, RIBEIRO, Thomaz. 1850
FONTE: Colégio Estadual do Paraná

Conclusão

O projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação nos possibilitou o enfrentamento com novas vivências, ampliando nosso repertório de conhecimento.

Trabalhar na biblioteca do Colégio Estadual do Paraná nos mostrou quão relevante são as obras que estão ali esquecidas e provavelmente seriam descartadas. A possibilidade de deixar essas obras visíveis novamente nos deixou realizadas por pensar que estamos contribuindo com o futuro da pesquisa dentro da História da Educação.

Referências

BIBLIOTECA. In: DICIONÁRIO AURÉLIO. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/>>, acesso em: 03/08/2016.

CHARTIER. Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: UNB, 1998.

PINHEIRO, Ana Virgínia. Livro raro: antecedentes, propósitos e definições. In SILVA, H.de; BARROS, Helena. T.C. *Ciência da Informação: múltiplos diálogos*. Marília: Unesp, 2009. p.31-44.

RODRIGUES, Marcia carvalho. Como definir e identificar obras raras? Critérios adotados pela Biblioteca Central da Universidade de Caxias do Sul. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n.1, p.115-121, jan./abr. 2006.

TEIXEIRA, Baptista Giselle. *O livro escolar na Corte Imperial: contribuições para a institucionalização da escola*. In: MAGALDI, A. M. de; XAVIER L. N. Impresses e História da educação: usos e destinos. Rio de janeiro: Viveiros de Castro, 2008. p. 30-44.

Fontes

BRASIL, Lei de 1854, dispõe sobre a Aprovação do Regulamento para a reforma do ensino primario e secundario do Municipio da Côrte. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>>.

PARANÁ, Relatório de 7 de janeiro de 1859, dispõe sobre questões gerais acerca do Paraná. Presidente: Liberato de Mattos. p.17, disponível em: <http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/rel_1859_a_p.pdf>.

PARANÁ, Atas da Congregação do Ginásio Paranaense. 10 de julho de 1905 e 1910.

CAPÍTULO IX

O projeto de pesquisa do Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Formação e Práticas Educativas (NUHFOPE) e a parceria com o Projeto de Extensão Histórias e Memórias Sobre Educação

*Liane Maria Bertucci*³⁶
*Leziany Silveira Daniel*³⁷

Preâmbulo

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Formação e das Práticas Educativas (NUHFOPE) foi organizado em 2014 no Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, registrado na instituição, o Núcleo é certificado pela UFPR e cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do

³⁶ Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora Associada de História da Educação no Departamento Teoria e Fundamentos da Educação e do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenadora do Projeto de Pesquisa Fontes para a História da Formação e das Práticas Educativas: Levantamento em Bibliotecas da UFPR.

³⁷ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora Adjunta do Departamento de Teoria e Prática de Ensino da UFPR. Vice-coordenadora do Projeto de Pesquisa Fontes para a História da Formação e das Práticas Educativas: Levantamento em Bibliotecas da UFPR.

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O NUHFOPE apresenta como principal objetivo analisar diferentes processos educativos e formativos na escola, em saúde, nas artes e no trabalho, a partir de dois eixos: o referencial teórico-metodológico da História e a temática educacional dentro e fora do universo escolar. O Núcleo é constituído por pesquisados, doutores e mestres, e estudantes; as professoras doutoras Liane Maria Bertucci e Nadia Gaiofatto Gonçalves são, respectivamente, coordenadora e vice-coordenadora do NUHFOPE³⁸. Os temas privilegiados nos estudos e pesquisas do Núcleo são: políticas educacionais, disciplinas escolares, currículo, formação e práticas de professores e profissionais de saúde, educação para o trabalho e para a saúde (dentro e fora da escola), cultura escolar.

Em 2015, como parte das atividades empreendidas pelo NUHFOPE foi elaborado pelos integrantes do Núcleo o Projeto de Pesquisa Fontes para a História da Formação e das Práticas

³⁸ Em meados de 2016, são os seguintes os integrantes do NUHFOPE: As professoras mestre Cristian Carla A. Volski Cassi (UFPR), doutora Dulce Dirclair Hulf Bais (UFPR), doutora Leziany Silveira Daniel (UFPR), doutora Liane Maria Bertucci (UFPR), doutora Márcia Marlene Stentzler (Unespar), doutora Nadia Gaiofatto Gonçalves (UFPR), doutora Samara Mendes Araújo Silva (UFPR) e doutora Valquíria Elita Renk (PUC-PR). As doutorandas Daniela Pedroso, Iriana Nunes Vezzani, Júlia Vieira Tocchetto de Oliveira, Silvete Aparecida Crippa de Araújo e Silvia de Ross. As mestres Amanda Garcia dos Santos, Carina Silva Vieira, Jacyara Batista Santini, Sibeli Colere e Susan Ferst. O(as) mestrando(as) Edilene Maria Leite dos Santos, Michelle Caroline Bulotas, Tálita Jacy Rasoto e Vitor Bezerra de Menezes Picanço. A acadêmica de Pedagogia Josiane Maria Scharneski.

Educativas: Levantamento em Bibliotecas da UFPR. A afinidade da temática deste Projeto de Pesquisa com as atividades do Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação (Setor de Educação – UFPR), que tem entre suas metas a preservação de acervos e fontes relacionados à História da Educação, em especial do Paraná (PROJETO, 2014), resultou em uma parceria frutífera entre o Núcleo e o Projeto de Extensão. Firmada em 2015, as ações relacionadas a esta parceria foram evidenciadas a partir do início da execução do Projeto de Pesquisa em janeiro de 2016.

Acervos de bibliotecas e as Bibliotecas da UFPR

A discussão acerca dos acervos para História da Educação tornou-se mais frequente no Brasil nos últimos vinte anos, como um dos desdobramentos dos intensos debates entre historiadores que ocorreram a partir de meados dos anos 1970 e resultaram no aprofundamento das críticas às abordagens marxistas da história (p.ex. THOMPSON, 1981) e nos questionamentos e propostas dos *annalistes* da “terceira geração” sobre novas abordagens, problemas e objetos (LE GOFF; NORA, 1976; LE GOFF, 1990). Conforme Bertucci, “[...] em 1989, em meio aos debates da “virada crítica”, permeados pelas discussões sobre uma história antropológica, a narrativa em história e a micro história, Roger Chartier resumiu com a frase “da história social da cultura a uma história cultural do social” os rumos que muitos historiadores estavam seguindo” (BERTUCCI, 2014, p.163-164).

Mais de uma década depois desta frase, mesmo considerando as palavras de Peter Burke que lembra como a “grande pergunta social: quem?” é repetidamente feita por historiadores da cultura (BURKE, 2005, p.148)³⁹, a definição feita por Roger Chartier a respeito de História Cultural continua sugestiva: “uma história dos objetos na sua materialidade, uma história das práticas nas suas diferenças e uma história das configurações, dos dispositivos nas suas variações” (CHARTIER, 1988, p.45). Definição particularmente instigante para os estudos da história da formação e das práticas educativas, como os do NUHFOPE.

Porém, como alerta Ragazzini (2001, p.19) para cada temática e problema de pesquisa, há fontes mais ou menos apropriadas. Por exemplo, o debate acerca da importância dos arquivos escolares na área da História da Educação, que acontece desde os anos 1990, motivou o desenvolvimento de projetos de conservação e de levantamento e catalogação de fontes, acervos e arquivos escolares no Brasil. Mas não apenas esses arquivos escolares, muitas vezes inacessíveis aos pesquisadores, por questão de gerenciamento, conservação e infraestrutura (MENEZES, 2005), podem fornecer subsídios para a História da Educação. Dentre os diversos tipos de acervos possíveis para pesquisas em História da Educação, notadamente se considerarmos os temas relacionados à formação e práticas educativas, os das bibliotecas são um campo frutífero para o

³⁹ Segundo Peter Burke, no século XXI “[...] alguns historiadores colocam a ênfase mais na parcela cultural, enquanto outros, no aspecto social” (BURKE, 2005, p.147).

levantamento de fontes, uma vez que constituem depositórios de produções diversas, em geral impressas. No caso de bibliotecas de uma Universidade, além das finalidades de consulta e fins de ensino, esses espaços são também locais de pesquisa, possibilitando potenciais investigações a partir dos materiais ali selecionados e guardados, muitas vezes viabilizando, total ou parcialmente, a execução de um projeto de pesquisa.

No campo universitário, tais acervos são utilizados preponderantemente por pesquisadores e alunos em formação, que precisam avançar no diálogo entre as demandas das áreas de conhecimento envolvidas, algo que define o papel de relevância da biblioteca universitária, de todas as áreas. Assim, considerando que “uma biblioteca universitária é, em muitos casos uma biblioteca de especialistas: os pesquisadores universitários” (BERTUCCI, 2000, p.6), elas podem exercer a guarda e preservação de materiais que pela importância, trajetória e até raridade ultrapassam o *status* de simples bibliografia, podendo ser considerados documentos históricos ou fontes sobre a História da Educação. Desta forma, mesmo acervos de bibliotecas, utilizados comumente como referência bibliográfica, pode ter potencial como objeto de pesquisa histórica, compreensão esta assumida pelo grupo de pesquisadores que compõem o NUHFOPE.

No Brasil, as bibliotecas universitárias merecem especial atenção, se considerarmos que a estrutura de pesquisa existente no país foi em grande parte centrada em faculdades desde a virada do século XIX para o XX. Especialmente as bibliotecas de instituições universitárias organizadas na primeira metade

dos Novecentos são locais que também podem ser considerados como guardiões de diversificados documentos, de uma memória coletiva da produção intelectual, portanto são monumentos com o fim de fundar, instituir, criar e construir significados acerca das formas de organização de uma dada coletividade (LE GOFF, 2003).

A Universidade Federal do Paraná (UFPR), instituição que reúne algumas instituições de ensino que remontam a década de 1910, detêm em suas bibliotecas uma coleção/acervo que, mais do que bibliografia, pode ser considerado fonte para diversas questões postas na História da Educação e seu levantamento pode contribuir para a maior utilização e valorização destes materiais por pesquisadores da área (PROJETO, 2016).

O Projeto de Pesquisa Fontes para a História da Formação e das Práticas Educativas: Levantamento em Bibliotecas da UFPR

O objetivo geral do Projeto de Pesquisa Fontes para a História da Formação e das Práticas Educativas: Levantamento em Bibliotecas da UFPR, do NUHFOPE, é localizar nos acervos das Bibliotecas da UFPR material que possa ser fonte para estudos de História da Educação. Esta localização, realizada a partir da busca sistemática nos acervos, é norteada pelas temáticas das duas Linhas de Pesquisa do Núcleo: *Saúde e Trabalhos: Saberes, Formação e Práticas Educativas; *Políticas Educacionais e Práticas Educativas. O trabalho foi dividido em

duas etapas, entre 2016 e 2019: 1º - identificação de livros e outros materiais impressos, catalogados em acervos das Bibliotecas da UFPR, que podem ser considerados fontes para a História da Educação nas temáticas delimitadas pelo Núcleo; 2º - elaboração de listagem destes materiais, com informações que auxiliem pesquisadores a identificá-los enquanto fontes.

A elaboração e realização deste projeto fomentou a parceria do NUHFOPE com o Projeto de Extensão Histórias e Memórias sobre Educação, que tem resultado em intercâmbio de técnicas de pesquisa e organização das informações que estão sendo elencadas pelo Projeto de Pesquisa durante o levantamento realizado nas Bibliotecas da UFPR; etapa que deve ser concluída em 2017. A parceria continuará durante a segunda etapa do Projeto de Pesquisa, que prevê a listagem dos materiais selecionados. A realização de reuniões conjuntas dos integrantes do Núcleo e do Projeto de Extensão para discussão dos dados coletados e os possíveis desdobramentos dos dois Projetos estão previstas.

Para a realização do Projeto de Pesquisa de levantamento nos acervos das Bibliotecas da UFPR e classificação do material selecionado nestas Bibliotecas, são efetuadas buscas *on-line* por Biblioteca e por ordem cronológica. Para a realização deste trabalho os integrantes do NUHFOPE foram divididos entre dois subgrupos: o G1 realiza buscas de 1701 a 1950 e o G2 de 1951 a 1980.

O recorte temporal foi delimitado considerando como principal referência os temas e períodos pesquisados pelos integrantes do NUHFOPE, sendo o ano de 1701 o inicial, por

ser dos Setecentos as mais antigas obras encontradas nas Bibliotecas da UFPR relacionadas com as temáticas do grupo (como a de Fenelon, *Education des filles: fables* de 1700? e a de Lemery, *Dictionaire ou traité universel des drogues simples* de 1716 ⁴⁰). O ano de 1980 é o marco final, assumido como demarcador possível para a implantação e impactos das reformas educacionais derivadas do período da ditadura civil-militar no Brasil.

Para efetivar essas buscas foram definidas palavras-chave, a partir de terminologias mais gerais até as mais específicas, com o objetivo inicial de mapear uma maior amplitude de materiais, para posterior refinamento da listagem nas discussões do NUHFOPE, a partir das suas Linhas de Pesquisa. Algumas palavras-chave são específicas para o subgrupo G1, mas a grande maioria delas será consultada em todos os períodos, mesmo quando sejam mais comuns em algumas décadas específicas, como indica o quadro 1.

Para a busca inicial no *site* do Sistema de Bibliotecas da UFPR são utilizados os seguintes parâmetros: Busca combinada – palavra-chave inserida nos campos: Todos os Campos, Título e Assunto; com delimitação temporal inicial e final, informando o período também em Edição. Fazer a opção por: qualquer

⁴⁰ Nas Bibliotecas da UFPR, o número de obras anteriores a primeira metade do século XIX é, em geral, pequeno; quanto às obras relacionadas com as temáticas dos pesquisadores do NUHFOPE o número é ainda menor, entre elas estão: FENELON, F. *Education des filles: fables*. Paris: E. Flamarion, 1700? – Obras Raras, Biblioteca de Humanas. LEMERY, N. *Dictionaire ou traité universel des drogues simples*. Rotterdam: [s.n.], 1716 – Obras Raras, Biblioteca de Biológicas.

biblioteca; qualquer material; qualquer idioma. Um material assim localizado e selecionado no acervo tem seus dados, inclusive os de localização no acervo, copiados e colados em uma Planilha com colunas padronizadas para diferentes itens, entre eles autor, ano de publicação e palavra-chave. A Planilha pode ser reorganizada a partir da informação de cada uma dessas colunas (PROJETO, 2016).

Quadro 1 – Palavras-chave utilizadas na pesquisa do NUHFOPE

Para os dois subgrupos	aluno - arte;educação - arte infantil - desenvolvimento;desenvolvimentismo - desenvolvimento infantil - disciplina - docência - docente - educação - educação artística - educação;economia - educacional - ensino - epidemia - escola - escolinha de arte - escola normal - escolarização - estudante - formação - higiene;higienismo - livre expressão - magistério - normalista - operário - práticas educativas - planejamento - professor - profissão;profissional - profissionalizante - sanitário;sanitarismo - trabalho;trabalhador.
Específicas G1	instrução - estética - eugenia - puericultura - raça - tese.

Para a composição da Planilha, utilizou-se como referência algumas das proposições de Vidal e Zaia (2001), a partir da experiência desenvolvida em arquivos escolares de escolas técnicas do Estado de São Paulo, adaptando-as para a especificidade de acervo de biblioteca e acrescentando elementos considerados relevantes pelos pesquisadores do

NUHFOPE, a fim de facilitar futuras pesquisas e a localização do material. Os itens contemplados na Planilha são os seguintes:

- título, copiado e colado do *site* - sem espaços antes do início da digitação do título e sem aspas.

- autor (SOBRENOME, inicial(is) nome(s)), copiado e colado do *site* no item Entrada Principal

- ano da publicação

- biblioteca em que o material se encontra, conforme consta no *site*

- número de chamada, ou seja, localizador na biblioteca, disponível na parte Detalhes da página do título pesquisado

- referência bibliográfica do material, copiada do modo automático disponível no item Referência no *site*

- tipo de material, conforme a classificação indicada no *site*

- palavra-chave (da pesquisa) em que o material apareceu na busca no *site*

O mesmo material, se localizado na busca no *site* em diversas bibliotecas, será repetido na tabela na primeira etapa da pesquisa, a fim de arrolar distintas edições (PROJETO, 2016).

Na segunda etapa do Projeto será realizada a discussão e avaliação, nos subgrupos, dos casos de dúvida e, se necessário, verificação do material no acervo, do que derivará listagem relativa a cada um dos subgrupos (G1 e G2). As duas listagens serão unificadas e então analisadas e discutidas no NUHFOPE. O produto direto do Projeto de Pesquisa Fontes para a História da Formação e das Práticas Educativas: Levantamento em Bibliotecas da UFPR será a catalogação das fontes identificadas,

que serão disponibilizadas junto ao Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (CDPHE)⁴¹, Setor Educação da UFPR, buscando-se assim a maior divulgação de materiais dos acervos das Bibliotecas da UFPR que podem ser fontes para a produção de conhecimento na área da História da Educação.

O desenvolvimento de projetos de pesquisa como este, articulado à natureza extensiva, só é possível, no nosso entendimento, quando articulado por um Grupo de Pesquisa preocupado não só com suas temáticas, mas com o acesso problematizador das fontes. Sem esta articulação, a socialização de dados se torna inócua.

Referências bibliográficas

BERTUCCI, Liane Maria. Nas margens, com Natalie Zemon Davis. In: MESQUITA, Ilka Miglio *et al* (orgs.) *Nas dobras de Clio: história social e história da educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014, 163-185.

BERTUCCI, Liane Maria. Seleção: aspecto primordial do gerenciamento da biblioteca universitária no século XXI. In: Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. XI, 2000, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: SNBU, 2000, 11p; CD-ROM.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

⁴¹ Iniciativa da Linha de Pesquisa História e Historiografia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

LE GOFF, Jacques. (dir.) *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: LE GOFF, J. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 525-541.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (dir.). *História: novas abordagens. História: novos objetos. História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1976. 3 volumes.

MENEZES, Maria C. A constituição do arquivo escolar em lugar de memória e estudo da escola brasileira. In: *Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana. Anais...* Quito, Equador, 2005, 9p. CD-ROM.

PROJETO de Extensão Histórias e memórias sobre Educação. Banpesq UFPR nº 2014014908. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

PROJETO de Pesquisa Fontes para a História da Formação e das Práticas Educativas: Levantamento em Bibliotecas da UFPR. Banpesq UFPR nº 2016019193. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2016.

RAGAZZINI, Dario. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? *Educar em Revista*, Curitiba, nº 18, p.13-28, 2001.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VIDAL, Diana Gonçalves; ZAIA, Iomar Barbosa De arquivo morto a permanente: o arquivo escolar e a construção da cidadania. In: MORAES, Carmen Silvy Vidigal; ALVES, Júlia Falivene. (orgs.) *Contribuição à pesquisa do ensino técnico no Estado de São Paulo: inventário de fontes documentais*. São Paulo: Centro Paula Souza, 2001?, p. 33-42.

Parte II

DOCUMENTOS RELACIONADOS AO PROJETO

1. Passo a passo das atividades no arquivo

Danielle Manika Koeb

Antes de iniciar a atividade com os documentos, colocar todos os materiais de proteção: touca, máscara, guarda-pó, óculos e luvas.

Ao iniciar a higienização de uma pasta:

1. Anotar na planilha o número da nova caixa e o que está descrito na caixa que será higienizada;
2. Montar uma caixa nova identificando-a com o número;
3. Os documentos devem ser limpos um a um frente e verso;
4. Todos os cliques e grampos antigos devem ser retirados;
5. Recolocar cliques novos quando necessário, ou utilizar os envelopes;
6. Enunciar os envelopes de acordo com os documentos que ali serão guardados;
7. A numeração das caixas é única. Nunca deverá haver duas caixas com o mesmo número.
8. Quem iniciar a higienização de uma caixa deverá concluí-la;
9. Documentos repetidos (cópias) ou em branco podem ser descartados. No caso de processos, a capa deverá permanecer com o conjunto dos documentos;

10. Sempre que houver documentos diferentes do que estava descrito inicialmente na caixa, anotar na planilha;

11. Digitar os dados na planilha que se encontra na área de trabalho, atualizando-a;

12. Sempre estar atento aos materiais: caixas, cliques, máscaras, avental, luvas, entre outros. Quando necessário, solicitar no almoxarifado.

13. A higiene do arquivo é de nossa responsabilidade: deixar os materiais utilizados em ordem, limpar a mesa, varrer o chão e retirar o lixo.

2. Procedimentos relativos a documentos – Setor de Educação

*Comissão de Avaliação Documental do Setor de Educação e
Comissão Permanente de Avaliação Documental da UFPR*

I - Para envio de documentos ao Arquivo

1) Secretaria da Unidade deve averiguar a orientação das tabelas de temporalidade (atividades meio e atividades fim - CONARQ), conforme orientação do Setor. Somente devem ser encaminhados para o Arquivo os documentos na fase de guarda permanente.

2) Os documentos que podem ser eliminados devem seguir o Procedimento para eliminação de documentos.

3) Os documentos a serem encaminhados ao Arquivo do Setor devem estar organizados por assunto, conforme o respectivo código de classificação; deve haver apenas uma cópia de cada documento; devem ser retirados os grampos; no caso de documentos com mais de uma folha, unidos por cliques (novo, sem ferrugem).

4) A caixa box com documentos, a ser encaminhada ao Arquivo do Setor deve estar limpa, e conter identificação externa, conforme modelo de etiqueta em anexo (Anexo 1). A entrega do material no Arquivo deverá ocorrer mediante agendamento com servidor que desenvolva atividades junto ao

Arquivo ou com algum membro da Comissão de Avaliação Documental do Setor de Educação.

5) Junto com cada caixa box deverá ser entregue à Comissão de Avaliação Documental do Setor (impresso e por e-mail) o Termo de Recolhimento de Documentos (Anexo 2), devidamente preenchido conforme orientação em anexo (Anexo 3). Uma cópia deste Termo deverá ficar arquivada na Secretaria da Unidade.

6) O arquivo do Termo de Recolhimento de Documentos também deverá ser enviado por e-mail para a Comissão Permanente de Avaliação de Documentos (CPAD), para o e-mail cpad@ufpr.br com o Assunto: Documentos Permanentes da Unidade “X” do Setor de Educação.

II – Para realização de pesquisa no Arquivo do Setor

1) Na Recepção da Direção do Setor (ou com servidor pré-designado) haverá um formulário próprio (Anexo 4) a ser preenchido pelo interessado, com informações sobre quais documentos ou assunto está procurando.

2) A este interessado será disponibilizada relação dos documentos já higienizados e inventariados, para que averigue se a documentação que procura está ali localizada. Caso esteja, deverá ser agendada data para pesquisa, junto de bolsista, estagiário ou servidor que desenvolva atividades junto ao Arquivo, permitindo-se que os documentos de interesse sejam fotografados sem uso de flash.

3) Caso os documentos de interesse não estejam higienizados e inventariados, deverá ser agendada data para pesquisa, junto de bolsista, estagiário ou servidor que desenvolva atividades no Arquivo, permitindo-se que os documentos de interesse sejam fotografados sem uso de flash. A pesquisa ao acervo caberá ao interessado, que deverá respeitar as orientações da pessoa responsável que estará com ele no Arquivo. Também, serão disponibilizados materiais de proteção (luva, máscara, óculos) ao pesquisador.

4) No caso de utilização de documentos do Arquivo do Setor, o pesquisador deverá assinar um termo em que se comprometa a identificar o Acervo relativo aos documentos utilizados.

5) A pesquisa em documentação com informações pessoais e/ou confidenciais poderá ser realizada somente com autorização específica do interessado. A Comissão de Avaliação Documental do Setor providenciará a orientação específica quanto a estes documentos.

6) Os documentos não deverão sair do Arquivo.

III – Para eliminação de documentos

A eliminação de documentos públicos deverá atender ao disposto na Lei 8.159, de 08 de janeiro de 1991 e na Resolução n.40, de 09 de dezembro de 2014 – CONARQ.

1) Antes de definir quais documentos poderão ser eliminados, é preciso separá-los em dois tipos: aqueles relativos

às atividades fim da UFPR (ensino, pesquisa e extensão) e aqueles relativos às atividades meio (atividades administrativas).

2) Somente após a separação dos documentos das atividades meio e das atividades fim é possível consultar os Códigos de Classificação das Atividades Meio e Fim e as respectivas Tabelas de Temporalidades, para saber quanto tempo os documentos deverão ficar na Secretaria, e quando deverão ser enviados para o Arquivo (no caso de guarda permanente, ver procedimento I), ou encaminhados para eliminação.

3) Após certificar-se da existência de documentos que já cumpriram o período de guarda determinado pela respectiva Tabela de Temporalidade, deve-se fazer a relação dos mesmos, conforme modelo de Listagem de eliminação de documentos (Anexo 5). Estes documentos deverão ser organizados em caixas box, seguindo a mesma orientação de identificação do Procedimento I.

4) A Listagem de eliminação de documentos preenchida deverá ser entregue (impresa e por e-mail) para a Comissão de Avaliação Documental do Setor de Educação, quando da entrega das caixas box com documentos para eliminação no Arquivo, e uma cópia da mesma deverá ser guardada na Unidade de origem.

Anexo 1 – Modelo de Etiqueta

Os campos devem ser preenchidos conforme os casos, abaixo um exemplo.

SETOR DE EDUCAÇÃO (ED) ARQUIVO PERMANENTE	
PROVENIÊNCIA/FUNDO: (Unidade de origem) (Exemplo) DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO	
Cx.: _____	
ATIVIDADE: FIM	
CÓDIGO DE CLASSIFICAÇÃO:	
	125.43
ASSUNTO: ASSENTAMENTO INDIVIDUAL DE ALUNOS	
TIPOLOGIA DOCUMENTAL: DOSSIÊ DE ALUNOS	
PRAZO DE GUARDA: 100 ANOS	
CAMPO DE RECUPERAÇÃO	
ANO DE CONCLUSÃO: 1941 – 1945 (A/F)	
DATA-LIMITE: 1941 – 1945	
OBSERVAÇÕES: O Prazo de Guarda é contado a partir do Ano de Conclusão (de aluno) ou de emissão do documento.	

Anexo 2 – Termo de Recolhimento

Termo de Recolhimento de Documentos

Unidade e Subunidade de Procedência:

Termo nº:

Folha nº:

Gênero Documental:

Tipo Documental:

Datas-Limite: Unidade de acondicionamento:

Quantificação em Metros Lineares:

Código de Classificação:

Descrição do Conteúdo:

Observações:

Responsável pelo Recolhimento:

(Assinatura\Carimbo)

Data do Recolhimento:

Responsável pelo Recebimento:

Data do Recebimento:

Comissão Permanente de Avaliação de Documentos - CPAD
Rua Dr. Faivre, 405 - 2º andar - CEP 80060-140. Curitiba –
Paraná

cpad@ufpr.br

Anexo 3 – Orientações da CPAD para preenchimento dos campos do termo de recolhimento

Órgão de Procedência: Departamento ou Unidade que está enviando a documentação para o Arquivo do Setor de Educação.

Nº do Termo: Número sequencial por ano ex. 01/2016

Nº de folha do Termo: numeração sequencial seguida do número total de folhas (ex. 01/03, 02/03 e 03/03)

Gênero Documental: Indicar o gênero da documentação. Ex: Se o documento for em suporte papel preencher o campo textual.

Tipo Documental: Especificar o tipo ou tipos documentais que estão sendo transferidos: Ex: pasta funcional /processos/atas/ofícios/relatórios/movimento caixa.

Datas-Limite: Data abrangente do tipo documental que está sendo relacionado (documento mais antigo até o mais recente). Ex: 1990-1995.

Unidade de Acondicionamento: Forma de acondicionamento do material remetido. Ex: (caixa-arquivo, pastas AZ)

Código de Classificação: Utilizar o código de Classificação referente ao assunto de acordo com os Códigos de Classificação de Atividades-meio (1996) e das Atividades-fins das Instituições Federais de Ensino Superior (2011), bem como suas respectivas tabelas de temporalidade elaborados e aprovados pelo Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ.

Descrição do Conteúdo: Relacionar os documentos que estão sendo encaminhados: Ex: nº do processo, nome e matrícula do servidor, nº da ata.

Observações: Campo de preenchimento não obrigatório. Utilizar quando necessário especificar alguma particularidades da documentação.

Responsável pelo Recolhimento: Assinatura e carimbo do servidor responsável pelo recolhimento.

Data da Recolhimento: Data de envio do material

Responsável pelo Recebimento: Assinatura e carimbo do servidor que recebeu a documentação.

Data da do Recebimento: Data de recebimento do material.

Anexo 4 – Formulário para solicitação de documentação para pesquisa – Setor de Educação

Nome:

E-mail:

Telefones:

Instituição/Programa:

Tema de pesquisa:

Período:

Documentos de interesse:

Declaro conhecer e concordar com os procedimentos do Setor de Educação relativos a pesquisa e uso de documentos.

Curitiba, ___ de _____ de ____

Assinatura do interessado:

Anexo 5 – Listagem para eliminação de documentos

MODELO DE LISTAGEM DE ELIMINAÇÃO DE DOCUMENTOS - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ					
PRÓ-REITORIA/ SETOR / UNIDADE :	LISTAGEM N.º:				FOLHA N.º:
CÓDIGO DO ITEM	ASSUNTO/SÉRIE	DATAS-LIMITE	QUANTIDADE	ESPECIFICAÇÃO	JUSTIFICATIVA
LOCAL/DATA:	RESPONSÁVEL PELA CLASSIFICAÇÃO DOCUMENTAL:				
LOCAL/DATA:	PRESIDENTE DA COMISSÃO SETORIAL DE AVALIAÇÃO DE DOCUMENTOS (CSAD):				
LOCAL/DATA:	PRESIDENTE DA COMISSÃO PERMANENTE DE AVALIAÇÃO DE DOCUMENTOS (CPAD):				
LOCAL/DATA:	AUTORIDADE DO ÓRGÃO A QUEM COMPETE AUTORIZAR:				

3. Manual de transcrição das entrevistas

Priscila Moschetta

1- Salve o(s) arquivo(s) da entrevista no pen drive do projeto.

2- Abra o(s) arquivo(s) seguindo a ordem cronológica da entrevista utilizando, preferencialmente, o programa VLC Media Player. Para facilitar o processo de escuta das falas, utilize fones de ouvido e/ou caixas de som auxiliares.

3- Abra um novo documento no Microsoft Word.

4- Siga as seguintes normas para a formatação do documento de transcrição:

Margens: Normal.

Título: Fonte Arial, Tamanho 12, Maiúsculas, Negrito, Centralizado.

Exemplo de título: **ENTREVISTA COM A PROFESSORA XXXX XXXXX XXXXX (DD/MM/AAAA)**

Fonte do texto: Arial, Tamanho 12.

Alinhamento: Justificado.

Espaçamento entre linhas: 1,5.

Nome do entrevistador/entrevistado: Fonte Arial, Tamanho 12, Negrito, apenas a primeira letra de cada palavra em maiúsculo.

5- Durante as entrevistas, provavelmente você se deparará com a utilização de gírias, abreviações de palavras, etc. Seguem alguns exemplos: “Eu **tava** doente”; “Eu fui jantar **né** e, depois, fui dormir”. Na hora de transcrever, você deverá seguir a

norma culta padrão, portanto, as frases deverão ser transcritas da seguinte forma: “Eu **estava** doente”; “Eu fui jantar e, depois, fui dormir”.

6- Quando for utilizar uma sigla pela primeira vez, coloque ao lado o seu significado. Por exemplo: PUC-PR (Pontifícia Universidade Católica do Paraná).

7- Os números deverão aparecer, preferencialmente, por extenso.

8- Cuidados técnicos a serem tomados:

Ocorrência	Sinais	Exemplificação
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	Numa outra vez que entrei na sala (Homero de Barros)
Comentários descritivos do transcritor	(minúsculas)	(a professora B se emociona e não consegue mais terminar de ler a mensagem)
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	“Dizia Drummond, lá do seu jeito inimitável de bem arrumar as palavras (...)”.

FONTE: Modificada de PRETI (1999).

9- Ao término da transcrição, utilize a ferramenta de revisão de ortografia e gramática disponível no Microsoft Word.

10- Salve o arquivo da transcrição no pen drive do projeto e também no computador do projeto. O nome do arquivo deverá seguir o exemplo: Entrevista - Professora Xxxx Xxxx Xxxx.

11- Envie o arquivo da transcrição por e-mail para as professoras Nadia e Cleusa fazerem as correções necessárias.

4. Roteiro de filmagem

*Carina Abreu Soares*⁴²

Local das filmagens e decoração

As filmagens normalmente ocorrem na sala de vídeoconferência situada no segundo andar do prédio Dom Pedro I da Reitoria da Universidade Federal do Paraná⁴³, essa sala foi escolhida devido sua estrutura acústica que permite o mínimo de ruídos, assim como é possível controlar a luminosidade da sala, evitando a entrada de luzes externas que possam vir a prejudicar a imagem final, a sala deve estar de acordo, sem luz excessiva ou sons. É necessário chegar ao menos com uma hora de antecedência para organização do ambiente e teste de equipamentos.

A preparação do ambiente para as filmagens começa pelo mobiliário escolhido para compor toda a apresentação. Na secretaria de educação situada no mesmo andar, está disponível para o projeto, apenas para os dias de filmagem: móveis antigos em madeira, estofados em couro, dentre esses duas poltronas, cadeiras e uma mesa de centro, bolsistas do projeto são responsáveis pela retirada e devolução do mobiliário, não há pessoas na Universidade disponíveis para esse trabalho.

Nas primeiras filmagens optamos pelas poltronas, são mais pesadas e mais difíceis de levar até a sala de vídeo

⁴² Bolsista do projeto de 2012 a 2016.

⁴³ Rua General Carneiro, 460 – Curitiba/PR.

conferência, são necessárias pelo menos duas pessoas para carregar, mas compõe um lindo cenário acompanhadas da mesa de centro, porém, uma das entrevistadas não se sentiu confortável com as poltronas, pois a almofada em couro afunda ao sentar, com isso não possibilita manter a coluna ereta, nesse dia optamos pelas cadeiras, o cenário ficou também muito bonito, e também mais fácil de ser montado, além de proporcionar maior conforto, permitindo mais firmeza do corpo, e com essa experiência, foi perceptível que as cadeiras são melhores opções.

Além do mobiliário, na mesa central é colocada uma toalha de crochê com um arranjo de flores e porta copos, assim como copos para entrevistada (o) e entrevistadora, esse material pertence ao Centro de Documentação (CDPHE), foi comprado e/ou feitos artesanalmente (no caso das toalhas e porta copos) pela professora Nadia, o material está disponível no 5º andar da sala 501 do prédio Dom Pedro II⁴⁴ da reitoria, em frente ao Dom Pedro I, está dentro de uma caixa que contém: Arranjo de flores, toalhas de crochê, porta copos em crochê, jarra de água, copos e uma pequena bandeja em inox.

A água deve ser colocada nos copos antes de iniciar as gravações, pois quem estiver responsável pelas filmagens, durante a gravação, não deve entrar em frente à câmera, uma opção caso o copo se esvazie é deixar a jarra com água ou uma garrafa pequena de água mineral disponível, atrás do arranjo, para que a pessoa se sirva, caso se faça necessário. Além da

⁴⁴ Rua Dr. Faivre, 405 – Curitiba/PR.

água, se houver, disponibilizamos café, suco e algo para comer, normalmente bolacha/biscoito água e sal, mas somente nos intervalos ou ao final da gravação, não colocar sobre a mesa central coisas de comer, nem poluir a mesa com muitas coisas, o espaço é destinado somente aos copos com água, o arranjo e papéis ou livros.

A câmera

Utilizamos a câmera disponível na secretaria da educação, há pessoas responsáveis pela liberação da mesma, além da câmera, é utilizado o tripé de apoio. Na sala 501 do CDPHE no mesmo armário onde se encontra a caixa com os artigos de decoração, há um cartão de memória de 16GB acompanhado de um adaptador, assim como um *Headphone* (um fone de ouvidos grande em arco) utilizado para controlar o som recebido pela câmera.

Na câmera vem um cartão de memória que para as filmagens deve ser retirado e colocado o nosso, a câmera deve ser colocada no tripé e nivelada para capte a imagem enquadrada de entrevistadora e entrevistada (o), a câmera fica imóvel no tripé, nunca é segurada por quem realiza a filmagem, o quadro deve estar da seguinte forma: mesa de centro aparente, entrevistada (o) e entrevistadora, a parte de cima do quadro deve ter um espaço acima da cabeça de ambos para que não haja cortes, assim como não deve haver cortes laterais, o quadro fica

limpo, ajustado e com todo o ambiente montado visível, excluindo o restante da sala.

O som é recebido através do próprio microfone da câmera, portanto durante a filmagem não se deve mexer na câmera, fazer ruídos ou falar atrás da mesma, evitar ligar ar condicionado ou ventilador, pois tudo será registrado e poderá estragar o vídeo final. O *Headphone* deve ser acoplado à câmera para que quem esteja filmando não acesse sons externos, e possa ouvir apenas o som recebido pela câmera.

Como já dito, a filmagem é com câmera parada, não se deve mexer no equipamento enquanto está em uso; a gravação pode ser feita em duas partes ou mais, caso haja necessidade de pausas, caso ocorram pausas, a filmagem é pausada e recomeçada após o retorno, cada pausa leva a um novo arquivo de vídeo, portanto, ao concluir os dados devem ser colocados no HD externo que se encontra na sala 501 do CDPHE, e todos os arquivos daquela (e) entrevistada (o) devem ser colocados na mesma pasta virtual com nome da pessoa entrevistada, o cartão de memória deve ser esvaziado, para novas entrevistas.

Finalizando a gravação do dia, conferir se o termo de cessão, em anexo, foi assinado pela pessoa entrevista e se todos os dados constam no documento, normalmente, esse termo já vem pronto e a entrevistadora o trará para quem estiver responsável pelas gravações.

Todo equipamento deve ser devolvido exatamente como foi retirado da secretaria, dentro da caixa, guardado da mesma forma, assim como o mobiliário deve ser recolocado no ambiente do qual foi retirado.

A sala de vídeoconferência deve ser arrumada da forma que foi encontrada, lixo deve ser jogado nas lixeiras disponíveis na sala, e o material retirado da sala do CDPHE deve ser devolvido no mesmo lugar, copos devem ser lavados ou limpos com álcool, a chave da sala de vídeo conferência deve ser devolvida na secretaria para algum dos atendentes.

5. Termo de cessão

Pelo presente documento eu, _____, RG _____, CPF _____, residente na _____, número ____, complemento _____, cidade de _____, Estado _____, declaro ceder ao Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, sem quaisquer restrições aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do conteúdo depoimento de caráter histórico e documental que prestei em ____ de _____ de _____, em um total de _____ minutos e _____ segundos filmados.

Estou ciente de que este depoimento constituirá um acervo público, e de que somente poderá ser publicizado após minha aprovação da transcrição do mesmo.

Fica conseqüentemente autorizada a instituição a utilizar, publicar e divulgar, para fins exclusivamente acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, na íntegra ou em parte, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade na indicação de fonte e autor.

Curitiba, ____ de _____ de _____.

Assinatura do cedente: _____.

6 - Carta para os depoimentos de professores em entrevista para o projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO
**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS SOBRE EDUCAÇÃO:
professores da UFPR**
Projeto de Pesquisa e Extensão

Prezado (a) Professor (a)

Agradecemos por ter aceito nosso convite para participar desse projeto, se disponibilizando a contribuir para os registros a serem gravados e posteriormente transformados em textos que contarão parte da história do Setor de Educação e da Universidade Federal do Paraná, como parte da história da educação paranaense.

Seu depoimento se inscreve no projeto de extensão e pesquisa cujo título está acima referenciado e que “tem por objetivo promover ações educativas, de pesquisa e de constituição e preservação de acervos e fontes relacionados à História da Educação, em especial do Paraná”, destacando-se como ações previstas, a “constituição de um acervo audiovisual de depoimentos sobre histórias e memórias relacionadas à Educação” e a “constituição e disponibilização de acervo documental sobre História da Educação, junto ao Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação (Setor de

Educação/UFPR), para fins didáticos e de pesquisa”. Sua participação é da maior importância para a concretização desses objetivos.

Durante o depoimento, solicitaremos que nos fale a respeito de sua caminhada e história como professor(a) , incluindo as outras funções e papéis que também desempenhou ao longo de sua carreira na UFPR. A fim de mantermos uma estrutura básica comum em todos os depoimentos, destacamos algumas questões distribuídas em três blocos. E, como o tempo previsto para a duração do depoimento é de aproximadamente 2 horas e 30 minutos, teremos para cada bloco de questões em torno de 40 minutos. Enfatizamos que o principal foco do relato é a sua história profissional, incluindo as dificuldades e as condições favoráveis que encontrou durante esse percurso.

A organização estrutural básica e o tempo previsto apenas nortearão o desenrolar da “conversa”, de modo a oportunizar o máximo possível de aproveitamento de sua contribuição.

Professora Nadia Gaiofatto Gonçalves
(coordenadora)
Departamento de Teoria e Prática de Ensino

Professora Cleusa Valério Gabardo
(vice-coordenadora)
Departamento de Teoria e
Fundamentos da Educação

7. Roteiro para os depoimentos de professores em entrevista para o projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação

I. IDENTIFICAÇÃO

1. Nome
2. Formação
3. Graduação
4. Pós-Graduação
5. Ano em que se aposentou pela UFPR
6. Função e/ou atividade desempenhada em outra instituição:
 - antes do ingresso na UFPR
 - durante o tempo de permanência nessa instituição (período)
7. Função(ões) e/ou atividade(s) que desempenhou após a aposentadoria, na UFPR ou em outra instituição, e por quanto tempo
8. Outras informações que considerar relevantes

II. TRAJETÓRIA ACADÊMICA na UFPR

- A.** Ano de ingresso nesta instituição
Tempo de trabalho como professor

- B.** Áreas de atuação:

BLOCO I - ENSINO

- 1- Setor(es)/Departamento(s) no(s) qual(ais) atuou
- 2 - **Disciplinas ministradas na graduação, por curso**
- 3 - **Disciplinas ministradas na pós graduação, por curso e linha de pesquisa**

4 – Que importância era atribuída, à época, a essas disciplinas, na graduação e na pós graduação

5 – Como analisa os currículos e as disciplinas do(s) cursos onde atuou, tanto na graduação quanto na pós graduação, quanto à:

▶ **relação entre os conteúdos trabalhados, o contexto e a prática** para a qual se destinavam

▶ relação com a(s) proposta(s) pedagógica(s) em vigência (concepções,

metodologias, objetivos, ...), em cada período ou época

▶ outras informações que considerar relevantes

BLOCO II - PESQUISA

1. Projetos nos quais trabalhou, que considera mais relevantes

1.1 Forma de atuação:

() individual () em equipe: coordenador/a ou vice

() em equipe: membro participante

1.2. Breves considerações sobre cada um dos projetos citados, considerando:

▶ relação /articulação com **a graduação** e/ou com a **pós graduação**

▶ relação com **o contexto e a prática** para a qual se destinavam

▶ **outras informações** que considerar **relevantes**

BLOCO III - EXTENSÃO

1. Atividades: cursos, eventos, projetos, outros nos quais trabalhou, que considera mais relevantes

1.1 Forma de atuação:

() individual () em equipe: coordenador/a ou vice

() em equipe: membro participante

1.2. Breves considerações sobre cada uma das atividades citadas, considerando:

▶ relação /articulação com **a graduação** e/ou com a **pós graduação**

▶ relação com **o contexto e a prática** para a qual se destinavam

▶ **outras informações** que considerar **relevantes**

BLOCO IV – GESTÃO

1. Atividades, funções ou cargos desempenhados que considera mais relevantes:

▶ no Setor ou como representante do Setor

▶ em outros Setores, Unidades ou Órgãos da UFPR; ou, como representante deles

1.1 Forma de atuação:

() individual () em equipe: chefe ou suplente; coordenador/a ou vice

() em equipe: membro participante

1.2. Breves considerações sobre cada uma das atividades citadas, considerando:

▶ relação /articulação com **a graduação** e/ou com a **pós graduação**

▶ relação com **o contexto e a prática** para a qual se destinavam

▶ **outras informações** que considerar **relevantes**

C. Como analisa a **sua trajetória acadêmica**, quanto a questões como:

▶ movimento em direção a mudanças na qualidade do ensino, em cada período ou época

▶ relação com os contextos mundial, nacional e a universidade/influências que considera mais marcantes; de que

forma essas influências se colocavam na sua trajetória acadêmica;

- ▶ relação entre o movimento de professores, as políticas educacionais e as mudanças ocorridas na UFPR, que interferiram na sua trajetória acadêmica;
- ▶ curiosidades que gostaria de destacar no cotidiano do Setor (colegas, desafios, outras...)

Este livro foi impresso na Imprensa da UFPR, com recursos do Fundo de Desenvolvimento Acadêmico (FDA).